



VOCÊ É MEU

Sonho

ROMANCE. ação
e ROCK

Dani Elliott



VOCÊ É MEU SONHO

Romance, ação e rock

DANI ELIOTT

CONTENTS

[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Quatorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)
[Capítulo Dezessete](#)
[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Capítulo Vinte](#)
[Capítulo Vinte e um](#)
[Capítulo Vinte e dois](#)
[Capítulo Vinte e três](#)
[Capítulo Vinte e quatro](#)
[Capítulo Vinte e cinco](#)
[Capítulo Vinte e seis](#)
[Capítulo Vinte e sete](#)
[Capítulo Vinte e oito](#)
[Capítulo Vinte e nove](#)
[Capítulo Trinta](#)
[Capítulo Trinta e um](#)
[Epilogue](#)

Título: Você é meu sonho
Copyright © 2020 Dani Elliott
Registro da Propriedade Intelectual
Capa: imagem utilizada com licença Depositphotos™

Todos os direitos reservados. A reprodução total ou parcial deste trabalho, ou a sua incorporação a um sistema de computador, ou a sua transmissão de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros) não é permitida sem autorização prévia por escrito dos proprietários dos direitos autorais. A violação de tais direitos pode constituir crime contra propriedade intelectual.



Esta é uma obra de ficção na sua totalidade. Lembre-se de que os nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e fatos que aparecem nele são o produto da imaginação do autor ou são usados no âmbito da ficção. Qualquer semelhança com pessoas (vivas ou mortas) ou eventos reais é pura coincidência.

CAPÍTULO UM

July

Eu havia fantasiado sobre esse dia desde criança. Me imaginei usando um vestido de renda branca, com flores na mão e uma carruagem puxada a cavalo que me levaria a um castelo escocês onde meu homem rico e poderoso esperava para me tornar sua esposa.

Mas, a realidade acabou sendo uma vadia, e meus sonhos foram para a merda.

O magnífico castelo foi substituído por um centro de convenções, e o encantador vestido branco que deveria fluir por quilômetros foi substituído por uma maldita bugiganga de pano barato.

Pelo menos uma coisa parecia estar acontecendo.

Eu ia me casar com o homem que amava, cercada por meus amigos e familiares, e estava pronta para começar minha nova vida com um grande homem ao meu lado.

Em todas as minhas fantasias, no entanto, havia uma coisa que eu nunca imaginei. Uma pessoa em particular que nunca chegou à minha lista de convidados dos sonhos e que pairava acima de mim na época, seus olhos negros de carvão entre um rosto coberto de cabelos castanhos chocolate e selvagens.

Chewbacca.

E não apenas isso, era Chewbacca vestido com um smoking que, surpreendentemente, se encaixava muito bem.

—Mffmhmhm?

—Hum, desculpe. Eu não falo wookiee— respondi.

Ele deu de ombros de uma maneira frustrada que, devo admitir, estava um pouco fora do personagem. Ele parecia mais um pirralho adolescente do

que um Wookiee temível e poderoso.

—Mffmmhmm! — Ele repetiu.

Eu decidi que era o suficiente.

—Cory, por mais que eu admire sua dedicação à autenticidade, você precisará tirar isso se quiser que eu ouça uma única palavra do que você diz.

Ele balançou a cabeça por um momento, como se tentasse pesar os prós e contras da separação do personagem. Finalmente, ele levantou as mãos grandes e peludas e tirou a máscara, mostrando um rosto rechonchudo, com os cabelos tipicamente despenteados e bagunçados presos à testa suada. Ele respirou fundo algumas vezes, como se tivesse acabado de sair de uma sauna e precisava desesperadamente trazer um pouco de ar livre aos pulmões.

—Sinto muito. O traje é muito quente.

—Eu entendo. Essa coisa deve ser como um forno. Um forno coberto de pêlos, se é que isso existe.

—Você acha que isso é cabelo de verdade? — Ele perguntou, puxando um punhado de seu antebraço. —Eu nem sei se é. Mas fico longe das velas, porque tenho certeza de que, seja lá do que for feito esse traje, ele queimará como papel de seda se eu ficar um pouco mais perto do fogo.

Olhei por cima do ombro para a cena atrás dele. Era uma loucura disfarçada. Os convidados do casamento estavam todos no modo cosplay, vestidos como seus personagens favoritos de fantasia e ficção científica. Um remix techno do que parecia o tema Battlestar Galactica. Uma das festas mais nerd que eu já vi.

Mas não era apenas uma festa, mas um casamento. Meu casamento. Tudo feito com as especificações do meu futuro marido e com muito pouca participação da minha parte.

Uma figura esbelta se aproximou de mim, uma que reconheci imediatamente, mesmo pelo canto do olho, como Loisa Weeks. Assistente social, loira explosiva, uma das minhas melhores amigas e madrinha de casamento. Ela usava um vestido longo e elegante, com o cabelo loiro amarrado na nuca em uma trança grossa que emoldurava suas belas feições como uma auréola.

—Cory— disse ela, cruzando os braços sobre o peito e inclinando os quadris para o lado. —É melhor você estar aqui por algum bom motivo. Estamos preparando está linda garota, e tenho certeza que dar azar que você esteja na presença dela.

Eu não pude deixar de sorrir. Me defender nunca foi um problema para

mim, mas Loisa sempre se certificava de erradicar a inconveniência antes que eles tivessem a chance de começar.

—É verdade. — A resposta saiu da minha boca sem pensar.

O rosto de Cory, já vermelho do traje, aumentou seu rubor.

—Eu sei, eu sei. Mas eu queria saber se algum de vocês viu George.

—George? — Perguntou Loisa. —George Salt? O noivo?

Estremeci, como sempre, ouvindo o sobrenome do meu noivo. É claro que fiquei muito empolgada com a ideia de finalmente me casar depois de trinta e dois longos anos, mas usar o sobrenome dele foi algo que provocou uma reação diferente.

Não que houvesse algo errado com o nome em si, mas é que, uma vez terminado o casamento bizarro, eu seria conhecida até que a morte nos separe, como a Sra. July Salt.

—Sim— respondeu Cory, limpando o suor da testa com a parte de trás do pulso. —Eu não o vi em lugar nenhum. Eu pensei que poderia estar passando um tempo com vocês.

—Noivos não “passam um tempo” com damas de honra antes do casamento, George— disse Loisa. —Isso basicamente amaldiçoa o casamento.

—Tranquila! — Ele levantou as mãos peludas. —Apenas garantindo que está tudo bem. Quero dizer, é meio estranho que o noivo esteja desaparecido durante o casamento, certo? Estou lhe perguntando seriamente, nunca estive em uma dessas coisas antes.

—Você não o viu? — Perguntei a ele. —Tem certeza de que não está na multidão em algum lugar? Afinal, é um casamento com tema de cosplay.

Um aonde eu me tornaria a Sra. July Salt e que incluía o Chewie na minha frente na lista de coisas que eu nunca pensei que estariam presentes no dia do meu casamento. Não me interpretem mal, eu amo coisas de nerd. Me coloque no time para um concurso de pub e eu irei para a ficção científica como um Star Trek Runabout passando por fogo a laser durante uma batalha na guerra de Domínio.

Claro, tudo isso era um remanescente do ensino médio e, naquela época, eu gostava de pensar que havia feito a transição de “dolorosamente nerd” para “charmosamente sexy”. George, por outro lado, nem tanto. Quando entramos na vida um do outro dez anos depois de nos vermos pela última vez no ensino médio, percebi imediatamente que, embora tivesse mudado, ele ainda estava agitando sua bandeira nerd para o alto.

E não nego, senti uma certa nostalgia.

—George não está usando máscara— disse Cory. —Ele está vestido como Indiana Jones, lembra?

Claro que eu me lembrava. Eu já tinha visto o traje várias vezes. Eu até tentei levá-lo para a cama em várias ocasiões. E não quero dizer que queria dormir nela. Quero dizer, o outro tipo de “levar para a cama”. “Tentar” é a palavra-chave.

—E você também não o viu lá fora? — Eu perguntei a ele.

—Não. Então eu achei meio estranho, eu não sei.

—Está bem— Loisa interveio, colocando a mão na porta do camarim. — Nós vamos ter o casamento em uma das maiores convenções de quadrinhos da cidade, não é de surpreender que tenha ido em algum lugar. Agora, Cory, por que você não volta para junto do resto dos convidados e para de dar à noiva linda mais coisas com que se preocupar?

Cory parecia mais do que um pouco envergonhado, mas sua expressão desapareceu rapidamente quando ele focou seu olhar em Loisa. A mulher que ele tentou, devo acrescentar inutilmente, levar para a cama no ano passado.

—Claro, claro. Vou deixar vocês em paz, senhoras. A propósito, Loisa, eu amo seu cosplay de Zelda... Estou muito impressionado com sua originalidade.

—Haha! — Ela latiu. —Sabe, ia fechar a porta gentilmente, mas agora...

Com isso, ela bateu a porta. O grande Chewbacca de cabeça humana foi substituído por madeira maciça.

—Meu Deus— ele bufou.

—Não sei por que você se incomoda. Ele está certo sobre o seu cosplay, parece de um milhão de dólares— eu admiti, gesticulando rapidamente para cima e para baixo em seu vestido Legend of Zelda roxo e dourado.

—Um milhão de rúpias, você quer dizer, não é mesmo? — Ela piscou para mim e sorriu.

Eu ri.

—Bom ponto.

—Está pronta? — Perguntou Ceci, outra das minhas damas de honra e melhor amiga desde o ensino médio.

Ela estava vestida da cabeça aos pés em um macacão branco, rosa e azul, sua versão D.Va de Overwatch. Foi um tiro exato, deixando pouco para a imaginação. Mas ela tinha um corpo esbelto e tonificado, ideal para assumir esse personagem. Cabelos castanhos compridos e alguns toques de tinta rosa

sob os olhos completavam perfeitamente o visual.

—Sobre o que era tudo isso? — Dyana, a terceira dama de honra, perguntou.

Dyana era uma amiga da faculdade, a primeira amiga que fiz quando cheguei a Los Angeles. Desde então, éramos ambas inseparáveis e sempre estávamos juntas nos bons e maus momentos. E ao contrário de muitos convidados no casamento, ela sabia tudo sobre o mundo do cosplay.

Na verdade, não era apenas uma cosplayer, mas uma sensação do Instagram com um número de seguidores perto de um milhão. Nenhuma convenção de gibis da cidade estava completa sem que ela aparecesse vestida com qualquer traje em que tivesse trabalhado duro. E meu casamento não seria exceção. Sua Viúva Negra era perfeita, até o último detalhe. E sua boa aparência de estrela de cinema me fez pensar que Scarlett Johansson deveria começar a cuidar de suas costas.

—Era Cory, perguntando por George— esclareceu Loisa.

—E o que há com ele? — Dyana perguntou enquanto se jogava em uma das cadeiras empilhadas próximas.

—Ele disse que não o viu— respondi.

—Antes de tentar me ofender com o seu comentário, pelo amor de Deus

— Loisa disse com um sorriso satisfeito.

Eu ri.

—Sim. Antes disso.

—Hmm— Ceci murmurou, pegando o telefone e mostrando pouco interesse no assunto.

Eu fiquei na frente do espelho, dando uma olhada no meu vestido. Não era um tema de cosplay específico, eu queria ter alguma autenticidade em todo o processo, afinal. Mas era apertado, curto e os ombros queimados davam uma aparência de nave espacial. No entanto, devo admitir, as meninas fizeram um trabalho incrivelmente bom com minha aparência. Meu cabelo preto na altura dos ombros tinha um estilo elegante, e o azul ao redor dos meus olhos me fazia parecer fresca e futurista, como uma espécie de futura mulher.

—Você já conferiu o Instagram de George? — Ceci me perguntou, com os olhos ainda no telefone.

—Não. No momento, tenho outras coisas em mente além das mídias sociais.

Como tentar esquecer o fato de que meu nome seria July Salt, por

exemplo. E tentar ignorar o fato de que, por mais que eu não quisesse admitir, em algum lugar no fundo da minha mente eu sabia que estava me casando com George porque ele estava lá, e ele me pediu, porque queria estabilidade na minha vida e eu tinha muitas coisas como medo de ficar sozinha.

Não que eu não estivesse animada. Eu amava George, é claro, mesmo que ele fosse um idiota. Ele era gentil - às vezes muito gentil - e tinha um bom trabalho como supervisor de administração de sistemas de uma empresa de engenharia local. E eu ia me casar com ele! Tipo, realmente me casar, sabe? Claro, a coisa do cosplay era um pouco estranha, mas divertida.

—Por quê? E o que tem seu Instagram? — Dyana perguntou.

—Nada. Mas, sua postagem mais recente foi há uma hora atrás. E foi aqui na convenção.

—O que há de estranho nisso? — Eu perguntei para ela. —Quero dizer, é onde o casamento será realizado.

Loisa, evidentemente entendeu que Ceci estava vendo algo e não estava dizendo, ela estendeu a mão e pegou o telefone da mão dela.

—Quem é a jovem?

—Oi? — Me afastei do espelho e corri para o lado dela.

Na tela estava o Instagram de Ceci, seu nome de usuário @balthasardidnothingwrong, era uma referência que eu nunca havia realmente entendido. Por suposto, estava o homem em pessoa, vestido como um Harrison Ford - não tão bonito - e parado no meio do caos da convenção.

E bem ao lado dele estava uma garota que parecia ter acabado de abandonar o ensino médio. Eu mal reconheci o rosto dela, o resto dela eram peitos grandes e quadris largos envoltos no traje de um personagem de Street Fighter, mas eu não sabia o nome, um dos mais mal vestidos, é claro. O braço de George estava em volta da cintura de uma maneira que parecia muito perto e confortável para um homem que estava prestes a se casar. E a garota se inclinava para ele com um olhar sonhador nos olhos.

Eu não tinha ideia do que estava acontecendo, mas não gostei. Nem no topo da foto, nem na legenda, nem no punhado de etiquetas fazia alguma referência ao casamento. Um pequeno detalhe que seja.

—Merda! É realmente ela? — Dyana perguntou surpresa.

—O que? Sabe quem é? — eu perguntei.

—Claro que sim— ela pegou seu próprio telefone e começou a procurar. —É Enji Gray. Ela é uma espécie de lenda no mundo cosplay. Ela tem uma contagem de seguidores que me deixam como uma criança.

Dyana me deu o telefone e, com total intensidade, examinei as fotos da garota, assimilando foto após foto dela nos menores e mais escassos trajes de cosplay, nenhum deles deixava nada para a imaginação.

—Santos peitos! — Eu exclamei.

Examinei as fotos, todas posando em diferentes convenções em diferentes trajes. Eu não tinha certeza do que eram alguns deles, mas o fio comum era mostrar demais. Em todos eles, ela conseguiu colocar seus seios voluptuosos à vista.

Depois de me aprofundar um pouco, parei em uma foto que quase me fez largar o maldito telefone. Era George, sentado a uma mesa com a pequena senhorita Enji e com quem ele saíra alguns meses atrás. A paisagem atrás deles não era outra senão a maldita França em Paris, a cidade das luzes e a cidade do que quer que estivesse acontecendo entre o meu noivo e um par de peitos sorridentes com pernas.

—Que diabos? — Ceci perguntou. —Eles se conhecem?

—A data coincide com uma viagem de negócios que ele disse ter feito em Austin— respondi, ainda tentando entender o que estava vendo.

—Sou uma garota de Los Angeles— disse Loisa— mas isso não me parece Austin.

—Por que diabos meu noivo está saindo com uma garota cosplay pelas minhas costas?

Loisa pegou o telefone e olhou para as fotos.

—Putá merda, você está certa— ela admitiu.

—Onde está o George? — Eu perguntei, em pânico. —Onde está?

Meu rosto esquentou e meus dedos ficaram frios. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo, mas era algo que eu não gostava.

—July, não fique nervosa. Tenho certeza de que está aqui em algum lugar — Ceci insistiu.

Eu nem esperei a frase dela terminar quando eu já tinha meu telefone na mão e estava enviando mensagens como a Annie Oakley em SMS. Então eu decidi ir mais longe, ligando para George para chegar ao fundo das coisas.

Não houve resposta.

Mais uma ligação e novamente nada. Na ligação número três, foi diretamente para o correio de voz. Eu já havia feito isso várias vezes ao longo dos anos para saber o que aquilo significava: ele estava silenciando minha ligação.

—Eu preciso encontrá-lo. — A sensação de desconforto no meu interior

cresceu a cada segundo. —Preciso encontrar aquele idiota.

Ignorando as reclamações das meninas, saí do provador. Passei pelo salão de convenções e fui para o andar principal. Meus olhos dispararam de um lado para o outro, tentando distinguir Indiana Jones da multidão de Stormtroopers e os personagens de Na'vi e Harry Potter. A conversa da multidão se transformou em um rugido insuportável, e eu pude sentir os olhares penetrantes dos frequentadores de casamentos e fãs de convenções.

Mas eu não vi George.

—Está bem, princesa?

Uma mão caiu no meu ombro e me virei para ver que era Mark, meu pai. Mamãe faleceu há uma década e ele era o único parente próximo que eu tinha no local. Normalmente, estar perto dele era suficiente para me fazer sentir um pouco melhor se eu estivesse ficando louca, mas não naquela momento, nem ali.

—George— eu disse entre respirações curtas e rápidas. —Onde está?

Nenhum deles teve a chance de dizer mais nada. Mais tarde, um garoto bonito vestido como Ewok subiu em uma cadeira, pigarreou e falou como se ele fosse o maldito pregoeiro da cidade.

—Hum, pessoal! — Gritou. —Não haverá mais casamento!

Todos ao meu redor congelaram no lugar, e eu não fui exceção. O que quer que estivesse acontecendo, parecia que uma criança de oito anos sabia mais do que eu. Separei do papai e me aproximei do pequenino.

—O que você disse? Por favor, me diga que você está apenas brincando comigo ou algo assim. Isso é uma piada?

—Oh, ei July. George me pediu para entregar isso a você.

Ele enfiou a mão no bolso de sua pequena fantasia de ursinho de pelúcia e puxou um pedaço de papel. Os contornos da folha com os personagens de Guerra nas Estrelas imediatamente me alertaram, era um dos convites de casamento. Mas isso tinha sido reproduzido como uma nota para mim, eu percebi porque meu nome estava escrito nas letras minúsculas de George. Com as mãos trêmulas, abri a nota e, segundos depois, a deixei cair no chão.

E assim, minha vida mudou. E tudo graças a um maldito Ewok.

CAPÍTULO DOIS

July

Seis meses depois...

Vinho e arte, quem conhece essa combinação, sabe aproveitar a limpeza da mente e a felicidade extravagante que traz. E, é claro, sem deixar de lado o modelo que posava à nossa frente e nossos cavaletes.

Seu cabelo era loiro dourado beijado pelo sol, seus lábios carnudos e maduros, seus pequenos olhos com lascas sexy que brilhavam como os de um gato da selva se preparando para o salto. E seu singular sorriso que dizia “venha aqui” que era tão natural para ele.

Eu nunca tinha sido muito boa em pintura, mas pode-se dizer que no momento eu estava um pouco... inspirada. Entre a bebida e o modelo, habilmente alternando entre fazer pequenos saltos e amostras com meu lápis de carvão e tomar goles do vinho gostoso que o lugar teve a gentileza de fornecer.

Ceci, Dyana e Loisa estavam entre as doze mulheres que salivavam tentando não babar em seus desenhos. O curso de vinho e pintura foi a última das tentativas das meninas de me envolver em algo que não fosse trabalhar ou sentar de pijama para assistir a reprises de The Office.

Eu entendia que elas estavam apenas tentando tirar minha mente da bagunça do casamento que eu tinha seis meses atrás, mas às vezes eu sentia que estava sendo tratada como uma espécie de inválida confinada em sua casa, como uma daquelas mulheres dos livros velhos da era vitoriana que foi relegada para um dos quartos onde ela remendava as meias e mirava as imagens assustadoras que se formavam no papel de parede em seu quarto.

Apreciei o esforço, é claro, mas tinha minhas próprias maneiras de lidar com o que estava acontecendo. No entanto, esse curso de pintura e,

especificamente, o cara em exibição me fez mudar de ideia sobre a ajuda delas.

O homem tinha que saber o que estava fazendo. Ocasionalmente, ele quebrava o personagem para olhar para uma das mulheres, deixando aqueles lábios carnudos e deliciosos repuxarem em uma extremidade. Quanto mais eu olhava para ele, mais segura eu ficava de que ele era familiar para mim, todo nórdico e precioso, como o tipo de pessoa que você espera sair de um navio viking, com um machado na mão, pronto para carregá-la no ombro e lhe dar uma punição severa.

Basta July, se controle.

Limpei minha garganta e foquei na minha tentativa amadora de capturar as sombras de seus, hum, abdominais.

Voltei a olhar para ele, tentando trabalhar contra a tensão que crescia rapidamente entre minhas pernas. Apertei minhas coxas com força, esperando a loucura do calor passar. Eu estava nervosa, solteira e não flertava há muito tempo.

No entanto, no meio da minha segunda taça de vinho, olhei para cima e vi que o modelo estava olhando muito sério na minha direção. Meu rosto ficou quente, vermelho. Ele estava realmente me olhando assim? Não podia acreditar. Atribuí o fato à bebida, pensando que talvez tivessem colocado alucinógenos na garrafa.

—Certifique-se de trabalhar com a luz— disse o instrutor enquanto passeava dramaticamente pela sala. —Envolva-se nele. Jogue com ele.

—Vi algo com que não me importaria de brincar— sussurrou Ceci, sentada à minha esquerda.

Meus olhos se arregalaram e eu fiz o meu melhor para conter minha risada.

Mas sim, ela estava certa. O modelo posou de tal maneira que o “você sabe o que” estava fora de vista. Mas eu estaria mentindo totalmente se dissesse que não tinha dado a ele um olhar simples e atrevido quando tirou a toalha dos quadris enquanto tomava sua posição no pódio. E me deixe dizer, valeu a pena.

Fiz o possível para clarear meus pensamentos e colocar o carvão de volta no papel. Mas assim que o fiz, no momento em que tirei meus olhos dele, o cara fez de novo! Ele me lançou um olhar intenso, que quase me incendiou entre as pernas.

O que esse cara estava fazendo? Ele estava sendo tão óbvio no meio da

aula? Engoli em seco e tomei um gole do meu vinho, esperando que me acalmasse um pouco.

Mas era difícil me concentrar. Eu estava desenhando um pouco mais, e quando estava prestes a me perder no processo, o bastardo sexy fez isso de novo. Ele olhou para mim, sorriu um pouco e desviou o olhar como se não tivesse feito nada.

—Você está vendo isso? — Perguntei a Ceci calmamente.

—Vendo o que?

Eu sabia que correria o risco de parecer uma mulher louca, ou mesmo uma egoísta total e maldita, mas eu tinha que perguntar.

—O cara. Você percebeu...

—Você está perguntando se eu notei o cara? Não, eu não notei o lanche que estive babando pela última meia hora. Você está louca? Que tipo de pergunta é essa?

—Não. Não é isso. Eu acho... acho que ele está olhando para mim.

—Olhando para você como? — Ela perguntou, ainda sussurrando.

—Ele olha para mim como se quisesse me ver depois da aula e, ver o meu trabalho.

—Fala sério?

—Sim! — Eu levantei minha voz o suficiente para chamar a atenção das meninas ao meu redor.

Corei e olhei para baixo.

Boa essa, July. Talvez da próxima vez entre e anuncie para a turma que você acha que o modelo quer posar para você em particular.

Quando tive certeza de que as meninas estavam de volta ao trabalho, segui em frente.

—Ele está olhando para mim. Como em uma espécie de interlúdios sensuais.

—Oh, Deus. Só vou ignorar o fato de você ter dito “interlúdios sensuais”.

—Eu estou sendo discreta, só isso. Mas olhe para ele.

O momento foi perfeito. Logo depois que falei, o garoto viking nu e surfista olhou para cima e me lançou outro de seus olhares característicos de fogo. Era uma pessoa tão poderosa e carregada de sexualidade que eu meio que pensei que realmente deveria patentear. Se houvesse apenas uma maneira de engarrafá-lo e vendê-lo como sexo puro, “basta aplicar um pouco atrás das orelhas quando quiser atrair uma garota”.

—Merda— Ceci murmurou. —Eu acho que você está certa.

—Viu só?

—E bem? O que está esperando? Flerta com ele de volta.

—Fala sério? — Eu perguntei, mantendo meu rosto inexpressivo e tentando não tornar totalmente óbvio o que estávamos falando.

—Claro. Ele é sexy, você é sexy, e com esse tipo de olhar que ele lhe deu, ele obviamente quer te foder. — Seus olhos se arregalaram. —E ele está fazendo isso de novo! Vamos, Jul. Responda.

—O que faço? — Eu perguntei, me sentindo nervosa e animada ao mesmo tempo.

—Flerte!

—Por que as pessoas que sabem flertar pensam que a única coisa que precisam fazer para explicar àqueles que não sabem como fazer isso é dizer a palavra?

—Porque é simples assim— disse ela, entre os traços do lápis. —Você está dizendo que não flertou com George durante seu infeliz namoro?

—Na verdade, não. Nós saímos e assistimos filmes antigos de ficção científica que já tínhamos visto no ensino médio até o vinho fazer efeito suficiente para que as coisas... acontecessem.

—Ah. O tipo antiquado de romance— ela disse com um sorriso.

—Oh, pare— eu sorri.

—Mas sério, é fácil. Você apenas tem que seguir o exemplo dele. Ele sorri, você sorri. Pisca seu olho, você pisca seu olho. Se pegar o pênis...

—Eu corro... eu já entendi.

Eu ri.

—É sério! Apenas tente e você verá o que acontece.

Então eu fiz. Ceci voltou ao desenho e eu voltei ao meu e ao cara. Não tive que esperar muito para ele se mexer, ele me mostrou outro sorriso logo depois que Ceci e eu terminamos de conversar. E eu fiz o mesmo.

Seu sorriso aumentou um pouco, e eu achei que isso significava que eu estava no caminho certo. Momentos depois, ele piscou para mim. O jogo de piscadelas e sorrisos em um rosto como esse estava causando uma grande inundação na minha parte inferior.

Então ele lambeu os lábios. Não foi um simples gesto de molhá-los, não. Ele literalmente lambeu os lábios. E não de uma maneira estranha e assustadora como um lagarto ou algo assim. Não, foi totalmente erótico, seguido por uma pequena risada silenciosa que deixou claro que ele se sentia muito brincalhão.

Então eu segui o exemplo, embora me perguntasse se o professor estava percebendo o quão pouco eu estava fazendo. Mas eu não me importei, no momento eu estava tão animada que provavelmente teria sentado em seu pênis na frente da classe se ele tivesse sinalizado para mim.

Era estranho lambar meus lábios de uma maneira sexy, mas na verdade era mais divertido do que estranho. Eu estava flertando? Era isso que eu sempre me sentia muito desconfortável fazendo todos esses anos? Ceci estava certa, era muito fácil, e mais ainda quando eu tinha um professor muito, muito instrutivo.

—Certo, classe— anunciou o professor, me puxando para fora do transe sexual. —Vamos ver o que temos.

Lentamente, ele atravessou a sala enquanto o modelo pegou sua toalha e, para minha imensa insatisfação, envolveu-a nos quadris que eu só queria lambar. Em pouco tempo, senti a presença iminente do professor no meu ombro.

—Uh, interpretação interessante, senhorita Wolter.

Meus olhos foram para o papel à minha frente e percebi, para minha surpresa e horror, que me deixara levar um pouco pela atmosfera carregada de sexualidade. Eu desenhei bem, mas acentuei uma parte específica de sua anatomia e muito mais do que era na realidade.

Para ser franca, eu o desenhei com uma enorme ereção pingando. Não era ruim, para ser sincera.

—Que posso dizer? — Eu disse nervosamente. —Eu estava... inspirada.

—Sim, percebi isso. Excelente, ah, claro-escuro.

—Obrigada.

Com isso, o professor terminou e nos disse o tempo para a próxima lição. Mas isso não me preocupou. Eu estava mais interessada no meu modelo, o modelo do pênis glorioso que eu havia gravado tão artisticamente.

Procurando por ele com meus olhos, encontrei o mesmo sorriso. Então, pelo milagre dos milagres, ele começou a se aproximar de mim, com nada mais do que a toalha enrolada em seu corpo perfeito. Minha garganta apertou e minha mente começou a correr com as possibilidades da nossa conversa iminente.

Ok, July. Eficácia calma. Você aprendeu a flertar sem falar agora, certo? Apenas faça. Faça isso, mas com palavras. Você as usa o tempo todo. Lembre-se de que você é uma maldita executiva de uma editora.

Ele estava quase ao meu lado, tão perto que eu podia ver o brilho

daqueles lábios perfeitos.

Você não estaria onde está se não tivesse habilidades com palavras, certo? E ele gosta muito de você, você provavelmente não precisa dizer nada. Bem, talvez um “sim” ou “na sua casa ou na minha”. É fácil.

Estava mais perto. Então mais perto. Meu corpo inteiro ficou tenso e meus mamilos endureceram por baixo da minha camisa. Minha vagina estava tão molhada quanto uma maldita sauna a vapor. Mais perto...

Então... ele foi embora.

Ele passou por mim, deixando o perfume de Abercrombie Fierce em seu rastro. Confusa, eu me virei no meu lugar bem a tempo de vê-lo abraçar uma garota que estava sentada atrás de mim o tempo todo.

Já sabe, a garota com quem ele estava flertando.

Ela era pequena, loira e bonita -também tinha peitos grandes, é claro - uma garota arquetípica de Los Angeles para um garoto arquetípico de Los Angeles. Eles se beijaram e se acariciaram, suas mãos se movendo acariciando cada centímetro de sua pele nua e sem pelos.

—Bom trabalho, bebê— disse ele. —Muito bonito. E você sabe o que eu sempre quero fazer quando a sessão termina, certo, gata?

—Você não precisa dizer mais nada— respondeu ela.

Depois de um pouco mais de beijos e agarramento, os dois notaram a mulher dez anos mais velha olhando para eles como uma pervertida total e saíram correndo da sala.

—Ai— Ceci murmurou. —Melhor sorte da próxima vez, garota.

Peguei minhas coisas e saí correndo, amassando o meu desenho de pênis pingando e jogando-o fora.

As meninas estavam atrás de mim quando saí para o ar quente da tarde.

—Não se preocupe! — Dyana me alcançou. —Poderia... poderia ter acontecido com qualquer pessoa.

—Você contou a elas o que aconteceu? — Eu perguntei a Ceci.

—Vamos lá— ela respondeu, com um sorriso travesso. —Tinha que fazer isso.

Eu me senti totalmente derrotada. Minha primeira incursão no mundo da solteirice desde o casamento, e não poderia ter sido pior.

—O que você conversaria com um cara assim, afinal? — Perguntou Loisa. —Ele tem cerca de vinte anos. Ele provavelmente não tem nada em mente, exceto sexo e cerveja.

—Me sinto uma idiota— reclamei. —Eu acho que vou precisar de mais

vinho.

—Bem, tenho boas notícias para essa parte— disse Dyana. —Ainda temos uma ótima noite pela frente.

A noite das garotas. Eu quase tinha esquecido. Mas no momento eu não tinha exatamente vontade de me divertir.

—Não sei. Parte de mim só quer ir para casa, rastejar debaixo das cobertas no meu sofá e assistir televisão, até que de alguma forma eu esqueça o ridículo embaraço pelo qual acabei de passar.

—De jeito nenhum. — Ceci agarrou meu braço. —Você já passou noites suficientes fritando o cérebro com a Netflix.

—É verdade— concordou Loisa. —Você vai sair e vai se divertir, aposto o que for. E quem sabe? Você poderia encontrar um garoto bonito para se divertir sem compromisso?

—Deus— eu bufei. —A ideia de um cara me querer no estado em que estou... parece totalmente insana.

Olhei para a porta do prédio, sua superfície refletora de metal que me permitia ver minha aparência. Eu estava mais alta e magra do que nunca, me destacando acima do resto das meninas. Meu cabelo preto estava em um rabo de cavalo bagunçado, e minha roupa de flanela e jeans skinny me faziam parecer menos com uma garota solteira e sexy e mais como um barman moderno. Tudo o que faltava era o bigodinho.

Em resumo, totalmente inflexível.

—Oh, vamos lá— Ceci insistiu. —Você sabe que é muito bonita. Não deixe que o fato de um garanhão surfista não falar com você a faça pensar que você está destinado a uma vida de solteira.

—Não sei. Ainda sinto que o casamento foi tão recente, como se eu tivesse que ter pelo menos mais cinco anos de terapia antes de pensar em namorar alguém.

Nenhuma das meninas disse nada, todas se entreolharam com a mesma expressão conspiratória.

—O que? — Eu perguntei para elas. —Vocês estão com cara de estarem tramando algo.

—Deveríamos? — Ceci perguntou.

—Acho que deveríamos— disse Loisa.

—Deveriam o quê? — Eu exigi saber.

—Essa é a questão— esclareceu Dyana. —Hoje à noite não se trata apenas de beber fora.

Eu estava confusa.

—Então o que? — Eu estreitei meus olhos. —Por favor, me diga que vocês não estão me levando a um encontro às cegas ou algo assim. Eu não sei se eu poderia lidar com isso.

—Não! — Loisa riu alto. —Temos algo muito menos desconfortável planejado.

—Como o que?

—Duas palavras— disse Ceci. —“Lover” e “Boys”.

—Oi? Tipo... a banda?

—Sim! — Loisa estava animada e tinha um grande sorriso no rosto. —A banda que todas nós estávamos obcecadas no ensino médio, mesmo antes de nos conhecermos.

“Obcecadas” seria um eufemismo. Lover Boys era uma banda de glam rock dos anos 80 que chegou às paradas durante o último ano do ensino médio, com sua música Permissão para amar, o hino de nossas vidas durante os meses finais do último ano. E seu vocalista, Roy Mills, foi o único responsável pelo meu despertar sexual na adolescência. Havia inúmeras sessões de diversão solitária sob as cobertas, estrelando ele e seu corpo incrivelmente sexy.

—O que acontece com eles? — Eu perguntei para elas. —Eles se separaram alguns anos depois que nos formamos. Existe uma banda cover tocando hoje à noite, ou algo assim?

—Não— disse Dyana. —São eles, em carne e osso, um show secreto para o qual eu consegui usar um pouco de influência para conseguir ingressos.

—Fala sério? Eles vão tocar hoje à noite?

Meu coração começou a disparar como a batida constante de um tambor. E não estou falando de um daqueles pequenos tambores de caixa, mas de um dos grandes, como os do início de 2001, sobre o tema da Odisseia no Espaço. Você sabe quais.

—Queríamos surpreendê-la. Vamos levá-la até lá, tomar alguns drinques e quando menos acreditar... bam! Lá estarão eles, fazendo você balançar essa bunda.

Meu coração já estava batendo forte e rápido. O simples pensamento de ver pessoalmente meu amor platônico de adolescente, tocando minhas músicas favoritas, foi suficiente para me fazer sentir tonta. Mas depois da humilhação pela qual acabei de passar, parecia que era a coisa certa para mudar meu espírito.

—Então— Dyana insistiu, um brilho nos olhos. —Vamos?
—Claro.

CAPÍTULO TRÊS

Roy

Eu estava em cena.

O acusado estava na minha frente, suando como o inferno e exatamente onde eu o queria. Quando eu tinha alguém na cadeira, não tinha medo de fazê-lo sentir a pressão. A vibração na sala era muito tensa, todo mundo estava esperando minha próxima palavra. Pode me chamar de egomaniaco e não vou discutir. Eu amo ser o centro das atenções, tendo todos os olhos em mim. Essa foi uma das razões pelas quais minha transição de “estrela do rock” para “advogado” foi tão tranquila que o tribunal era apenas mais um estágio, afinal.

E no palco foi onde eu prosperei.

Finalmente, decidi que havia apertado os parafusos o suficiente. Segurando o pequeno sorriso na boca, fechei minhas mãos atrás das costas e entrei em ação.

—Então, me deixe ver se entendi— comecei. —Sua história é que você estava fora da cidade na noite do assassinato, correto?

Dramaticamente, me levantei e encarei o acusado. Ele era um homem de meia-idade nebuloso, com cabelos finos e um terno barato e mal ajustado. Não é como o Tom Ford sob medida, que eu usava, é claro. Se os processos judiciais fossem decididos por quem parecia melhor, eu teria vencido a partir do momento em que entrei naquela sala.

Eu podia ver o medo em seus olhos quando ele se inclinou em direção ao microfone.

—Sim— ele respondeu, sua voz suave e macia.

Eu olhei de volta para as pessoas sentadas nas filas da plateia, erguendo as sobrancelhas um pouco como se dissesse “você acredita nessa merda?”

Alguns sorrisos aqui e ali, sugerindo que eles estavam do meu lado.

Mas não eram eles quem eu precisava convencer, mas aquelas encantadoras senhoras e senhores do júri. Eles me olhavam como falcões, e eu estava pronto para fazer um show para eles.

—Interessante. Muito interessante. E confirme mais uma vez em que cidade você estava quando sua esposa foi terrivelmente assassinada, quando sua vida foi nojenta e tragicamente interrompida. Foi Phoenix, correto?

Foi um pouco de improvisação, mas fiquei feliz com o resultado. Fazia muito tempo desde que eu tive um caso criminal, mas você nunca pode ser muito teatral, e eu era um especialista nisso.

—Sim— ele disse, aderindo às respostas simples de uma palavra.

—É isso. Verdade? — Eu perguntei, colocando meu “umph” patenteado por trás de cada palavra.

Eu tinha o pequeno idiota exatamente onde eu o queria. Uma parte de mim queria arrastá-lo como um gato doméstico brincando com um rato. Mas pensei que era melhor acabar com ele de forma limpa e rápida. Eu estava dando um show, afinal.

Sem mencionar, eu estava me afastando do roteiro por um longo tempo.

—Acontece que estava em Phoenix na noite em que sua esposa foi morta. Estava em Phoenix sem motivo, sem visitar parentes, não estava lá a negócios. Inferno, nem mesmo por prazer, pelo que posso dizer. Acontece que estava em Phoenix e tinha o álibi perfeito...

—Sua honra! — A voz do advogado de defesa surgiu do outro lado do tribunal. —Objeção!

Eu olhei para o cara. No entanto, era difícil ficar bravo demais com ele. O jeito que ele se mexia com a minha improvisação era puro profissionalismo. Eu amava o trabalho dele. Parte de mim queria quebrar o personagem e conseguir seu autógrafo. Claro, ele era um dos meus melhores amigos, mas isso não significava que eu não pudesse levar algo a acrescentar à pilha de memórias.

Talvez mais tarde.

—Concedido— disse o juiz, um ator com voz estridente.

—Bem, bem— estreitei os olhos e voltei minha atenção para o acusado. Decidi ir mais além, dar às pessoas algo para lembrar. —É melhor você economizar tempo nos conte a verdade.

Eu me aproximei do acusado como um herói conquistador, mas ele apenas olhou em volta, totalmente confuso.

—O que? — Perguntou.

Opa. Mal sinal. Mas eu decidi ir em frente. Talvez eles pudessem encontrar um pouco de ouro na edição.

—Há um homem que pode atestar o seu álibi. E ele, tão convenientemente, recebeu ordens de atacar no dia seguinte a você arrastar sua bunda pesada para fora da cidade. Mas posso ver sua alma, Sr. Crawford. Eu posso ver você como você é mentiroso!

Eu levantei minha voz, ligando o diafragma do vocalista.

O Sr. Crawford, nome verdadeiro Lenny Silver, deu outra olhada por cima do ombro para os homens e mulheres que eu estava tentando ignorar.

—Descanse sua consciência, Sr. Crawford. — Eu estendi meu braço para ele, apontando acusadoramente. —Admita o que você fez! Admita que você matou sua esposa! Salve sua alma!

Percebi como minhas palavras eram exageradas no momento em que as disse. Mas cara, elas com certeza soaram bem quando saíram da minha boca.

Fiquei parado, meu dedo ainda apontado para ele como uma espada. Mas o Sr. Crawford não reagiu com o medo e pânico que eu esperava. Não. Em vez disso, ele apenas olhou por cima do ombro para mim.

—Amy? — Ele perguntou, mudando sua voz para um tom casual de conversa. —Você realmente quer me meter nisso?

Um suspiro exasperado atravessou a sala do tribunal.

—Não— a voz de uma mulher ecoou atrás de mim. —Não, não. Corte, corte!

Eu me virei para ver toda a equipe do filme olhando para mim como se eu fosse um paciente mental. Entre eles estava Amy Martin, diretora do pequeno projeto.

—É sério? — Ela perguntou, braços cruzados sobre o peito.

—O que? Foi demais?

—Muito bem, pessoal— ela anunciou. —Pausa de cinco minutos. Não, é melhor ter vinte.

A equipe terminou, os extras da plateia conversaram entre si. Amy se aproximou de mim e Will Gilles, o advogado de defesa, sem mencionar a estrela do filme e um dos meus melhores amigos, pulou na mesa em frente a ele e se juntou a ela.

Amy era baixa, mas podia intimidar até um cara com mais de um metro e oitenta de altura como eu. Inferno, eu estaria mentindo se dissesse que não estava com medo. E o olhar sério em seu rosto deixou claro que ela não

estava com disposição para brincadeiras.

—Que raio foi aquilo? — Me perguntou.

—Oh aquilo? — Eu mostrei a ela um dos meus sorrisos encantadores. — Você gostou?

O rosto dela congelou, claramente imune aos meus encantos. Ela olhou para mim por alguns segundos, revivendo as memórias dos meus professores do ensino fundamental quando eles me olharam querendo me matar depois da milionésima zombaria na sala de aula.

Will estava olhando para mim também, mas com menos expressão de julgamento e mais confusão, como se tentasse descobrir se eu tinha algum tipo de desejo de morte.

Amy pegou um dos roteiros, em que o nome do filme “Assassinato em junho” estava escrito na capa, em grandes letras e em negrito. Ela pigarreou e citou meu diálogo.

—*E você estava em Phoenix na noite do assassinato, correto?* — Ela perguntou, me olhando nos olhos quando ela terminou. Você reconhece isso?

—Sim. Essas foram as minhas falas.

—Essa foi a sua fala— ela esclareceu, colocando ênfase especial na última palavra da frase. —Sua única frase.

—Eu sei, eu sei. Mas pensei em dar um pouco do meu perfume, sabe? Afinal, foi por isso que você me contratou para o papel, certo? Para trazer um pouco... qual era a palavra? Aquela elegante que começa com um “v”?

—Verossimilhança— acrescentou Will.

Eu bati meus dedos e apontei em sua direção.

—Aí está. Essa palavra.

Amy assentiu lentamente.

—Exatamente isso. Porque você é advogado e porque tem alguma experiência no palco.

—Entende? Por que trago para o...

—Mas não por causa de suas habilidades de improvisação— ela me interrompeu. —Ou a falta disso.

—Bem, eu apenas pensei que as frases estavam um pouco... vazias, sabe? Elas precisavam de um pouco mais de tempero.

—Escuta. Eu sei que você está acostumado a ser o centro das atenções. Mas não te contratei para tornar este lugar mais do que apenas um jantar de Natal.

—Mais do que um jantar de Natal! — Eu sorri amplamente. —Essa é

boa!

Eu estava tentando amenizar a situação, mas sua expressão ainda era pedregosa, e Will continuou me olhando como se estivesse na presença de um homem prestes a morrer, sua mandíbula quase no chão.

—E só para você saber— ela ergueu o roteiro, espalhando os papéis como um acordeão. —O escritor deste roteiro ganhou dois Óscares por sua escrita. Quantos você ganhou?

—Hum, nenhum. Mas ganhei um Nickelodeon Kid's Choice Awards, um prêmio muito subestimado, se você me perguntar.

Sua expressão dessa vez me disse que estava me desmembrando mentalmente. Ela abriu a boca para dizer algo, mas pareceu pensar melhor, então se virou para Will.

—Conserte esse idiota— ela exigiu. —Eu tenho que pensar seriamente no que fazer com ele.

Um último olhar duro em minha direção deixou bem claro qual seria o assunto do pensamento. Com isso, ela se virou e saiu, voltando à multidão da equipe enquanto eles faziam o seu caminho aqui e ali no set.

—Acho que eles acabaram de meter o roteiro na sua bunda— disse Will.

—Isso? Não, Amy e eu nos damos bem. Ela é muito séria aqui na frente de todo mundo, mas eu aposto que lá no fundo ela se diverte minhas palhaçadas. Sem mencionar, que está impressionada com o meu desempenho.

—Uhhhh... — Ele deixou a palavra se arrastar, me dando a impressão de que ele estava se perguntando se seu amigo de mais de dez anos finalmente havia cortado o vínculo já estreito com a realidade.

Dei um golpe no braço dele e acenei em direção à mesa de lanches.

—Vamos conversar e comer. Afinal, qual é o sentido de ser um ator famoso se você não tira o máximo proveito disso?

—Lembre-se de que você tem um pequeno caminho a percorrer antes de adicionar “ator famoso” à sua lista de conquistas.

Ele me mostrou um sorriso, um cheio de dentes perolados e perfeitos que eu já havia visto tantas vezes em pôsteres de filmes dos últimos dez anos. Realmente, era um sorriso muito bom, quase bom o suficiente para me fazer duvidar da minha sexualidade.

Mentira! Brincadeira, brincadeira.

Mas sim, devo admitir. O homem era bonito... o que posso dizer? Ele era alto, loiro, com olhos azuis gelo e pele pálida, do tipo guerreiro viking, e é por isso que ele e Chris Hemsworth haviam se encontrado mais de uma vez

competindo pelo mesmo papel.

—Você está de brincadeira? — Eu perguntei a ele, mostrando o meu próprio sorriso. —Estou fazendo Marlon Brando parecer um amador.

—Me lembre novamente, amigo. Qual era o seu trabalho antes disso?

—Ser o melhor advogado da região de Los Angeles, é claro.

—Vamos seguir assim— ele disse com outro sorriso.

—Ouch — Apertei meu peito dramaticamente. —Isso... dói... como um ataque cardíaco. — Me ajoelhei, fechei os olhos e levantei o punho no ar. — Traído... traído pelo meu melhor amigo— dei meu toque especial de atuação. —Eu nunca pensei que iria passar por algo assim, nunca pensei que seria... você!

Apontei um dedo acusador para Will, abrindo um dos meus olhos o suficiente para ver que eu havia conseguido atrair um pequeno grupo de pessoas, que certamente ficaram encantadas com a minha performance.

—Muito bem, Daniel Day Lewis.

—Mas você sabe o que eles dizem— deixei minha cabeça afundar. — Sempre machucamos aqueles que amamos.

E com isso, soltei o chocalho da morte e me joguei no chão. Uma vez que abaixei os olhos, esperei ver alguns rostos impressionados, para dizer o mínimo. Mas o que eu consegui, por outro lado, foram alguns encolher de ombros, seguidos pelo retorno da equipe ao trabalho.

—Droga— eu murmurei quando me sentei. —Talvez eu não deva deixar meu emprego de advogado.

Will riu alto antes de estender a mão. Eu peguei e levantei.

—Falando em emprego— disse ele. —Você sente vontade de fazer algo em que é realmente bom esta noite?

—Ei? Do que você está falando?

—Fala sério? O show secreto? Você sabe, aquele que ensaiamos no mês passado. Não me diga que você esqueceu.

Fiquei paralisado, totalmente surpreso.

—Me deixe adivinhar— acrescentou. —Sim, você esqueceu.

—O show— respondi, me sentindo muito bobo. —Realmente vamos fazer isso, hein? — Fiquei parado, processando o que ele acabara de dizer.

—Oh não. Não me diga que está arrependido de novo.

Eu estava. Uma parte de mim queria ligar para o clube e dizer que ia cancelar, que havia cometido um grande erro ao tirar os Lover Boys da cova onde eles descansaram em silêncio por uma década.

—Não sei. Uma reunião?

—De jeito nenhum eu vou cancelar isso no último minuto.

—Apenas... me diga por que aceitei isso de novo? Não é como se algum de nós precisasse do dinheiro.

—Verdade. Mas o dinheiro não é para nós, lembra? Tudo vai para caridade.

—Ah, claro— lembrei. —Foi assim que você me fez aceitar isso.

—Vamos— ele insistiu. —Não me diga que seu jeito altruísta é a única razão pela qual você concordou em reunir a banda.

—Sim. Só isso... só para as crianças.

Outro sorriso de Will voou em minha direção enquanto ele fazia um sanduíche de croissant e peru em seu prato.

—Certo.

—Estou falando sério— admiti, subitamente mais interessado em conversa do que em comida. —Não sei o que você está sugerindo.

—É sério. Você está me dizendo que não está nem um pouco animado para subir no palco, agitar os hits e fazer todo mundo enlouquecer como costumávamos fazer antes?

—Não. Lover Boys foi muito divertido, não me interprete mal. Mas se há uma coisa que aprendi nesses anos, é que você precisa saber quando deixar as coisas para trás. Você entende?

—Eu acho que você está certo.

—Pense nisso. Imagine se não tivéssemos concordado em terminar com os Lover Boys quando estávamos no topo. Você não seria um dos grandes nomes de Hollywood, Theo não seria o professor mais popular da ULCA e Sean não seria um dos maiores produtores de eletrocardiogramas do mundo.

—EDM— ele esclareceu.

—ED-que? — Eu perguntei para ele.

—Não tem nada a ver com eletrocardiogramas. É EDM. Música eletrônica. Algo me diz que você já sabia.

—Eu nunca gostei muito de música de computador. Muitos bipes e batidas. Eu sou mais instrumentos reais.

—Como seja. Eu acho que vai ser divertido hoje à noite. Como você disse, estamos todos tão ocupados com nossas próprias coisas, quantas vezes nos vemos? Quando foi a última vez que te vi? Quero dizer, realmente sair, não falar com você por cinco minutos em uma festa ou tomar uma cerveja rápida antes de sair para um encontro na corte. Já passou muito tempo. Então

acho que temos que nos encontrar quando pudermos, sabe? Escute, eu gosto de deixar o passado no passado e não deixar nada para depois da data de vencimento, mas a última coisa que quero é que todos nós nos tornemos estranhos uns para os outros.

—Isso nunca acontecerá. Somos irmãos e irmãos sempre ficam juntos.

—Então você concorda com a reunião desta noite?

—Droga. Você sempre tem uma maneira de me convencer para tudo, hein?

—Apenas as coisas que eu sei que você queria fazer.

—Sim, como aquele desafio de almôndegas de cinco libras em Portland durante aquela turnê pela Costa Oeste.

—Claro. Como o desafio da almôndega.

—Está bem. Me convenceu. Mas há uma condição.

—O que será? — Ele perguntou.

—Teremos que fazer a melhor apresentação de todos os tempos.

—Eu concordo com isso— ele afirmou, me mostrando outro sorriso de Will Gilles.

CAPÍTULO QUATRO

July

Uma hora depois, eu estava de volta ao meu pequeno apartamento caro no distrito de Silver Lake. Era uma caixa de sapatos com menos metros quadrados do que eu preferiria. Mas era aconchegante e, mais importante, era todo meu. Após o desastre do casamento cosplay, tudo que eu queria era um pequeno lar para me esconder e fingir que o resto do mundo não existia, e eu tinha isso no meu apartamento.

E não foi de todo ruim. Claro, era tão pequeno que mal conseguia ficar de pé no banheiro, sou uma mulher alta, o que posso dizer? Mas o prédio em si era um complexo ultramoderno de apartamentos, e a vista da vizinhança da minha pequena varanda era um longo caminho para fazer o lugar parecer maior do que era. E era perto de uma das quadras da moda do Sunset Boulevard, o que significava que eu estava disposta a ir me acotovelando em cafés, padarias e lojas suficientes para me manter bem e ocupada.

O embaraçoso evento da tarde ainda estava fresco na minha cabeça. Foi tudo tão humilhante que me preocupei que meu rosto terminasse com alguma careta de dor permanente. Mesmo naquele momento, eu sabia que a minha imagem mental lambendo lascivamente meus lábios e batendo meus cílios para um Adonis mal adolescente ainda me assombraria até o fim dos meus dias. Não apenas fiz alguns dos rostos mais ridículos da história, mas eles foram todos por nada!

Entrei na cozinha e deixei minha bolsa deslizar do meu braço sobre a mesa do tamanho de uma bandeja de pizza. Eu me peguei pensando sobre o que deve ter passado pela cabeça daquele garoto, e se ele se perguntou por que uma mulher velha estava olhando para ele.

—Você não é velha— falei em voz alta quando abri a geladeira e peguei

uma lata de água com gás.

—É sério! — Continuei a conversa comigo mesma. —Trinta e três anos não fazem de você uma mulher velha.

Abri a lata e tomei a bebida.

—O que diabos eu faria com um cara assim, afinal?

É claro que, assim como eu disse as palavras, minha mente ficou louca com ideias do que eu poderia realmente fazer com um cara assim. Um sólido bloco de abdominais e peitorais e aquela maldita cintura sexy de Adonis e... Ugh! Minha vagina apertou, e apertei a lata também, fazendo um som suave e enrugado de metal.

Por que caras assim nunca me notaram? Entre George e os poucos homens com quem me envolvi, não havia abdômen assim. Eu não era do tipo superficial, mas sempre cuidara bem do meu corpo, droga. Tomava batidas de repolho e fazia o que fosse necessário para manter a gordura sob controle, sem esquecer minhas rotinas no Hard Bodies, minha academia local. Eu não precisava de um homem esculpido em granito, homens assim nunca pareciam entrar na minha órbita.

Terminei minha bebida e joguei a lata na cesta de lixo. Assim que eu fechei a tampa, meu iPhone soltou um zumbido abafado da minha bolsa, eu o tirei e dei uma olhada nele. Era um texto de Loisa.

«Espero que você esteja se preparando. Zero desculpas!»

O concerto. Eu estava tão envolvida em minha própria cabeça que tinha esquecido o fato de que estava prestes a fazer algo divertido com a minha noite.

Verdade seja dita, parte de mim não queria ir. Tirar a roupa e entrar na banheira, seguido de uma noite preguiçosa em frente à televisão com um ou dois coquetéis, parecia ótimo. Mas sabia que não havia como superar o poder combinado de minhas três amigas tentando me tirar de casa. E por mais que eu odiasse admitir, elas estavam certas sobre como eu estava me tornando eremita.

E quem sabe? Talvez eu realmente me divertisse. Pensando no concerto, me vi entrando em um sentimento feliz e nostálgico, quase como um zumbido borbulhante. Apenas o pensamento de ir ver os Lover Boys novamente me trouxe de volta, me fazendo sentir como uma adolescente com toda a minha vida pela frente, sem preocupações no mundo, apenas tendo uma noite divertida com minhas melhores amigas. Sem contas, sem estresse, sem apartamentos pequenos, apenas diversão total.

Entrei no meu pequeno quarto, com o sol do pôr-do-sol da Califórnia inundando o local. Uma vez lá, tirei meu jeans e camisa e as joguei na cama. Eu fiquei com nada além de um sutiã e calcinha combinando que não combinavam, quem se importava se combinasse ou não, ninguém iria vê-los, certo? Eu fiquei na frente do meu armário e abri as portas.

Lover Boys.

Eu não pude deixar de sorrir puxando os meus lábios quando pensei neles. Tão brega, tão exagerado, mas muito divertido. Eles duraram apenas alguns anos, mas foi mais do que suficiente para lançar sucesso após sucesso que os levou a ser a trilha sonora de mais de um verão.

E enquanto eu estava lá, considerando a noite por vir e tentando descobrir o que vestir, vi algo na prateleira de cima do meu armário. Fiquei um pouco intrigado com o que poderia ser, mas quando me aproximei, reconheci: era uma pequena caixa de sapato rosa e branca que eu tinha durante anos e anos, um pequeno lugar onde eu guardara todos os tipos de lembranças de vários estágios da minha vida. Sempre terminava em caixas móveis para serem mantidas no fundo de um armário ou de outro. Eu a peguei, mas só consegui agarrá-la pela borda antes de tropeçar e cair de costas, arrastando a caixa da prateleira e derramando o conteúdo no chão.

—Ah. Merda! — Eu gritei quando caí de bunda.

Diante do desastre, percebi o que havia derramado. Eram fotos e muitas. A maioria era da universidade, eu e Ceci e alguns outros amigos, antes que Loisa e Dyana se juntassem ao nosso grupo e nos tornássemos o quarteto fabuloso sem o qual eu não podia imaginar minha vida.

Eu verifiquei as fotos e um grande sorriso se espalhou pelo meu rosto enquanto deixava a nostalgia tomar conta de mim. Algumas delas tinham quinze anos ou mais, quando as pessoas tiravam fotos que você poderia ter em mãos, quando não havia espaço, nuvem ou qualquer outra coisa.

Eu me deparei com muitos delas, nada mais e nada menos que um show do Lover Boys em que estivemos na Sunset Strip há muito tempo. Foi antes de ficarem famosos, naquela breve janela de tempo entre o lançamento de seu primeiro álbum e quando explodiram, tornando-os uma das maiores bandas do país. Até eles se aposentarem como estavam no auge de suas carreiras, deixando fãs pobres como eu com fome de mais.

As fotos foram tiradas de um ponto muito próximo ao palco, e as lembranças daquela noite voltaram à minha mente. Mas enquanto eu folheava as fotos da banda, todas elas com seu visual extravagante e glamoroso, com

maquiagem, cabelo bonito e tudo mais, tudo que eu conseguia pensar era no vocalista Roy, e no quão sexy ele era.

O garoto era o dono do palco, não havia outra maneira de dizer isso. Ele o perseguia como um leão grande e sexy, andando de um lado para o outro com o microfone na mão enquanto ele lançava músicas em sua voz assassina. E enquanto olhava para uma foto em particular, um deles vestido apenas com botas pretas, um colete sem nada por baixo e uma calça de couro que certamente mostrava visivelmente o contorno de seu pênis, senti o mesmo retorno. O que eu senti quando olhei para o modelo na aula de pintura.

Roy Mills exalava sexo, cru e puro. Meus olhos se moveram para cada centímetro de seu corpo e contemplaram seus abdominais marcados, seus braços tonificados e seus cabelos loiros selvagens, imortalizados na foto. E o que o tornou único foi que, no momento em que tirei a foto, o surpreendi olhando na minha direção, com aquele sorriso bonito e arrogante em seu rosto.

Mais lembranças voltaram para mim enquanto eu segurava a foto. Mordendo meu lábio inferior, senti minha vagina apertar como um punho e meus mamilos enrijecerem sob o meu sutiã. Não foi a primeira vez que me senti assim quando vi aquela foto. Muitos orgasmos ocorreram graças a essa foto, fingindo que o olhar que ele estava dando para a câmera era mais como um “Olá, linda. O que você fará depois do show?” e não um “Essas garotas lunáticas podem passar cinco minutos sem tirar uma foto minha? Estou tentando fazer o meu trabalho aqui!”

Mas era divertido fingir. Muito, muito engraçado. O fato de estar com meu sutiã e calcinha assim, com o próprio Roy Mills olhando para mim, foi suficiente para me fazer querer ir rapidamente ao chuveiro e levar um tempo extra no meu processo de limpeza.

Então foi isso que eu fiz.

Com a foto na mão, olhei em volta do apartamento como se alguém estivesse me espionando ou algo bobo assim. Então me apressei para alcançar minha mesa de cabeceira, onde mantinha minha fiel varinha Hitachi, fui ao banheiro e liguei a água quente. Eu me liberei do sutiã e calcinha, meu centro estava tão molhado que eu mal conseguia pensar com clareza. Depois de dar uma última olhada na imagem e gravá-la em minha mente, entrei no chuveiro e deixei a água quente derramar sobre mim.

No momento em que liguei a varinha e a coloquei entre minhas pernas, eu sabia que esse tipo de relaxamento era exatamente o que eu precisava.

Minhas pernas começaram a tremer e minha mão estendeu para a parede do chuveiro, me segurando no prazer que me enchia.

Fechei os olhos e os gemidos suaves escaparam entre os meus lábios. Com Roy Mills em mente, foi uma viagem pela memória que eu estava mais do que feliz em fazer.

Imaginei que estava de volta, ao momento em que a foto foi tirada. Mas, em vez de olhar para mim naquele momento fugaz, Roy fez um gesto para eu subir no palco, quando ele pegou minha mão e me levou com ele.

—Nos bastidores— ele ronronou em meu ouvido. —Uma hora, você e eu sozinhos.

Eu estava nervosa, convencida de que o ouvira mal. Mas no fundo eu sabia que me queria tanto quanto eu o queria. Entramos no seu camarim de luxo e ele se sentou, estendendo os braços nas costas do sofá.

Aumentei o poder do meu vibrador, sabendo que minha fantasia também estava prestes a subir de nível. Por onde começar com um homem como Roy Mills? Tantas coisas que eu queria fazer com ele, tantas coisas que eu queria que ele fizesse comigo.

Eu me aproximei dele, sendo o eu da minha fantasia muito mais gracioso e sedutor do que eu na vida real. Ainda era difícil para mim acreditar que depois de trinta e três anos neste corpo, era impossível dominar e me mover sem bater nas coisas e bater a cabeça.

Se concentre! Você é graciosa no mundo da fantasia, lembra?

Voltei ao jogo, sem movimentos desajeitados quando me dirigi a Roy. Uma vez na frente dele, eu coloquei minhas mãos em seus ombros, me inclinei e o deixei dar uma boa olhada em meus seios bonitos antes de dar um beijo em seus lábios macios e almofadados.

Eu já podia sentir a agitação de um grande orgasmo. Embora ele fosse um produto da minha imaginação, ele tinha esse jeito de me deixar louca. Eu não pude deixar de imaginar o que aconteceria se eu o conhecesse pessoalmente. Seria algo como: Olá! Prazer em conhecê-lo! Me masturbei pensando em você um milhão de vezes.

De volta ao meu mundo de fantasia favorito, me ajoelhei, trazendo minhas mãos para suas calças de couro roxas escuras e macias.

—Você me viu segurar um microfone a noite toda— ele sussurrou. —Agora vamos ver como você se sai.

Depois de desabotoar a frente da calça e abrir lentamente o zíper, com um puxão suave, descobri seu pênis grosso e comprido, lubrificado apenas para

mim.

Eu envolvi meus lábios em torno de seu tesão, Roy soltou pequenos rosnados sexy enquanto eu deslizava minha boca ao longo de seu comprimento. Depois de um pouco disso, nós dois nos encontramos querendo muito, muito mais. Segundos depois, estávamos nos despindo, jogando nossas roupas aqui e ali no camarim, ele montou em mim e entrou em mim, meus lábios se separaram e um gemido de puro prazer saiu dos meus lábios enquanto ele me enchia. O prazer foi totalmente instantâneo, minhas paredes estavam cada vez mais apertando seu pênis.

Nós dois estávamos destruindo a sala no estilo de uma estrela do rock, enquanto alternávamos em posições diferentes, ele me penetrando por trás, eu montando nele como um touro mecânico, ele em cima de mim com seus cabelos loiros fazendo cócegas no meu rosto.

Eu não aguentava mais e me deixei levar pelo intenso orgasmo. Eu reclamei e me contorci no chuveiro, uma mão segurando a varinha no lugar e a outra apertando meus seios, meus mamilos ainda tão sólidos quanto poderiam estar.

Os espasmos desapareceram e eu apenas fiquei lá no chuveiro, minhas pernas prestes a cederem debaixo de mim. Era exatamente o que eu precisava. Larguei o brinquedo e um sorriso ardente se espalhou pelos meus lábios.

Eu não sabia o porquê, mas tinha a sensação de que seria uma grande noite.

CAPÍTULO CINCO

Roy

Meu estômago estava agindo quando chegamos ao local. Mais de uma década depois, eu ainda sentia a mesma empolgação com a ideia de subir ao palco e abalar as centenas de pessoas que estavam aglomeradas em frente ao The Satellite, o moderno auditório de Silver Lake que havíamos reservado para nosso show secreto.

E parecia que o show não era mais tão secreto.

Meu telefone tocou no meu bolso e eu o puxei para ver que era uma mensagem de Will.

«Não os deixem que te vejam entrar! Mística, lembre-se!»

Eu ri quando entrei com o meu Aston Martin pelo beco estreito entre o complexo do prédio ao lado. Will sempre foi o homem do espetáculo e provavelmente estava preocupado com a ideia de ser visto com qualquer coisa, exceto em nossas roupas habituais e ultrajantes do Lover Boys.

Enviei uma mensagem para ele uma vez que parei em um dos lugares particulares.

«Não se preocupe, eles não vão me ver em calças que não gritem “estrela do rock”»

Eu sorri e coloquei o telefone no meu bolso. Depois que desliguei o motor, saí para o ar quente de Los Angeles à noite.

Minutos depois, atravessei os corredores dos fundos, abrindo caminho entre os técnicos e a equipe de serviço, indo para o vestiário. Ao longe, ouvia o rugido da multidão, mais do que algumas mulheres gritando entre si.

—Aí está o homem! — Disse Sean Ford, nosso baixista, quando entrei na sala.

Sean nasceu para tocar música, simples assim. Então, quando Lover Boys

se desintegrou, ele não perdeu tempo subindo ao estrelato por conta própria, fazendo o seu caminho como artista solo. Ele decidiu que uma mudança de endereço era exatamente o que ele precisava e se ramificou no EDM. Não demorou muito para que ele se tornasse um dos maiores nomes do gênero, superando qualquer festival de música que valesse a pena.

—Aqui está o homem— eu repeti, entrando na sala e fechando a porta atrás de mim. —O homem sou eu.

—Humilde como sempre— Theo James, nosso guitarrista, entrou na conversa, sorrindo enquanto afinava seu Stratocaster branco e dourado brilhante.

Dos quatro, Theo foi quem se afastou mais da estrada depois da banda. Ele era um leitor e, quando não tinha um violão nas mãos, tinha o nariz em um livro. Muitas revistas publicaram fotos dele vestido com suas roupas glam-rock e cabelos ruivos que cobriam os dois lados do rosto enquanto folheava um clássico ou outro.

Depois de Lover Boys, ele decidiu dedicar-se em tempo integral ao seu amor pela literatura, retornando à faculdade para o mestrado e depois o doutorado, terminando com uma posição de professor no departamento de inglês da UCLA. Ele era de longe um dos professores mais populares, e quanto mais eu pensava nisso, mais parecia um bom ajuste, afinal, quão diferente era uma sala de aula de um palco?

—Tudo certo. Não resta muito tempo até o primeiro ato terminar. E precisamos de você em sua roupa— disse Will.

O líder alto e bonito, Will sorriu com uma baqueta enfiada no bolso de trás.

Eu ouvi o som da multidão através da porta.

—Demais para um show secreto— acrescentei.

—Não é uma piada— disse Theo, tocando sem esforço alguns arpejos. —Você se lembra como antes você poderia guardar um segredo como esse?

—Antes da mídia social— esclareceu Will, com um tom melancólico em sua voz, como se estivesse pensando nos bons velhos tempos. —Antes, todo mundo tinha um telefone celular sem câmera e as pessoas pediam autógrafos em vez de selfies.

Eu ri.

—Vocês todos parecem prontos para o rock. — Fui até ele que estava perto dos trajes.

—Tudo bem. — Ele voltou sua atenção para as roupas. —Isto é o que eu

tenho para você.

Ele tirou uma calça e uma camisa. As calças eram de couro verde escuro, é claro, e a camisa era quase transparente.

—E eu trouxe para você um par de botas de pele de cobra da minha coleção pessoal— acrescentou ele com um sorriso.

—Perfeito.

Oh cara! Elas eram tudo o que eu esperava, talvez até um pouco mais. Botas de couro roxo com alguns diamantes aqui e ali... Do que mais precisava uma estrela do rock?

Uma batida forte na porta do quarto chamou minha atenção, seguida pela abertura da porta e uma cabeça espreitando.

—Estão prontos? — Perguntou o produtor. —Porque a multidão está pronta para vê-los.

—Acho que sim— eu disse, abrindo os botões da minha camisa.

—E vocês?

—Sim! — Os meninos soaram em uníssono.

Com as roupas na mão, fui ao banheiro trocar de roupa. Apenas quando eu fiquei com nada além da minha cueca preta, meu telefone tocou no bolso da minha calça. Uma verificação rápida no telefone me fez sorrir estupidamente, era uma garota. E não apenas qualquer garota, mas uma que estava me deixando louco.

—Ei! — Eu respondi, com um sorriso no meu rosto. —O que aconteceu?

—Nada. — Sua voz era tão equilibrada e madura, muito além de seus poucos anos, como sempre. —Eu só estava pensando quando iria ver você de novo.

—Em breve. Por que querida?

—Acabei de ler algo muito interessante e queria lhe contar sobre isso, só isso.

—Você pode me dizer por telefone, se estiver tão empolgada com isso.

—Bom, papai.

Na outra linha estava Sophia, minha filha, e a mulher mais importante da minha vida. Bem, a par com minha mãe, é claro.

Ela e eu tivemos uma história interessante. Quando comecei a trabalhar como advogado, trabalhei com mais de alguns clientes desprivilegiados e vi um lado mais difícil de Los Angeles a que nunca havia sido exposto antes de minha posição na fama. Em um dos meus casos, conheci Sophia, uma jovem inteligente e divertida que teve um começo difícil, para dizer o mínimo, e que

se encontrava na confusão do sistema de assistência social de Los Angeles.

Depois de nos darmos bem, dediquei um pouco de tempo para a situação dela, fazendo o possível para a estabelecer com uma família adotiva perfeita. E encontramos um cara rico e com uma ótima casa em Newport pronta para adotá-la. No entanto, houve um problema pouco antes de assinarmos a linha pontilhada, e a família perfeita não era tão perfeita. O novo pai em potencial de Sophia havia roubado sua empresa financeira e, um dia antes de estarmos prontos para colocar a garota no caminho, ele foi preso. Em grande forma.

Sua nova vida, a que ela estava tão empolgada, terminou antes de começar. E foi a minha vez de dar a notícia. Mas quando eu a sentei para contar, saiu uma frase da minha boca que eu nunca imaginei que diria: “Você quer vir morar comigo?”

Assim, eu tive uma garotinha. E eu não me arrependo nem por um momento.

—Pai, você sabia que o Império Romano não caiu em 476 como todo mundo estava pensando?

Essa era Sophia em poucas palavras, exatamente isso. Sempre me considerei um pouco inteligente, o suficiente para passar no exame, pelo menos. Mas, apesar de ter apenas doze anos, ela já estava me envergonhando. A garota passava de um interesse para outro, aprendendo até se saciar e se mover rápido como um ratinho, totalmente adorável.

Ultimamente, a história clássica era o seu interesse, e meu telefone estava constantemente explodindo com pequenos fatos sobre a Grécia e Roma e esse ou aquele imperador. E eu amava isso.

—É sério? — Perguntei a ela.

—Sim. O Império Oriental realmente continuou por mais mil anos. E você sabia que o nome do último imperador era Augústulo, o que significa pequeno Augusto? Como uma pequena versão do primeiro imperador.

Como eu disse, a garota era inteligente.

—Uau. Querida, eu realmente não sabia— admiti enquanto enfiava minhas calças de couro e embalava o telefone em volta do meu pescoço. — Como está a vovó?

Embora eu tivesse alguma influência no sistema legal de Los Angeles, um homem sozinho que adotava uma garota ainda era um assunto a considerar. No entanto, quando minha mãe, Mary, descobriu o meu plano, ficou muito feliz em oferecer seus serviços. Ela também se ofereceu para se mudar, o que foi bom para mim. Sem mencionar, eu queria fazer o que

pudesse para ajudá-la depois que papai faleceu de repente alguns anos atrás.

Era uma família pouco ortodoxa que tínhamos, mas eu não a trocaria por nada no mundo.

—Ah. Ela está bem aqui...

Houve um breve barulho no outro extremo, seguida pela voz familiar de mamãe.

—Roy? É você?

—Não— eu disse com um sorriso. —É seu outro filho o deus do rock.

—Lindo. Você está prestes a subir ao palco?

Havia um traço de preocupação em sua voz, típica de minha mãe.

—Claro que sim. Eu só preciso terminar de preparar e estaremos prontos para o rock.

—E você não está fazendo nenhuma dessas coisas de estrela do rock, está? Com bebidas e garotas e Deus sabe o que mais.

A preocupação era palpável. Acredite ou não, era mais encantador do que qualquer coisa: apenas sua maneira de mostrar seu amor.

—Não precisa se preocupar com nada disso, mãe. Este é um show único. Serei seu filho advogado benfeitor novamente antes que você perceba.

—Bom, porque você sabe que eu me importo.

—De verdade? — Eu perguntei, ainda sorrindo. —Eu não tinha notado.

Houve uma batida na porta do banheiro, assim que coloquei a minha última bota.

—Ok mãe. Eu tenho que ir... dar meus cumprimentos a pequena.

Nos despedimos, e eu abri a porta para ver Will, seu rosto coberto de maquiagem selvagem e colorida.

—Você está pronto para a sua? — Seus lábios magentas se abriram em um sorriso enorme.

—Oh sim. Como é que eu quase esqueci a parte mais importante do traje?

Ele me levou para uma penteadeira onde a maquiadora estava me esperando. Ela não perdeu tempo em começar e, depois de alguns toques de delineador e batom, estava ótimo.

—Merda! — Exclamei, virando a cabeça de um lado para o outro na frente do espelho para dar uma boa olhada nas coisas. —Eu tenho que dizer, isso é feroz. Espere, as pessoas continuam dizendo “feroz”? — Perguntei à maquiadora.

Ela riu da minha total ignorância.

—Eu acho que agora é tudo “yaaass” — respondeu Theo. —Pelo menos é

o que dizem meus alunos.

—Tipo, sua maquiagem é yaaaas? — Will perguntou.

Outra risada da maquiadora.

—Ei— eu disse com um sorriso gentil. —Espere até ficar mais velha como nós, sem saber o que as crianças estão dizendo.

—Sim— ela revirou os olhos de brincadeira enquanto terminava meu penteado. —Aos trinta e poucos anos não são tão velhos assim.

—Ok, pessoal— Sean entrou na conversa. —Estamos prontos para fazer isso?

Dei uma última olhada vaidosa na roupa, meu cabelo subindo para a glória completando o estilo dos anos 80, e minha maquiagem me fez parecer sexy o suficiente.

Eu estava pronto.

Pegamos nosso equipamento e saímos da sala, o barulho no local era quase esmagador. Ao longe, pude ouvir o canto de Lo-ver-Boys! Lo-ver-Boys!

Eu não conseguia parar de sorrir. Nós quatro fomos aos bastidores como se não houvesse nenhum tempo desde o nosso último show. Logo viramos uma esquina e nos encontramos cara a cara com uma multidão de fãs gritando, principalmente mulheres, chegando até nós como se quisessem nos comer vivos. Talvez dez anos atrás eu as tivesse deixado fazer isso, mas hoje à noite era tudo sobre música.

Ou pelo menos era assim... até que eu a vi.

Ela era alta como nenhuma outra, destacava-se do resto da multidão, e tão linda que eu congelei no lugar, hipnotizado por seus olhos assassinos. Seu rosto era magro, longo e bonito, seus lábios carnudos curvados em uma expressão que deixava claro que ela sabia que eu estava olhando para ela, mas que ela não sabia o que fazer com isso. Claro, eu tinha deixado a música há muito tempo, mas essa garota era tão sexy, tão bonita, que tudo que eu queria na época era largar tudo e correr para criar um álbum com músicas sobre como eu me senti naquele exato momento em que eu a vi.

—Ei, Roy! — Will gritou, agarrando meu braço e me trazendo de volta à realidade. —Você vai ficar parado a noite toda, ou você vai rockear?

Olhei na direção da garota e ela se foi. Mas o feitiço ainda estava lá. Eu me virei para Will e assenti com ele e falei sobre o barulho.

—Claro que sim. Vamos fazer isso.

Eu me juntei ao resto dos meninos enquanto nos dirigíamos para o palco.

Aquela velha emoção tomou conta de mim, a mesma que eu sentia toda vez que eu estava no palco todos aqueles anos atrás, com o mundo inteiro à nossa frente.

O canto de Lo-ver-Boys, Lo-ver-Boys! Crescia e crescia, e no momento em que subimos ao palco como deuses, o maldito lugar explodiu.

Me aproximei do microfone quando os meninos tomaram seus lugares e amarraram seus equipamentos. Com um movimento rápido, arranquei o microfone do suporte.

—Silver Lake! — Eu gritei. —Vocês estão prontos para o rock?

Os gritos de volta confirmaram que sim, eles estavam.

Mas, sem sequer pensar nisso, comecei a examinar a multidão. Eu não podia acreditar, mas no momento tudo o que importava era vê-la novamente.

CAPÍTULO SEIS

July

Trinta minutos antes...

The Satellite era um maldito hospício. O lugar estava lotado de pessoas e fiquei surpresa ao ver a variedade demográfica que Lover Boys havia trazido à tona. A banda de abertura tinha acabado de terminar e os assistentes estavam ocupados preparando o palco para o show principal. Por trás da bateria, pendia uma faixa enorme com o nome do grupo escrito em fonte gótica e cores rosa e roxa, com o logotipo da guitarra perfurando um coração no estilo cupido.

Eu admito, fiquei totalmente empolgada.

—Você vê algo que você gosta? — Dyana perguntou, tomando um gole de seu uísque azedo.

Antes que eu pudesse responder, alguns de seus fãs do Instagram a empurraram para o lado e pediram uma foto, Dyana posou sem esforço para a câmera fazendo um sinal de paz como eu a tinha visto fazer muitas vezes antes, e depois se voltou para mim como se nada tivesse acontecido.

—Essa pose nunca sai de moda? — Eu perguntei.

—Não— ela disse com um grande sorriso fotogênico.

—Não evite a minha pergunta— acrescentou Ceci, que estava à minha direita, nossas costas contra o bar. —Tem que haver alguém aqui com quem você possa se divertir depois do show.

—Alguém deixou suas maneiras em casa.

Sorriu.

—É a Lover Boys! Esta é a noite das más maneiras e da melhor maneira possível.

À distância, pude ver que Loisa já tinha o espírito daqueles “maus

modos” incorporado. Ela estava encolhida perto de um cara com quem estava conversando o dia todo no Bumble, e parecia que o partido tinha sido um sucesso sem esforço.

—Parece que sim— gesticulei em sua direção.

—Que tal esse? — Dyana apontou para um cara de jeans apertado e barba.

—Moderno demais— eu disse.

—Hmm. E ele? — Ceci gesticulou com a bebida em direção a um garoto que não devia ter mais de 22 anos.

—Você está de brincadeira? — Eu perguntei para ela. —Eu não estou querendo ser presa por ficar com um menor.

—Bem, bem— reclamou Dyana. —Que tal esse ga...

Antes que ela pudesse terminar de falar, o sujeito em questão, um homem bonito e bem-construído, com um sorriso perfeito e olhos sonhadores, se aproximou e começou a conversar com ela. Antes que eu soubesse o que havia acontecido, ele a separou do grupo e a levou para a multidão.

—Você viu isso? — Eu perguntei a Ceci. —Dyana só estava de pé e o capitão Bonitão a encontrou como nada!

—Capitão magnífico, você quer dizer. É legal ser tão sexy, não é mesmo? — Ela perguntou com um sorriso.

Revirei os olhos em resposta.

—Mas sério. Você viu isso, certo?

—Oh, claro, eu vi.

—Quero dizer, não quero parecer ressentida ou algo assim, mas sinto que tenho sido totalmente invisível para os meninos desde que estava solteira novamente. Há algo de errado com minha aparência?

—Sim, tem.

Meus olhos se arregalaram um pouco ao ouvir isso.

—Muito sincera para ser uma amiga de apoio— eu disse com um sorriso.

—Eu não quero dizer que você está totalmente ferrada. Mas me deixe perguntar, como você se sente sobre o que aconteceu?

—Bem.— Meus olhos se fixaram no meu mojito no momento em que eu disse a palavra.

—Essa foi a resposta mais falsa que já ouvi. Sério, como você se sente? Pouco tempo se passou desde tudo que aconteceu, e você começou a agir como se nunca tivesse acontecido.

—Porque é assim que eu quero lidar com esse desastre. Como se fosse

um sonho.

—Isso é tão ruim?

Respirei fundo e desviei o olhar por um momento, deixando meus pensamentos se misturarem com o rugido da multidão e da house music, que eu reconheci como um tema de ninguém menos que o DJ Sean Ford, o baixista do Lover Boys.

—Devo admitir, uma parte de mim está aliviada. Agora que tive tempo de pensar nisso, não acho que ficaria feliz com George. Na verdade, eu me sentiria infeliz.

—Além do fato de que seu nome teria sido a Sra. July Salt.

—Fora isso, sim— eu concordei com um leve sorriso. —Quando voltamos à vida um do outro depois de tanto tempo, e ele disse que estava apaixonado por anos e anos, senti... não sei, ele não parecia real, entende?

—O clichê das comédias românticas. O garoto que você conheceu no ensino médio e que sempre esteve apaixonado por você, mas nunca o viu. Anos depois, você percebe que ambos são feitos um para o outro.

—Exatamente. Parecia tão perfeito. Mas olhando para trás, nunca senti amor assim, não por ele. E era evidente que ele não sentia também, considerando que ele me deixou no maldito dia do nosso casamento por uma garota que ele praticamente acabara de conhecer.

—O dia de um casamento em que você não teve voz ou voto.

—Verdade.

—E você gostaria de ter casado com um cara que deixaria você a qualquer momento por causa do primeiro par de peitos que cruzaram seu caminho?

Bati uma unha na cabeça.

—Tem razão. Provavelmente foi melhor que o casamento nunca acontecesse.

—Ainda dói como sua amiga, sabendo que ele a deixou em pé no seu grande dia.

—Isso é o que resume.

—E esse é o coração desse tópico em particular. Há uma razão pela qual não há garotos se acotovelando, tentando ter a chance de conversar com você. E não é porque há algo estranho e estragado em você, mas porque você está enviando vibrações de cadela de nível 10 para qualquer cara em um raio de 15 metros.

—Não, eu não— eu rapidamente neguei, cruzando os braços sobre o

peito.

—Sim, você faz isso— disse Ceci. —Pense nisso como uma vibe repulsiva para os homens. Na superfície, você está pronta para namorar novamente. Mas no fundo você tem muito medo de se machucar pela segunda vez. E qualquer um pode ver isso.

—Aqui vamos nós de novo— eu bufei.

—É sério. Não quero parecer um disco arranhado, mas é verdade. Os meninos podem sentir quando uma garota está enviando essas merdas de vibrações. E July, já conversamos sobre isso antes, você as emana desde o casamento, como a radiação de Chernobyl.

Eu zombei, querendo descartar o pensamento como fazia sempre que ela ou qualquer uma das outras meninas haviam levantado o assunto antes. Mas algo no momento, ao ouvi-la, fez parecer que ela estava certa.

Mas antes que a conversa pudesse continuar, Dyana, Loisa e seus companheiros se aproximaram de nós, seus olhos arregalados como discos voadores.

—Meninas! — Dyana gritou, a mão de seu bonitão na dela. —Luca disse que conhece um dos caras nos bastidores e, se quisermos, ele pode nos levar para ver Lover Boys saindo.

—Fala sério? — Ceci perguntou.

—É claro— disse o homem evidentemente chamado Luca, sua voz suave e rica como chocolate amargo derretido. —Quando quiserem, podemos ir.

No entanto, naquele momento, me senti derrotada. Ceci estava certa, mas perceber a verdade fez a empolgação do show desaparecer. Se eu realmente estivesse jogando vibrações de uma cadela em qualquer pobre idiota que teria sido tão gentil a ponto de me dar alguma atenção?

—Vamos— Ceci, me pegou pela mão. Deixe esses pensamentos para depois de hoje à noite. Vamos lá!

Antes que eu tivesse a chance de dizer alguma coisa, nós seis corremos pela multidão e fomos para a área dos bastidores. Eu assisti Luca untar as palmas das mãos ou qualquer truque que ele tivesse debaixo da manga, e é claro que um dos guardas abriu a porta e nos deixou passar. Ceci ainda estava com minha mão na dela, e ela não perdeu tempo me arrastando com o resto do grupo.

Eu não tinha ideia de como era único esse negócio nos bastidores, mas havia pessoas suficientes lá para me dar a impressão de que qualquer influência que Luca tivesse não era tão única. Todos corremos pelo longo

corredor e, apesar de tudo, fiquei cada vez mais animada a cada passo. Claro, era estúpido e tedioso, mas tinha direito a um pouco de diversão, certo?

Finalmente chegamos a uma corda de veludo que separava a área dos bastidores para pessoas normais e a área extra especial para pessoas famosas. A energia estalou no ar como fogos de artifício enquanto todos esperávamos a banda sair. Em pouco tempo, ouviu-se um canto: Lo-ver-Boys, Lo-ver Boys!

Eu pensei que eu não era mais assim, que era uma mulher adulta depois de tudo, certo? Mas ali, entre minhas amigas e todos os outros fãs, eu senti que tinha dezoito anos novamente. Eu não podia acreditar o quão animada eu estava.

A música atingiu um nível de partir o coração, e logo os membros saíram, todos vestidos com sua glória glamorosa. Primeiro, foi Sean, o ex-baixista e agora DJ mundialmente famoso. Então Theo, o homem pensante do grupo que havia colocado seu cérebro em uma carreira como acadêmico. E então Will Gilles, o protagonista de Hollywood.

Deus, eles eram todos tão fodidamente sexy. Eu nem me importava que eles estivessem vestidos como Mötley Crüe, cada um dos meninos apenas irradiava sexo à sua maneira.

E quando o próprio Roy Mills saiu, todas as apostas foram anuladas. Com aquele sorriso bonito e arrogante em seu rosto, seu cabelo loiro selvagem como uma juba, sua camisa transparente o suficiente para que eu pudesse ver todas as últimas linhas de seus músculos tonificados. E no braço dele havia uma tatuagem com o coração da banda e o logo do violão.

Só de olhar era o suficiente para me molhar. Eu não podia acreditar no efeito que o homem tinha em mim.

E quando ele me olhou nos olhos, tudo acabou.

No começo eu tinha certeza de que estava imaginando coisas. De todas as garotas ao meu redor, Roy Mills não me escolheria. Mas ele fez. Seus olhos ficaram fixos nos meus, e o sorriso presunçoso desapareceu de seu rosto e foi substituído por uma expressão que era algo como “demônios”.

Não durou mais que alguns segundos. Mas esses breves momentos foram suficientes para minha vagina apertar e meus mamilos ficarem muito duros. Então, um dos meninos, Will, aproximou-se dele e deu um tapa no ombro largo e redondo, quebrando o feitiço. E foi isso.

—Vamos lá! — Ceci pegou minha mão novamente e me puxou pela multidão. —Eles estão passando! Temos que nos aproximar!

Eu não tinha nada a dizer sobre o assunto. E foi bom que não, o olhar de Roy Mills tinha sido tão intenso que, se Ceci não estivesse lá para me levar embora, eu provavelmente ficaria sem palavras até que os seguranças me expulsassem.

Logo fomos apanhadas por uma multidão de pessoas correndo para a frente do palco. Não faço ideia de como fizemos isso, mas o grupo todo acabou na primeira fila. A tensão e antecipação no ar eram tão intensas que eu senti como se estivesse com falta de ar. Os Lover Boys sabiam como fazer seus fãs gritarem por eles, e o canto de seu nome deixava bem claro isso.

Então eles saíram.

Gritos de encorajamento explodiram quando eles subiram ao palco. Roy arrancou o microfone do suporte e segurou-o na boca.

—Silver Lake! — gritou— Estão prontos para rockear?

Mais gritos eufóricos. O bumbo começou, chutando a uma velocidade constante. Então Sean entrou com uma linha de baixo muito boa. Theo foi o próximo com um riff estridente e distorcido, indicando que eles iam tocar um de seus maiores sucessos, *A garota da minha vida*.

E eu fiquei lá como uma completa idiota, a mandíbula no chão enquanto Roy andava, balançando os quadris com a batida da música de uma maneira que não deixava nada a invejar Mick Jagger.

Ele entrou na música, e a multidão ficou totalmente louca ao meu redor. Eu estava tão empolgada, sobrecarregada e tudo o mais que nem sequer dancei, fiquei parada hipnotizada enquanto os meninos faziam o que sabiam fazer de melhor.

E, claro, fiquei impressionada com o quão ótimo foi. Eu tenho que admitir, parte de mim estava preocupada que ele e o resto dos meninos parecessem um pouco tolos naqueles trajes de couro e toda a maquiagem. Mas não estavam. Cada um deles ainda estava em forma, com rostos que pareciam algo saído de um maldito comercial de lâmina de barbear.

Além disso, meus olhos foram para o sul, em direção à protuberância encantadora que se formava com aquelas calças. Fiquei tão impressionada com aquele detalhe delicioso que mal notei quando ele olhou para mim, me mostrou aquele sorriso imbatível e...

Ele me convidou para subir no palco.

CAPÍTULO SETE

July

Eu não tinha ideia do que fazer. O último acorde da música lançou um grande final em sua armadilha e pratos.

E havia a mão de Roy Mills, seus dedos adornados com anéis hilariantes.

—Vamos lá! — Ele gritou, levantando a cabeça em direção ao palco.

Olhei em volta, como se quisesse que uma das garotas dissesse algo, notando que elas estavam bem no meio da alucinação mais louca de todos os tempos. É claro, peguei o olhar de Ceci e ela, de alguma forma, apenas com seus olhos expressivos, conseguiu dizer: “O que diabos você está fazendo, mulher louca? Suba lá!”

Então eu fiz. Eu me virei para ele e peguei sua mão. Era quente e áspera, como uma mão de homem deve ser. Com um puxão, ele me ajudou a subir no palco. E como se as coisas não pudessem ser mais incríveis, ele colocou o braço em volta dos meus ombros e me aproximou de seu corpo sólido e musculoso. Medo, nervosismo e excitação total e completa me dominaram.

—Vamos fazer algo um pouco especial esta noite. — Sua voz fluiu sobre a multidão como um lençol de seda.

Meu peito subiu e desceu, eu tinha medo que ele me excitasse tanto por estar lá com ele que isso provocaria uma inundação lá embaixo na frente das pessoas. Os olhares à minha esquerda e à direita revelaram os outros garotos levantando outras garotas da multidão, todas tão chocadas e empolgadas quanto eu.

—É divertido estar de volta com os meninos— anunciou Roy. —Mas a música não é nada, e me refiro a nada sem todos vocês. Então, vamos começar esse show com um pouco de diversão... o que me dizem?

Loucos, e quero dizer insanos, os aplausos varreram o lugar, só ficaram

em silêncio quando Roy levantou a mão livre.

—Espero que todas saibam dançar!

Espera o que? Roy Mills, um dos humanos mais coordenados do planeta, me trouxe ao palco para dançar com ele? Parte de mim queria correr gritando na multidão, apenas me imaginando sacudindo meu corpo naquele palco.

Mas era tarde demais para voltar. No momento, Theo começou a lançar o inconfundível riff de abertura de seu maior hit, *Permissão para amar*, a multidão foi à loucura.

Roy tirou o braço de mim e piscou para mim antes de levar o microfone aos lábios. Mas assim que ele começou a cantar, a pura loucura em que eu estava fez tudo parecer um rugido abafado. O resto das garotas no palco foi direto para dançar, é claro, balançando a bunda e jogando os cabelos, tendo o melhor momento de suas vidas.

E eu fiquei lá dura como uma múmia, sem ideia do que fazer com qualquer parte do meu corpo.

—Você está com calor— Roy cantou, começando o refrão. —Você se sente fraco.

Ele estava alcançando o clímax da música, e tudo que eu podia fazer era olhar para o espaço, totalmente atordoada, com as luzes do palco como algum tipo de raio de trator alienígena em que eu estava presa.

—Você se sente bem— ele continuou cantando, sua voz mais poderosa e hipnótica do que nunca. —Você está no seu melhor.

Como se ele sentisse que estava em uma das minhas fantasias, ele se virou e olhou para mim.

—Eu sei o que você quer. Eu não vou fazer você implorar.

Apesar da pequena série de ataques de pânico que eu estava enfrentando internamente, o fato de Roy olhar para mim, cantando essas letras, foi suficiente para me colocar em um estado como eu nunca havia conhecido antes. Todo o poder e carisma de um dos maiores deuses do rock se concentraram em mim, e somente em mim.

—Você me faz sentir como se estivesse tomando um novo tipo de droga — ele cantou, aproximando-se de mim. —Awww, droga, garota, eu preciso da sua permissão para amar!

Feito. Tinha acabado. Se fosse possível queimar espontaneamente com a loucura sexual total, eu teria feito isso ali, agora. Era o tema principal de muitas noites loucas da minha juventude, e havia o próprio homem cantando apenas para mim.

Foi o suficiente para esmagar minhas inibições como uma lata de cerveja sob a bota de um caminhoneiro. Um sorriso largo se espalhou pelo meu rosto quando ele balançou meus quadris de um lado para o outro e comecei a tremer minha bunda como se não houvesse amanhã. Roy me observou me mover, suas grossas sobrancelhas escuras arqueadas no que parecia uma surpresa feliz.

Um rugido surgiu da multidão enquanto eu dançava, todos no local me aplaudindo. Eu não podia acreditar no que estava vendo ou no que estava fazendo, mas algo na música, no palco e tudo mais funcionou para me mergulhar em um tipo de transe louco.

E eu amei cada segundo disso.

Roy continuou o verso, aproximando-se de mim enquanto cantava. Era tão incrível e travesso que eu mentiria se dissesse que não estava nem um pouco animada por saber que era a inveja de todas as garotas do lugar.

Quando eles chegaram ao segundo coro, eu estava dançando como uma louca total. Eu tinha certeza que eu parecia ridícula, mas não me importei. Eu estava me divertindo como nunca na minha vida com o homem mais emocionante do planeta.

No solo da música, Theo se destacou tocando guitarra, fazendo minha pele arrepiar enquanto eu dançava. O resto das meninas estava se divertindo tanto quanto eu, mas nenhuma delas parecia ter chamado a atenção de Roy do jeito que eu tinha feito.

Era tudo na minha imaginação?

Finalmente, os garotos terminaram a música, Will tocando a bateria, Theo tocando um último acorde da guitarra louco e Sean zumbindo em uma última nota de baixo. E, claro, Roy rugindo no microfone.

E assim, a música terminou. O lugar explodiu em aplausos, e fiquei atordoada, meu peito inchado e meus olhos arregalados.

Antes que eu pudesse pensar no que fazer a seguir, senti uma mão no meu quadril. Eu me virei para ver quem era e, claro, era ele. Ele sorriu, inclinou-se e sussurrou no meu ouvido as palavras que eu queria ouvir desde que era adolescente.

—Meu camarim depois do show. Você me encontra lá?

CAPÍTULO OITO

July

O resto do show passou como uma espécie de sonho louco e totalmente selvagem. As mulheres eram loucas e eu tive que admitir que desfrutei do ciúme claro e total que eu havia sido escolhida por Roy.

Mas durante o resto da dança, a música e a emoção do show, a pergunta apareceu como se um pequeno inseto tivesse me passado pela cabeça: por que eu?

Não me interprete mal. Eu não sou o tipo de garota que se bate ou pensa que não é boa ou nada disso. Eu tenho uma opinião muito saudável, muito obrigada. Bem, um pouco saudável. Mas você já sabe.

Mas ter Roy Mills me convidando para o palco era outra coisa. Apesar de ser um show secreto, havia centenas de pessoas no local. E para minha surpresa, nem todo mundo era um fã milenar como eu e as meninas. Não, havia muitos fãs mais jovens por lá.

Isso significava que Roy poderia escolher qualquer garota que quisesse no local. Mas não, ele me escolheu. Ele olhou diretamente para mim através da multidão, me deu aquele sorriso impossível e me levou ao palco com ele.

E isso não era tudo. Não, nem um pouco. Ele me convidou para o seu camarim... para fazer o que?

Quando Lover Boys terminou *Desde que te conheci* sua última música, eu estava totalmente confusa. Por que ele me convidou para o seu camarim? Ele me viu como outra groupie em potencial, uma daquelas garotas que poderia foder e jogar fora?

Então, novamente... isso seria tão ruim? Uma aventura com uma das estrelas do rock mais sexy do planeta seria tão horrível assim? Não que eu tenha tido muita ação desde que namorei George, e nossa vida sexual não

tinha sido exatamente algo para se gabar.

Não tive tempo de terminar de ponderar meus pensamentos sobre o assunto. Os meninos se despediram, pegaram suas coisas e foram embora, e minhas meninas não perderam tempo em me cercar e me encher de perguntas. Atrás delas, os caras de Dyana e Loisa estavam com as mãos nos bolsos, como se soubessem que nada que eles poderiam dizer ou fazer seria mais impressionante do que ouvir todos os detalhes sobre a minha dança com Roy Mills.

Mas eu mal conseguia entender meus próprios pensamentos, muito menos a cacofonia total das meninas.

—Vamos! — Loisa levantou a voz acima das outras. Vamos ao The Thirsty Crow e falamos sobre tudo isso lá.

E isso nos levou diretamente aos pequenos detalhes da dança com Roy, o convite.

—Hum, tem uma coisa é... — eu disse.

Todas as meninas prestaram atenção em mim, e eu lhes contei brevemente sobre o convite. Elas ficaram chocadas, animadas e totalmente incrédulas. E eu estava lá como elas.

Por fim, consegui sair do grupo, mas apenas com promessas de dar todos os detalhes. Então elas foram embora, e eu fiquei sozinha, só eu e o que quer que estivesse prestes a fazer.

Andei nos bastidores e, depois de descer o corredor, logo encontrei um segurança enorme e corpulento, com a cabeça raspada e a barriga que parecia ter um ar condicionado contrabandeado sob a camisa apertada demais. Ele olhou para mim com olhos brilhantes, esperando que eu explicasse.

Parte de mim sentiu que esse cara me expulsaria no minuto em que tentasse explicar, mas eu não era uma garota fraca e, além disso, havia recebido um convite pessoal do próprio homem.

Então eu limpei minha garganta e me aproximei.

—Olá. Vou me encontrar com Roy Mills.

Eu percebi o quão tolas minhas palavras soaram no momento em que saíram da minha boca. Eu estava no modo totalmente profissional, falando como se dissesse a uma secretária que eu tinha uma reunião.

—Eu aposto que você vai.

Ele olhou para trás, sugerindo que era o fim da conversa. Não uma possibilidade.

—Com licença— eu disse novamente. —Eu falei com o próprio Roy, e

ele pessoalmente me disse para voltar depois do show. Agora, se você me deixar passar...

Comecei a me mover ao redor dele, mas rapidamente, com uma velocidade surpreendente para um cara do seu tamanho, ele estendeu a mão e me segurou para trás. O homem não se mexeu e eu me recuperei.

—O que diabos você pensa que está fazendo? — Eu perguntei para ele. —Eu te disse, vou encontrar Roy Mills.

—Escute, senhora. — O sotaque dele era mais de Staten Island do que de Silver Lake. —Você e todas as outras garotas deste lugar querem se encontrar com Roy. E é meu trabalho garantir que nenhuma de vocês passe. Então, querida, você pode ser legal e sair daqui por conta própria, ou eu posso levá-la até a porta.

Sim, o cara estava apenas fazendo seu trabalho. Mas isso não significava que eu não me importava nem um pouco se eles me chamassem...

—Querida? Você realmente me chamou de “querida”?

—Claro que sim— ele insistiu, nem um pouco incomodado com a minha raiva. —O que? Você prefere “doçura” ou “bebê”?

Ele estava realmente provocando uma raiva que eu não conhecia. Claro, ele tinha um trabalho a fazer, mas isso não significava que ele deveria se comportar como um porco sexista no processo.

Eu o enfrentei apontando um dedo para o rosto dele.

—Ouça amigo. É melhor você me deixar ver Roy agora, porque se você não deixar e ele descobrir...

—Ele vai superar isso— ele me interrompeu. —Não é que lhe dói perder uma garota. Agora, vou gentilmente pedir uma última vez e...

Ele não teve chance de terminar.

—Aí está você!

Nós dois voltamos nossos olhos para a voz, que não era outra senão a de Roy. Ainda vestido com sua roupa de couro e botas de pele, ele estava andando, seu rosto surpreendentemente sexy nessa maquiagem.

—Mick! — Ele disse, aproximando-se do guarda e dando-lhe um tapinha amigável no ombro. —Você está fazendo minha convidada se sentir bem-vinda? Claro que sim... você é um grande urso de pelúcia, certo?

Pela primeira vez desde o nosso pequeno encontro, o cara parecia nervoso.

—Eu estava checando ela antes de deixar passar.

Claro, eu poderia ter dito algo sobre como esse idiota deveria fazer um ou

dois cursos de estudos de gênero na faculdade comunitária local, mas fiquei de boca calada.

—Tudo bem— disse Roy. Então ele concentrou sua atenção em mim. —Vamos lá.

O guarda saiu do meu caminho e eu dei a ele um último olhar como se dissesse “viu?” quando passei por ele.

Estávamos andando pelo corredor, com toda a equipe de palco se aproximando de nós. Limpei a garganta e fiz o meu melhor para me recompor.

—O show foi ótimo— eu disse, mantendo minha voz calma e tranquila.

—Eu posso dizer pelo tom da sua voz que você não cantou muito nossas músicas.

Ele me deu um sorriso para me dizer que ele estava apenas brincando. Continuamos andando, e o tempo todo eu olhava para ele como se eu estivesse tendo alucinações. Eu não conseguia tirar os olhos dele, de seus braços luxuriantes e tonificados através dos ombros largos, até o modo como aquelas calças de couro abraçavam sua bunda redonda. E você podia ver pela maneira como ele andava que ele sabia se mover.

—Aonde vamos? — Eu perguntei enquanto subíamos as escadas para o segundo andar. —Para o camarim?

—Não. Vamos lá.

Parecia haver apenas uma maneira de descobrir. Eu o segui, finalmente chegando a uma grande porta no segundo andar, com a palavra “Administração” escrita em uma placa de prata. Fazia cócegas no meu estômago como se eu tivesse engolido um galão de Pop Rocks. Ele abriu a porta, revelando um belo escritório decorado com móveis elegantes e enormes janelas das quais a cidade podia ser vista brilhando lá embaixo.

—É o escritório do gerente. Me deixam usá-lo quando não estão aqui.

E foi aí que eu percebi. O quarto, a vista, Roy... era a minha maldita fantasia. E não apenas uma fantasia distante que eu poderia ter tido em algum momento no passado. Não, era o que eu imaginei naquela mesma tarde.

—Entre, fique confortável.

Entrei, ainda incapaz de assimilar tudo o que estava acontecendo. Ele foi ao bar e preparou algumas bebidas.

—Meu nome é Roy Mills— ele disse enquanto me entregava uma.

—July.

—Um prazer, July. Esse é um nome único.

Eu esperava o seguinte: uma piada terrível sobre o meu nome. Mas não veio.

—Você parece surpresa— acrescentou.

—Não, eu estava apenas esperando o inevitável trocadilho com o meu nome. Tipo, “Espero poder ser o sal que te acompanha” ou algo estúpido assim. Acho que nunca conheci um cara capaz de resistir. — Eu estava nervosa e apenas dizia bobagem, mas não consegui me conter. —Assim como todo garoto com quem eu tive um encontro, fez o mesmo. E como você sabe, se alguém tem um nome engraçado, já ouviu todas as piadas possíveis um milhão de vezes, mesmo que sejam engraçadas, bem, eu conheci muitas pessoas engraçadas e...

Meus olhos se arregalaram e eu finalmente consegui me controlar. Felizmente, Roy não pareceu tão surpreso quanto eu pensei que ele ficaria. De qualquer forma, parecia divertido. O que foi bom pra mim.

—Fique tranquila. Eu não vou fazer piadas com seu nome.

—Desculpa, é só que... isso é demais. — Então a verdadeira questão da noite se formou na minha cabeça. —Por que estou aqui?

Ele foi até o sofá e caiu sobre ele.

—Você está aqui porque quer estar aqui— disse ele, com todo o charme e confiança.

—Quero dizer, eu sei disso. Mas você poderia ter escolhido qualquer garota do lugar para sair com você hoje à noite após o show, ou dançar com você no palco. Por que eu?

—Porque você é muito boa. O que você acha?

Ele foi tão direto sobre isso que eu não pude deixar de me surpreender. Mas gostei. Eu estava tão acostumada com homens que pareciam mais assustados com as mulheres do que atraídos por elas; que sua franqueza foi um alívio.

Ele acariciou o sofá de couro.

—Venha sentar aqui comigo. Eu quero saber tudo sobre você, July.

Fiz o que ele pediu, fui até o sofá e tentei me sentar ao lado dele, mas quando eu menos esperava, minhas pernas voaram no ar e minha bolsa escorregou do meu braço derramando por toda parte. É claro que eu caí, e não só isso, eu caí no colo de Roy, meu rosto perto de sua virilha.

—Oh, meu Deus! — Gritei assim que notei seu pacote.

Eu ri.

—Você está bem aí em baixo? — Ele perguntou.

Estava bem. A poucos centímetros do meu rosto, estava o motivo pelo qual havia comprado minha varinha Hitachi como substituta.

—Acho que sim— eu disse.

Roy riu quando colocou o braço em volta de mim e me ajudou a sentar em uma posição normal. E nós estávamos muito, muito próximos.

—Agora. Como eu disse, quero saber tudo sobre você.

Eu podia sentir a eletricidade entre nós. Nossos lábios estavam a centímetros de distância. A última coisa que eu queria no momento era falar.

—Você quer saber sobre mim? Por que você quer saber?

—Porque, Srta. July. Eu acho você muito, muito interessante.

Para o inferno com todo o resto. Eu estava sozinha com Roy Mills, e estava claro como o maldito dia o que nós dois queríamos. Quem se importava porque ele me escolheu? O importante era que eu estava lá com ele.

—É bom saber— eu estava tentando fazer o possível para dar um tom sensual a minha voz. —Porque eu também acho você muito, muito interessante.

Seu rosto enfeitado com toda a sua glória estava ali, a poucos centímetros de distância, e aqueles lábios gritando por um beijo.

Foda-se a conversa.

Eu me aproximei, e ele fez o mesmo, aproximando meus lábios dos dele. Mas, pouco antes de se tocarem, ouvi algo ao longe, algo como uma manada de animais muito zangados.

—O que é isso? — Eu perguntei para ele.

—Nada.

Me aproximei cada vez mais do rosto dele, cada vez mais ansiosa pelo beijo.

Vou fazer isso. Eu realmente vou ter uma aventura de uma noite com Roy Mills.

Mas quanto mais eu queria me perder no momento, não conseguia. O barulho ficou cada vez mais alto e agora parecia dezenas de passos cada vez mais próximos.

—Você tem certeza que é...?

Eu nem tive chance de terminar. A porta do escritório se abriu, barulho e aplausos e tudo o mais encheu o pequeno espaço quando uma dúzia de pessoas entrou na sala. Era uma cena totalmente louca, mas eu podia ver na multidão o resto dos caras da banda com uma tonelada de jovens bonitas ao

redor deles.

—Roy! — Will gritou quando ele agarrou seu braço. —Festa em Venice Beach! Vamos lá!

Antes que qualquer um deles pudesse fazer ou dizer qualquer coisa, Will o levantou do sofá e o colocou na multidão. Eu o vi desaparecer na pilha de braços, pernas e cabelos, desaparecendo como se tivesse sido absorvido. Uma vez que ele estava entre eles, a multidão saiu mais rápido do que eles chegaram.

E lá estava eu, sozinha, animada como nunca antes e me perguntando o que diabos tinha acontecido.

CAPÍTULO NOVE

Roy

A festa era cem por cento ao estilo de Los Angeles. Na verdade, acho que não poderia ter sonhado com uma festa dessas na minha vida. Quando os Lover Boys não passavam de estudantes da Berklee College of Music, passamos horas depois dos ensaios conversando sobre as festas loucas que íamos quando éramos famosos e como separávamos Los Angeles como faziam o Guns N 'Roses, Mötley Crüe e Poison e todas as outras bandas das quais nunca nos cansamos.

Haveria garotas de biquíni, álcool, drogas e toda a devassidão que pudéssemos lidar. E a festa em que eu estava naquela noite era tudo isso e até mais.

Mas eu não estava me divertindo.

Não havia uma única razão pela qual eu deveria me sentir assim. Sean estava tocando algumas músicas na cabine de DJ, as dezenas de garotas bonitas aproveitando ao máximo a piscina e havia álcool suficiente para embriagar todo o condado. Eu não tinha verificado a situação das drogas, mas isso não era mais o meu caso há muito tempo. Heck, eu podia até ver mais do que alguns amigos famosos de Will em Hollywood na multidão, e alguns músicos muito, muito conhecidos dos quais Sean era muito próximo.

Além de tudo, o show foi um sucesso. Toda a prática valeu a pena, e nós abalamos o maldito lugar. Eu estava apreensivo com a coisa toda, pensando que os Lover Boys deveriam ficar no passado onde o deixamos, mas a emoção que senti no palco me fez pensar que uma pequena turnê não seria uma ideia tão ruim.

No entanto, pensamentos sobre música, festas e garotas de biquíni eram a coisa mais distante da minha mente enquanto estava sentado à beira da

piscina. Vendo as luzes de neon projetando as figuras das meninas debaixo d'água em algumas cores dos anos 80, eu só conseguia pensar nela.

July.

Um nome bobo, mas nada engraçado comparado ao espetáculo feminino que ela era.

No momento em que a vi nos bastidores, soube que havia algo especial nela. Então eu a perdi na multidão, só para vê-la depois bem na minha frente. Todo o negócio de levar as outras garotas para o palco para dançar foi algo que me ocorreu ali mesmo, sem planejamento. Eu não estava interessado nas outras garotas. Eu só queria uma desculpa para tê-la ao meu lado.

E essa maldita química foi incrível. Claro, ela era uma garota nota dez, com pele de porcelana e um corpo exorbitante. Mas havia mais do que isso. Havia algo que me pegou e não me deixou ir.

Admito que tinha sexo em mente, mas sinceramente queria conhecê-la melhor. Eu ficaria mais do que feliz por ter tomado uma bebida ou duas com ela enquanto conversávamos.

Então eu tive que ir, é simples assim. Eu sabia o nome dela, mas não o sobrenome. E embora July fosse um nome tão único quanto ela, em uma cidade de milhões como Los Angeles seria impossível localizá-la. Tanto quanto eu sabia, ela estava na cidade para o show.

—Ei, Mills! Mackintosh! Macklemore!

Eu sorri e olhei para cima, sabendo que as inúmeras piadas sobre nomes significavam que Will estava bêbado e animado. Claro, ele estava em pé à beira da piscina, cada braço cercado uma garota tão bonita que era quase difícil olhá-la. Ele ainda estava de calça de couro, mas nada por cima, e sua maquiagem estava tão manchada que parecia algo de alguma estranha pintura de arte moderna.

—O que? — Eu perguntei antes de tomar outro gole da minha cerveja.

Ele sussurrou algo para as meninas, algo que as fez rir e fugir, antes de se aproximar de mim e cair na poltrona ao lado da minha.

—Algo está errado, amigo? — Ele me perguntou.

Parte de mim queria dizer “não” e desistir, mas não tinha vontade de mentir.

—Sim. Acho que sim.

—Não me diga que você não ficou satisfeito com a apresentação.

—Não, não é isso. O show foi ótimo.

—Então o que foi?

—É tudo isso— eu disse, apontando para a cena de puro hedonismo em Los Angeles na minha frente, do tipo que faria Nikki Sixx corar. —Adoro a música, mas sinto que deixei tudo isso para trás há muito tempo.

—Isto? Aqui é Los Angeles, cara! Por isso entramos nesse jogo, lembra?

—Sim, mas há muito tempo. Agora que estou no meio disso, começo a me lembrar por que superei o.

Will balançou a cabeça.

—E aquelas duas? — Ele perguntou, apontando com a mão segurando a cerveja na direção do par de garotas que ele estava segurando nos braços minutos antes. —Uma delas pode fazer você mudar de ideia. Inferno, talvez ambas, não é como se não houvesse o suficiente para todos.

Ele estava tentando animar meu ânimo, mas a menção das meninas só me fez pensar na pessoa com quem eu realmente queria passar um tempo e que provavelmente nunca mais veria novamente.

—Droga, Mills. Não vejo você assim há muito tempo.

—Eu acho que foi o show. Eu acho que chupou toda a minha energia.

Will abriu a boca para falar, mas parou, percebi que ele estava prestes a fazer uma piada muito barata.

—Por que você não vai para casa e descansa um pouco? — Ele perguntou. —Pode ser o que você precisa.

Coloquei minha cerveja meio copo vazio no chão e me levantei.

—Eu acho que você está certo.

Nos despedimos com um grande abraço e a promessa de nos encontrarmos em breve. Depois disso, caminhei pela festa, acenando rapidamente para Sean na cabine de DJ e Theo, que estava examinando os detalhes da biblioteca bem abastecida da mansão.

Quando cheguei ao volante do meu Aston, me senti melhor imediatamente. Decidi seguir o longo caminho para casa, pegando 405 sul antes de voltar 110 para minha casa no centro.

Certas partes de Los Angeles perderam o brilho ao longo dos anos, mas ver as luzes da cidade crescerem à distância não era uma delas. Eu amava minha vida naquele lugar, amava meu trabalho, amava minha mãe e minha filhinha. Mas caramba, parecia que algo estava faltando.

Chequei meu telefone e vi, surpreendentemente, que não era tão tarde, pouco depois das onze. Então, decidi parar no In-N-Out Burger para comprar hambúrgueres, batatas fritas e milk-shakes para mim e para as mulheres que estavam esperando por mim.

Não demorou muito para que eu estivesse na frente do meu condomínio no centro, o manobrista pegou meu carro. Uma rápida viagem ao sótão através do elevador privado e eu já estava no meu apartamento.

Minha casa era linda, eu não tinha dúvida disso. Três mil pés quadrados, quatro quartos, design ultramoderno, ou pelo menos em 2005 quando o comprei era. O lugar foi o primeiro grande presente para mim depois que nosso primeiro álbum se tornou uma supernova.

Naquela época, eu adorava o quão grande era, como eu podia fazer festa após festa lá, nada para me preocupar, exceto ficar bêbado e transar.

Agora, parecia um apartamento gigantesco e estéril. É claro que mamãe havia feito um trabalho bastante decente, deixando o local um pouco mais acolhedor, decorando com algumas almofadas e algumas daquelas obras de arte na parede com palavras que descrevem para que serve a sala e que expõem em grandes letras “COMER” para a cozinha, e esse tipo de coisa.

Mas aquele lugar era um apartamento de solteiro, e nem toda a decoração de casa no mundo mudaria isso. Os estilos elegantes de branco que eu amava agora pareciam mais a sala de espera de uma daquelas clínicas de cirurgia plástica sofisticadas, onde eles cortam seu nariz e incham seus lábios enquanto você ouve Enya e verifica o Instagram.

Não que eu saiba alguma coisa sobre esses lugares, é claro. Eu gosto do meu nariz como é, muito obrigado.

A única razão pela qual este lugar parecia mais uma casa era por causa das duas damas no sofá, uma envolvida nos romances dos anos 80 e a outra com a cabeça enterrada em um livro, exatamente o que eu gostava de ver.

—Boa noite, meninas! — Eu disse quando entrei na sala, onde um grande fogo estalava na lareira. —Espero que vocês duas estejam com disposição para comer comida, no estilo animal!

A atenção de mamãe e Sophia voltaram-se para mim assim que eu falei. Minha garotinha saiu da pilha de cobertores em que ela estava enrolada, correndo em minha direção e passando os braços em volta de mim, parecia mais uma adolescente todos os dias, ela me apertou com tanta força que quase derrubei o saco de hambúrgueres em sua cabeça.

—Que bom ver você também, querida. — Eu baguncei seus cabelos escuros com a mão livre.

—Whoa, whoa— disse ela, dando um passo para trás e afastando a cabeça de mim. —Tenha cuidado com o meu cabelo.

—O que? — Eu perguntei com um sorriso. —Boa demais para um pouco

de carinho dos pais?

Mas Sophia não disse nada, suas feições acentuadas em uma expressão de algo como surpresa e indignação.

—Ela quer que você note alguma coisa nela— mamãe disse enquanto passava por mim, pegando a sacola da minha mão. —Algo relacionado ao seu cabelo.

Dei outro olhar à minha garota, percebendo imediatamente do que minha mãe estava falando. Seu cabelo, tipicamente preso em um rabo de cavalo simples e descomplicado, tinha sido cortado em um estilo gracioso, com as pontas da testa pendendo do queixo minúsculo.

—Oh, o corte!

—Você gosta? — Ela perguntou, fazendo aquele pequeno gesto de afogar com a palma da mão. —É francês

—Francês, hein? Você sabe que estamos na América, certo? Daí os hambúrgueres.

Sophia, já acostumada com minhas piadas ruins, sorriu e revirou os olhos.

—É de um daqueles filmes estrangeiros que você ama— disse mamãe enquanto colocava a mesa.

—Amelie— ela esclareceu enquanto pulava em uma das cadeiras, puxando uma batata frita da sacola e jogando-a na boca. —É um filme muito bom.

Sophia, mantendo o tema com seu princípio geral, nunca se cansou de arte e filmes de ensaio. O assunto de suas atuais fascinações era a França, e parecia que a grande TV da sala estava constantemente exibindo um daqueles filmes antigos em preto e branco de Truffaut ou de quem quer que fosse.

Seus olhos se iluminaram, como se uma ideia brilhante tivesse lhe ocorrido.

—Papai. Podemos ir para a França?

Eu ri dela sugerindo uma viagem à França com o mesmo tom de entusiasmo que uma criança poderia pedir para ir ao parque.

—França, hein? — Eu perguntei, sentando na cadeira ao lado dela.

—Sim!

Seus olhos se iluminavam assim toda vez que ela falava sobre algo que a interessava totalmente, fosse um livro, um filme ou qualquer outra coisa.

Me encantava.

—Jeunet torna a cidade... tão cativante! Quero ver se é tão incrível quanto o Nouvelle Vague faz parecer. — Ela colocou as mãos no peito como se

estivesse desmaiando.

—Menina. Me perdi. Eu entendo a parte da França, mas você sabe que, a menos que eu tenha um ritmo e algumas guitarras, não é realmente coisa minha.

—Então eu vou ter que te mostrar quando formos— um grande sorriso irregular seguiu o comentário.

—Vamos ver como vai ser o resto do semestre— eu disse, pegando e despenteando seu cabelo.

Assim que o silêncio voltou, me vi pensando na noite que acabara de passar, no show, na festa e, claro, em July.

—Como foi o show? — Mamãe perguntou. —Eu gostaria que pudéssemos estar lá, mas você sabe que eu não gosto de levar essa menininha para lugares como esse.

—Já tenho idade— disse Sophia,

—Tudo bem, obrigado.

Mamãe sentou ao meu lado, me dando aquele olhar que me lembrou que não havia sentido em tentar esconder o que estava acontecendo para ela, como se ela tivesse um poder estranho para ler mentes.

—Algo se passou. Bom ou mau?

Por um momento, pensei em mentir, mas ela era minha mãe e me conhecia muito bem.

—O show foi bom— repeti. —Eu só... conheci alguém enquanto eu estava lá.

Agora foram os olhos de mamãe que se iluminaram.

—Você encontrou alguém? Como “alguém” alguém?

Ela se permitiu um pequeno sorriso. Ela sempre foi uma mãe bastante comum nesse aspecto, constantemente me pressionando sobre o assunto de noivado e iniciar a fábrica de netos. Mas desde que me ocorreu a ideia de dar-lhe uma neta, a pressão só aumentou. “Filhas precisam de mães”, disse ela. Claro, eu sempre respondi que estávamos no século XXI e que havia todos os tipos de configurações familiares diferentes, mas isso não a impedia.

Ela tinha razão, no entanto. Por mais que eu quisesse ser um super pai para tudo de Sophia, era difícil. Eu sabia que, por mais que quisesse fazer tudo, precisava de ajuda.

Inferno, e um pouco de amor não me mataria.

—Não— eu disse, distraidamente mergulhando algumas batatas fritas em maionese e ketchup. —Nada que vale a pena mencionar.

Mamãe me deu uma olhada... essa expressão, para ser específico. Uma que me informava que havia algo mais em sua mente.

—Ok mãe. O que você está pensando?

—Oh, não é nada.

A diferença entre ela e eu é que, quando eu dizia que algo não era nada, isso significava: ou realmente não era nada, ou era algo que eu não queria falar. No entanto, quando mamãe dizia isso, por outro lado, era um sinal de que algo muito grande estava para acontecer.

—Bom— acrescentou, me deixando ver que ela acabara de ter um debate interno particularmente intenso e que ficou do lado da expressão de seus sentimentos. —É que estou feliz que você conheceu alguém.

—Eu não conheci...

Ela passou por mim, habilmente olhando através das minhas mentiras frágeis. É assim que as mães são, elas sempre têm um radar ativo para o absurdo, principalmente sobre os filhos.

—Mas não sei se quero que você saia com uma daquelas garotas que conheço que vai aos seus shows. — A ênfase que ela colocou em “aquelas garotas” deixava pouca dúvida sobre o que ela quis dizer com isso. —Essas são mulheres soltas, Roy. Você sabe o que isso significa, certo?

Sim, eu certamente sabia. Mas eu não disse isso.

Nós três focamos em nossos hambúrgueres, mamãe examinando sua lista ponto por ponto a respeito de por que o tipo de mulher que ia a shows de rock era o tipo de mulher que eu deveria evitar. E eu a deixei continuar. Eu sabia que ela dizia isso por amor.

E enquanto ela falava, eu encontrei meus olhos vagando em direção ao horizonte da cidade, as luzes brilhantes de Los Angeles me lembraram as que iluminavam July enquanto ela dançava, seus cabelos escuros tremulando ao redor de seu rosto e seu lindo sorriso, fazendo-a parecer caída do próprio céu.

Eu tinha que vê-la novamente, não tinha dúvidas.

Mas como?

CAPÍTULO DEZ

July

Eu não conseguia me concentrar em nada. Más notícias quando você é executiva de uma das maiores editoras da costa oeste.

Era segunda-feira, e o escritório estava cheio da loucura habitual de trabalho, típica do início da semana de trabalho. Companheiros vestidos com ternos sob medida vagavam aqui e ali, estagiários vestidos na moda andando de um lado para o outro carregando cafés, pastas e tudo mais, todos desesperados para parecer ainda mais ocupados do que já estavam.

Eu estava pronta para trabalhar. Claro, adorava o meu trabalho. Mais do que isso, eu precisava de algo, qualquer coisa que me fizesse esquecer o fim de semana. Eu só conseguia pensar em Roy. Em mim e nele no escritório do gerente, apenas nós dois e a cidade estendemos a janela atrás de nós. Eu estava tão, tão perto de realizar meu sonho adolescente mais febril.

Mas é claro que não seria assim. Porque teria sido simples e fácil. E nada na minha vida, para o bem ou para o mal, era simples e fácil.

Depois de uma rápida parada no Keurig, me preparei mentalmente para o dia seguinte. Tivemos uma tonelada de novos autores para revisar e muitos projetos para alinhar no próximo trimestre. Então, eu precisava entrar no jogo e me concentrar. E achei que algumas xícaras de café seriam perfeitas para isso.

No entanto, no caminho de volta ao meu escritório, no exato momento em que o café passaria pelos meus lábios, vi quase a última pessoa que queria ver.

Moira Walsh.

Moira era uma das escritoras freelances que minha empresa, a Penrose Publishing, trabalhava com frequência em vários projetos. Embora se você

desse uma olhada no Instagram dela, não saberia que escrever é um fator em sua vida tão fascinante. Não, estava cheio de fotos de seu jet set ao redor do mundo, acariciando elefantes, fazendo paddle boarding ou o que quer que pessoas como ela que não trabalhassem em um escritório fizessem.

E se fosse apenas isso, não seria um problema. Havia mais, especificamente, Moira não era apenas alguém com quem eu trabalhava, mas também uma colega de classe da Buena Vista High School. A mesma escola, o mesmo ano, tudo a mesma coisa. Os mesmos caras também. Embora com os pequenos detalhes que ela realmente saiu com eles, enquanto eu simplesmente fantasiava.

—July! — Ela me chamou, sua boca perfeita sorrindo enquanto se aproximava de mim em uma de suas roupas da moda, sem esforço, e seu cabelo castanho em um corte estiloso.

—Ei, Mo ...

Eu não tive chance de terminar antes que ela me desse um grande abraço, o cheiro de seu perfume de sândalo me envolveu.

—Fico feliz em te ver.

—Eu também— eu disse, dando um tapa nas costas dela com a palma da mão rígida.

Ela sempre me abraçou assim, o que eu nunca consegui entender. Nunca tínhamos sido muito próximas no ensino médio, e isso não mudou nada depois que voltamos à vida uma da outra através do trabalho. Ela era uma daquelas mulheres “espirituais” que sempre se envolviam em algo vagamente místico durante a viagem, e eu sempre imaginei que suas vibrações ultracongeladas fizessem parte dela.

Mas elas eram uma farsa completa. Ela sempre foi cruel na escola e nunca perdia a chance de fazer da minha vida um inferno. E mesmo que não trabalhasse com livros infantis, sabia o suficiente sobre eles para ouvir a velha história de que os leopardos nunca mudam suas manchas.

Merda, eu nunca esqueceria o que ela fez no segundo ano, quando eu realmente pensei que poderia haver uma chance de que ela e eu pudéssemos ser amigas. Saíamos para almoçar juntas, e uma dessas fofocas me escapou de que eu estava muito, muito apaixonada por Ian Fowler, um veterano incrivelmente bonito que sabia que estava fora da minha liga.

Eu não pensei muito sobre isso na época, mas com quem você acha que eu a vi uma semana depois? Isso! Você adivinhou... ela e Ian se beijando no corredor entre as aulas, exatamente onde ela sabia que eu podia vê-la. Era

como se ela tivesse uma emoção doentia de afundar suas garras nos garotos que sabia que suas amigas queriam, apenas para se exhibir. O Instagram não existia naquela época, mas, caso contrário, haveria fotos dela e do garoto da semana em todos os lugares.

Depois de um ou dois golpes muito longos, Moira me soltou e colocou as mãos nos meus ombros, me olhando de cima a baixo.

—Você parece bem. Você teve a chance de ter um pouco de autocuidado no fim de semana?

—Algo assim— eu disse, querendo evitar a conversa. —Saí com as meninas.

—Soa encantador. Eu consegui dar uma pequena fugida, só eu, as ondas e a energia agradável e suave.

Com a velocidade e a rapidez de um maldito ninja, ela conseguiu tirar o telefone do bolso, abrir o Instagram e plantá-lo na frente do meu rosto. Claro, havia várias fotos à beira-mar em várias poses, seu corpo enfeitado da cabeça aos pés com Lululemon e um sorriso muito satisfeito no rosto.

—Muito bem— respondi, enquanto ela passava pelas fotos.

—Você ainda não me seguiu aqui— acrescentou, seu tom quase triste. —Eu adoraria ver o que você faz na internet.

—Não sou do tipo do Instagram. Eu me considero uma garota que vive o momento, eu acho.

Eu tinha um, é claro, mas era privado e dificilmente o usava. Sem mencionar, a última coisa que eu queria era que meus colegas de trabalho vasculhassem minha vida nas mídias sociais.

Seu olhar sugeria que minha frequente falta de entusiasmo pelas mídias sociais era uma peculiaridade da minha parte.

—Claro, claro — ela guardou o telefone. —Eu sei como você gosta de fazer as coisas. Mas! É melhor você estar pronta para ter esse seu rostinho fofo em toda a Internet em cerca de sete semanas.

Eu estava confusa.

—Oi? O que acontecerá em seis semanas?

A mandíbula de Moira caiu.

—Você está... você está falando sério? Quero dizer, nunca posso saber com você, July. Seu senso de humor sempre esteve do lado seco.

Eu deixo isso para lá.

—Claro que estou falando sério. O que está acontecendo?

—O reencontro! — Ela disse, me batendo muito forte no ombro que

quase me fez derramar o café. —Você está me dizendo seriamente que não sabia disso?

Eu fiz uma varredura rápida do meu calendário mental, tentando lembrar se eu tinha anotado o que iria acontecer.

Mas não, nada.

—Jul— ela continuou, colocando as mãos nos quadris. —É a nossa reunião de quinze anos.

—Uma reunião de quinze anos, uma coisa nossa?

—Bom não. Depois da décima, foi cancelada por aquela, hum, coisa de internet que o diretor Bannon foi pego fazendo...

—Oh, sim.

—Então, depois de vários anos, nos encontraremos novamente. Será em breve! Faltam apenas dois meses.

—Uau. — Ainda estava surpresa com a notícia. —Eu não esperava.

—Você realmente não recebeu nenhum dos e-mails?

—Eles podem estar lá. Meus filtros de spam são muito brutais.

—E já passou por todo o Facebook e... viu? — Ela moveu o dedo brinçalhão em minha direção. —É o que acontece quando você pensa que é boa demais para a mídia social.

—Não é uma questão de pensar que eu sou boa demais...

—Bem, isso não importa— ela interrompeu, acenando com a mão no ar. —O importante é que você saiba, e sem desculpas.

—Eu não sei— eu disse, me sentindo subitamente nervosa. —Poderia ser.

—Sem desculpas. Sei que você não é exatamente do tipo de ter encontros, mas pode aparecer com um para deixar todas as outras garotas com ciúmes.

—Caramba, valeu.

—Mas isso não significa que você não pode causar uma grande impressão sozinha. Eu quero dizer, olhe pra você! Você é uma grande coisa por aqui. Nem todo mundo com quem estudamos conseguiu ser uma... hum, o que você é?

Eu estreitei meus olhos.

—Executiva de aquisições.

—Sim! Isso! Muito impressionante, se você me perguntar. — Seus olhos se iluminaram. —De qualquer forma, você ainda tem uma semana para se preparar mentalmente. Porque não há possibilidade de você não comparecer.

Verdade seja dita, eu ficaria mais feliz ignorando a coisa toda. Mas agora eu realmente não tinha escolha, principalmente porque Ceci certamente

queria ir.

Assim que comecei a tentar descobrir o mistério de por que Ceci não tinha me contado, Moira começou a falar novamente.

—Enfim, eu não vim apenas dizer olá, o velho quer ver você.

—É sério?

—Sim. Ele tem um projeto em mente para o qual acredita que você seria perfeita. E não só você... mas eu também.

—Que tipo de projeto?

Moira pegou minha mão, dessa vez fazendo com que uma pequena onda de café quente caísse pelo lado da minha caneca e chamuscasse minha mão.

—Vamos lá! É uma surpresa!

Nós duas andamos pelo corredor em um momento de confusão, logo chegando às enormes portas do escritório principal. O escritório que pertencia ao próprio Anthony Penrose.

—Agora— ela respondeu. —Antes de entrar, acho que você deve saber que isso é algo que eu faço.

—O que é que você faz?

—Bem, só porque você não está nas mídias sociais, não significa que... você não está nas mídias sociais.

—Explique-se melhor— eu exigi, sentindo um mal-estar no estômago.

—Eu sei o que você fez neste fim de semana. O show dos Lover Boys... eu estava lá!

Oh não. O show, a dança, tudo. Eu fiquei tão envolvida no momento que nem me ocorreu que alguém poderia estar filmando. Meu intestino se absorveu e meu sangue congelou.

—O que? Você estava lá?

Ela mostrou um grande sorriso, que parecia dizer “ah sim, claro que sim”.

—Mm-hmm. Mas eu só vi você com suas garotas quando a banda começou... eu não tive a chance de dizer oi. Parecia que você estava se divertindo... muito.

Eu não precisava perguntar para saber o que queria dizer.

—Sua pequena dança se tornou viral— ela continuou. —Até Penrose viu.

—Oh, Deus! Por favor me diga que você está brincando.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios por um breve momento, me deixando saber que ela estava mais do que feliz em me ver me contorcer.

—Não é brincadeira— ela colocou a mão de garras vermelhas no peito de uma maneira um pouco hiperativa. —Mas não fui eu quem mostrou a ele.

Deve ter sido Marcus.

Marcus era o garoto de Penrose do momento, vinte e poucos anos, sempre ciente do que estava na moda online.

E, naquela momento, o que estava na moda era eu.

—Deus! — Exclamei, não consegui manter a calma. —Não posso acreditar...

—Nem se preocupe! Você acha que ele vai demiti-la por se divertir fora do trabalho ou algo assim?

Me despedir? Não. Isso não. Só que eles nunca me levariam a sério novamente. Talvez eu nunca seja capaz de me olhar nos olhos sem pensar que estou sacudindo minha bunda com um cara de maquiagem e cabelo selvagem. Um cara extremamente bonito com quem quase tive relações sexuais.

—Mas ele quer conversar com nós duas— disse ele. —E você sabe que ele não gosta de ficar esperando.

—Merda— eu assobieei, sabendo que não havia como escapar disso.

—Oh, vamos lá— ela insistiu, deixando claro o quanto ela adorava me ver me contorcer. —Você acha que ele quer repreendê-la ou algo assim? Não, ele tem ótimas ideias sobre o seu próximo projeto. Nosso próximo projeto.

Eu não gostei nem um pouco de onde tudo estava indo. Mas estava claro como o dia que não havia como escapar.

—Vamos lá! — Ela disse, me mostrando aqueles dentes brancos.

Tudo o que pude fazer foi suspirar e entrar no escritório como se estivesse marchando em direção à minha execução.

CAPÍTULO ONZE

July

A cena no escritório, é claro, era o pequeno pesadelo que eu imaginara. Penrose estava sentado atrás de sua mesa, Marcus empoleirado no canto como uma ave do paraíso fabulosa demais para falar. Ambos estavam assistindo um vídeo na grande televisão na parede, é claro, um vídeo de mim dançando loucamente no palco com Roy.

Eu parecia mais ridícula do que imaginava. Mas enquanto eu assistia, a diversão do momento voltou para mim. Não foi tão ruim, eu acho.

Assim que Penrose ficou ciente de nossa presença, ele acenou para Marcus e parou o vídeo, permanecendo em uma imagem parada de mim chicoteando meu cabelo, cantando em um microfone invisível enquanto soava o coro de *Permissão para Amar*.

O homem se levantou, seu corpo vestido com um terno simples, mas com um design elegante, um pedaço de pano laranja e branco enfiado no bolso da frente. Seus olhos irradiavam uma travessura específica que contradizia sua idade, e sua cabeça careca brilhava com a luz que entrava pelas janelas.

—Aí está a nossa pequena estrela do rock— disse ele, na típica voz empolgada de quando estava pronto para discutir um novo projeto.

Penrose vivia para livros, o que eu poderia dizer? E, apesar do comportamento severo de sempre, o velho tinha um pouco de fraqueza por mim. Marcus, por outro lado, era totalmente competitivo. Sentado em seu terno cereja e gravata amarela, com um par de sapatos marrons elegantes nos pés sem meias, ele me deu o olhar arrojado que eu esperava dele, seus olhos se estreitando atrás dos óculos de armação grossa e da boca franzida.

—Estrela do rock. — Minhas palavras saíram em um coaxar fraco. — Algo assim.

Ele apontou os assentos elegantes e modernos. Moira e eu deslizamos para dentro deles quando ele puxou duas garrafas de água mineral de luxo da geladeira. Marcus não disse nada, é claro.

—Você parece envergonhada— disse ele, nos entregando as garrafas e caindo na cadeira em frente à minha.

—Bem. Olhe para mim. Eu estou parecendo uma adolescente cantando na escova de cabelo em frente ao espelho do quarto.

—Oh, por favor— ele acenou com a mão no ar. —Você é uma das melhores executivas que tenho... você acha que vou julgá-la pelo que faz para passar o fim de semana? — Um olhar sonhador se formou em seu rosto. — Isso me lembra quando tive a oportunidade de ver o Fleetwood Mac em 78 no Auditório Fillmore. Deus, Stevie parecia tão radiante naquela noite, toda florescente e sonhadora. Se ela tivesse me chamado no palco para dançar com ela, eu...

Pela expressão em seu rosto, pude ver que ele estava mais ligado em sua memória do que no presente.

—Deus, ela parecia um anjo— ele continuou, com um sorriso beatífico nos lábios.

—Anthony— Marcus o interrompeu em um tom severo. —Se concentre no que queremos.

—Desculpe, desculpe. O que eu faria sem ele, certo?

O garoto sorriu e inclinou a cabeça em resposta.

—Então... — Eu tentei falar.

—Então— continuou Penrose. —Quando Marcus me mostrou esse pequeno vídeo, comecei a pensar em um novo projeto para os próximos meses. As biografias dos astros do rock estão na moda agora: o livro de Keith Richards de alguns anos atrás teve inúmeras vendas e as pessoas estão fazendo fila para assistir a filmes sobre velhos astros do rock. Acho que podemos capturar esse sucesso aqui. — Ele apontou para a tela. —E nós vamos fazer isso com você e Lover Boys.

—E eu, é claro— disse Moira.

—Isso mesmo, Moira. E você.

Estava além da curiosidade.

—O que... o que você está pensando exatamente? — Eu perguntei para ele.

—Um verdadeiro relato. — Ele juntou as mãos como uma criança entusiasmada, como sempre fazia quando uma nova ideia estava fluindo em

sua mente. —Um aglomerado de artigos e histórias para lembrar. Algo que realmente remonta ao básico... apenas o narrador e o escritor.

—Sendo eu a escritora— anunciou Moira, feliz com o fato.

—E você supervisionará o projeto, é claro— esclareceu Penrose.

—Certo. Mas não posso deixar de sentir que estamos perdendo um aspecto muito importante disso tudo.

O velho levantou as duas linhas de prata das suas sobrancelhas.

—Sim?

—Quem exatamente vamos entrevistar para o livro?

—Roy, é claro— disse Moira.

Apenas o som do nome dele foi suficiente para fazer meu coração disparar e minha vagina apertar. Levei um momento para me recompor e segui em frente.

—Você quer dizer que você tem Roy Mills a bordo para realizar isso? Como?

Fiquei totalmente chocada. Obviamente, eu não conhecia o cara, mas pelo que ouvira sobre a reunião, ele quase teve que ser arrastado para aparecer naquele dia.

Penrose e Moira, e até o maldito Marcus, trocaram um olhar que sugeria que todos sabiam algo que eu não sabia.

—O que foi? — Eu perguntei para eles.

—Bem. — O velho se inclinou para frente. —Nós não temos ele... exatamente a bordo.

Outra resposta que tornou ainda mais claro que algo estava acontecendo.

—Vamos, chefe— eu insisti.

—Apenas conte à pobre garota— Marcus respondeu, balançando a cabeça.

Penrose e Moira trocaram mais um olhar.

—Parece que... você causou uma grande impressão no Sr. Mills. Ele ligou aqui hoje cedo perguntando sobre você.

Eu quase cuspi a água.

—O que?

—Você e ele passaram algum tempo juntos? — Moira perguntou, seu tom curioso e ciumento na mesma medida. —Porque ele sabia o seu nome e que você trabalhava na indústria editorial.

Oh, Deus. A última coisa que eu queria discutir era o fato de que eu quase transei com o vocalista do Lover Boys, eu gostava de manter o emprego e

minha pequena vida sexual o mais separada possível.

—Conversamos um pouco depois do show, só isso. — Senti meu rosto esquentar. —Mas, eu quero dizer...

—Isso é da sua conta— disse Penrose. —Sua diversão fora do trabalho não é problema meu, é?

Oh. Deus de novo. Agora meu chefe pensava que eu era algum tipo de groupie. Por outro lado, não era isso que eu queria ser?

Muito em que pensar no meio de uma reunião de negócios.

—De qualquer maneira— ele continuou. —Ele ligou esta manhã perguntando por você. A recepcionista reconheceu casualmente sua voz e perguntou se ele era quem ela pensava que era. Sabendo que eu poderia estar interessado em ter alguém como ele na linha, ela me avisou.

—E você disse a ele que eu trabalhava aqui?

—Claro. E foi aí que eu também tive a ideia do livro.

—E ele concordou?

—Não. Na verdade, ele foi bastante firme em tudo. Ele só estava interessado em você.

Minha cabeça estava girando. Roy tinha procurado por mim? Fiquei lisonjeada e assustada ao mesmo tempo.

—Tudo certo. E se ele não quiser fazer o projeto, é isso, certo?

—Sem mencionar— respondeu Moira. —Não perderemos a oportunidade de fazer um projeto com o próprio Roy Mills.

Penrose seguiu a corrente.

—Conseguí marcar uma reunião pessoal com você. Uma que ele ficou muito feliz em aceitar.

—Espera o que? Você fez isso sem me consultar?

—Pense nisso como uma reunião com um cliente em potencial. Um que estamos muito interessados em ter. — Ele se inclinou para a frente, como se quisesse medir cuidadosamente suas próximas palavras. —Estou pedindo para você entrar no modo mediadora. Se ele quiser encontrar você, talvez você possa aproveitar a oportunidade para convencê-lo a trabalhar conosco.

—Seria ótimo— declarou Moira. —Eu já tenho o livro meio escrito na minha cabeça.

—É sério? — Eu perguntei, levantando uma sobrancelha. —Você não precisa falar com o sujeito para fazer isso?

Eu suspeitava que Moira, embora fosse uma boa escritora, tendia a ser um pouco mais “criativa” do que deveria com seus trabalhos de não-ficção.

—Dessa forma. Você se encontra com Roy, se diverte e... talvez tente convencer ele a assinar conosco— disse Penrose.

—Não sei. Há uma razão pela qual trabalho com romancistas e não com celebridades.

—Está tudo bem. Apenas jante com ele e veja o que você pode conseguir. Se ele for inflexível com o assunto, então é inflexível. Mas se não for...

—Poderíamos ter sucesso em nossas mãos— Moira terminou sua frase. Penrose assentiu.

—Um que poderia levar sua carreira para o próximo nível. — Ele sabia como chamar minha atenção. —Como ir para a posição de “superior”.

Meus olhos se arregalaram.

—Fala sério? O que aconteceria com o Goldman?

—Goldman está pronto para seguir em frente. Em breve, ele receberá sua aposentadoria e se aposentará em West Palm. E não consigo pensar em mais alguém que eu preferiria que estivesse nessa posição do que você. — Ele ergueu um dedo fino. —Mas, embora eu saiba que você tem ótimos olhos para encontrar novos projetos, preciso ver que você tenha o que é preciso para começar bem com Roy Mills.

Eu poderia fazer isso facilmente, me preparar para uma reunião com Roy. Eu só tinha que encontrar o lugar perfeito para me encontrar, um que permitisse privacidade e... talvez até um pouco de intimidade. O tipo profissional, é claro, não o tipo mais interessante.

—Tudo certo. Eu acho que posso fazer isso. Por que você não me envia o número dele e eu entro em contato com ele? Eu posso preparar algo para o final da semana.

Mais uma vez, todos na sala trocaram um olhar.

—O que? Alguém vai me dizer de uma vez por todas o que está acontecendo?

—Estamos avançando no cronograma de todo o processo— disse Penrose. —Sr. Mills, está...

—Vou poupar-lhe o problema— disse Marcus. —Seu homem está no corredor. Agora mesmo.

Oh, meu Deus!

CAPÍTULO DOZE

July

Eu senti como se fosse desmaiar a qualquer momento. Eu tinha passado de falar sobre esse maldito projeto para me preparar para encontrar Roy, e tudo isso em quinze minutos.

Ele estava esperando no corredor, é claro, mas eu precisava ir ao banheiro para me recompor. Normalmente, meu banheiro privativo era o lugar para me refrescar, mas eu estava com pressa e não queria demorar muito.

Roy Mills estava me esperando.

Eu nem queria pensar nisso, muito menos considerar o fato de que eu tinha que convencê-lo a trabalhar comigo em um projeto do qual eu tinha certeza que ele não queria fazer parte.

Com os olhos para baixo, me agachei e caminhei pelo corredor estreito que levava aos banheiros do corredor que eu nunca usei.

Estava vazio, graças a Deus.

O alívio de estar longe da agitação do escritório tomou conta de mim lentamente, e aproveitei a paz para me recompor. Eu realmente não precisava fazer xixi, então fui até a pia, coloquei as mãos na louça fria e me olhei no espelho.

—Bom— eu disse para mim mesma. —Não é grande coisa. Você vai encontrar Roy Mills, só isso. O homem mais bonito da indústria da música e o cara com quem você quase dormiu na outra noite. Não é grande coisa, não é grande coisa.

Respirei fundo, deixando meu coração desacelerar. Mas assim que finalmente senti que estava no controle de mim mesma, uma voz falou do outro lado do banheiro.

Uma voz profunda.

Uma voz conhecida.

—Eu gosto de pensar que sou mais do que bonito. Mas um elogio é um elogio, não é?

Alguém me enterra! Era ele, não havia dúvida. E estava no banheiro feminino.

—Que diabos?! — Eu gritei, totalmente chocada. O que você está fazendo aqui?

Uma figura emergiu de um dos cubículos. Claro que era ele. Mesmo na iluminação estéril do banheiro, como um consultório médico, parecia ótimo.

—Essa é, na verdade, a pergunta que eu estava prestes a fazer a você.

Eu estava confusa.

—Do que você está falando?

—Este é o banheiro masculino.

Abri a boca para falar, para dizer que estava louco. Mas foi então que percebi o que estava alinhado na parede ao redor das cabines de onde ele saía.

Mictórios. Muitos deles. Uns que eu não tinha notado quando entrei no banheiro como uma bagunça totalmente nervosa.

Eu estava no banheiro masculino. Com Roy Mills.

—Mas tudo bem para mim— acrescentou. —Eu tenho visto coisas mais estranhas nos meus dias. Muito mais estranho.

—Oh meu Deus— murmurei, quase mortificada demais para pensar. —Estou realmente no banheiro masculino.

—Suponho que foi um desvio não planejado— respondeu ele, com um pequeno sorriso nos lábios.

Eu estava me sentindo grogue.

—Eu tenho meu próprio banheiro e nunca uso os daqui e presumi que entrei no feminino e...

Eu estava falando a uma milha por minuto. Roy, evidentemente vendo que estava à beira de um colapso nervoso, ergueu as mãos.

—Não se preocupe. Eu terminei o que precisava fazer. Não há problema.

Olhei em volta, percebendo que o banheiro dos homens era... muito menos agradável do que o banheiro das mulheres.

—Por que esse lugar é tão vazio? — Eu perguntei para ele. —Nem um sofá, flores ou algo assim?

Ele riu.

—O que você colocar no banheiro dos homens muito provavelmente eles

farão xixi nele.

—Entendi.

—Mas também é muito ruim— disse ele, olhando em volta. —Se tivéssemos um sofá, poderíamos ter nossa reunião aqui.

Ah Merda. A reunião. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, a porta se abriu e um dos homens da equipe de limpeza entrou. Ele parou quando percebeu que havia alguém no banheiro masculino que certamente não era homem.

—Vamos ao escritório! Vamos lá!

Saí do banheiro o mais rápido que pude, sem sequer parar para verificar se Roy estava me seguindo. Com os olhos abatidos e com total vergonha, cheguei à porta do meu escritório e entrei. Foi só quando eu estava em segurança atrás da minha mesa que me virei para garantir que ele não tivesse ficado com o zelador extremamente confuso no banheiro. Claro, ele estava lá, fechando a porta com tanta calma e tranquilidade que atingiu um equilíbrio perfeito em meus nervos em frangalhos.

—Eu estava falando sério— disse ele, deslizando no sofá e cruzando as pernas. —Eu faço o melhor que posso no chuveiro. É lógico que também tenho minhas melhores reuniões lá.

Sem nenhum tipo de persuasão de minha parte, minha mente se encheu de imagens dele no chuveiro, com espuma deslizando suavemente sobre seus músculos esculpidos e cobertos de tatuagem. Eu cruzei minhas pernas com força.

—Eu nunca tive uma reunião lá antes— continuou ele. —No banheiro, quero dizer. Não no chuveiro— depois ele considerou o que havia dito. —Mas não é realmente uma conversa adequada.

Sua língua também ficou presa? Eu não conseguia imaginar alguém como eu tendo esse efeito em um cara como Roy.

—De qualquer forma— acrescentou, e aquele pequeno e precioso sorriso retornou aos seus lábios. —Fico feliz em ver você, July.

—Digo o mesmo, Roy.

Ele juntou as mãos e se inclinou para frente.

—Espero que você não se importe que eu tenha vindo aqui dessa maneira. Depois do nosso... encontro na outra noite, eu sabia que tinha que vê-la novamente. Alguém mencionou para mim que você trabalhava para uma editora, você sabe, contatos, e eu pensei que valeria a pena tentar localizá-la.

O próprio Roy Mills tentara me encontrar. Era tão emocionante que eu

não sabia o que dizer.

—Bem, você me encontrou.

—E eu estava pensando que seria mais difícil do que foi.

—Oh, sim?

—Sim. Eu pensei que teria que fazer um pouco mais de trabalho de campo. Acontece que você é uma ótima peça de uma das maiores editoras. E mais do que isso, seu chefe parecia muito interessado em fazer a gente se encontrar.

Eu tinha esquecido essa pequena questão.

—E ele também queria escrever sobre mim ou algo assim— acrescentou, parecendo mais confuso do que qualquer coisa.

Não se apresse, July. Não encha o cara.

Não era exatamente a melhor maneira de convencer as pessoas das coisas, mas até eu sabia que perguntar a ele novamente logo após ele ter rejeitado Penrose não era a ideia mais inteligente.

—É sério?

Encolheu os ombros.

—Não é algo com o qual eu queira lidar. Eu estava mais interessado em ver você.

Meu rosto voltou a esquentar e minha mão instintivamente se moveu para minha orelha, para prender meu cabelo atrás dela. Deus o homem me fazia sentir como uma adolescente.

—Bem, isso é lisonjeiro— eu admiti. —E aqui estou eu.

—Sim, você está aqui agora.

Seus olhos caíram no meu corpo, e eu tive a sensação de que ele estava pensando sobre o que tínhamos deixado pendente na outra noite. Inferno, e eu estava obcecada com a mesma coisa.

Houve um silêncio na sala que eu gostaria de quebrar, me sentar ao lado dele e continuar com as coisas exatamente onde as tínhamos deixado.

E, a julgar pelo calor, tensão e formigamento que aconteciam na minha região sul, meu corpo estava definitivamente de acordo com esse pequeno cenário.

—Então— eu disse, limpando a garganta. —O que você queria discutir, por que queria me encontrar?

—Eu queria discutir a possibilidade de nos encontrarmos novamente. Afinal, nosso último encontro foi abruptamente interrompido.

—Sim, ele foi mesmo.

—Mas agora que eu tenho você aqui, toda para mim...

Deus, de muitas maneiras, eu queria que essa frase terminasse com um “eu só queria te ver nua” ou “não posso deixar de imaginar como você pareceria incrível se eu te debruçar sobre a sua mesa” e assim por diante. Ao qual eu provavelmente teria respondido com um entusiástico “sim”.

—Só consigo pensar em como devemos fazer isso fora do local de trabalho— concluiu.

—Sim. Estou de acordo. O que você tem em mente?

—Você está livre hoje à noite? Talvez por volta das sete?

Se eu tivesse algum plano para essa noite, eu definitivamente os cancelaria sem pensar duas vezes.

—Parece ótimo. Sim, estou livre.

—Eu estava pensando no Gimlet em Silver Lake. Isso soa bom para você?

Meu coração estava batendo rápido ao pensar em encontrar com Roy.

—Certo. Eu acho que isso pode ser... factível.

—Ótimo. — Ele se levantou, seus jeans skinny abraçando suas pernas grossas, sua camiseta preta da Henley ligada aos músculos sólidos, seus cabelos loiros desgrehados e rosto perfeito. —Te vejo lá.

—Com certeza.

Então ele piscou para mim e saiu.

Depois que saiu da sala, não pude fazer nada além de ficar sentada, grogue. Nossa reunião que começou no banheiro terminou com um encontro.

Roy Mills e eu, sozinhos.

CAPÍTULO TREZE

Roy

—Como você se sente, pai

—Nervoso.

A palavra saiu da minha boca. Eu não podia acreditar que disse isso. Mas era verdade. A ideia de ter July sozinha em um encontro comigo me deixou muito animado e nervoso. Claro, o show foi emocionante, mas isso era outra coisa.

Algo que eu nunca havia sentido antes.

—Tudo bem— Sophia disse enquanto me cercava, olhando minhas roupas. —Apenas seja confiante. Seja assertivo, mas não assuma que ela goste de você abrindo a porta e fazendo todas essas coisas cavalheirescas. Mulheres como ela gostam que sua independência seja respeitada.

—As mulheres gostam disso? — Eu perguntei para ela. —Estou realmente recebendo conselhos de encontro da minha filha?

—É um bom conselho— ela sorriu. —Além disso, você está fora de cena há um tempo, pai. Você deve receber toda a ajuda possível.

Eu queria discutir com ela, mas caramba, ela estava certa. Era verdade, a última vez que tive um encontro foi... nem queria pensar nisso.

Eu tinha estado com um bom número de garotas, é claro, mas eram apenas coisas mais informais, a ponto de não conseguir lembrar a maioria de seus nomes casualmente. Convidar uma mulher para um encontro, me vestir, parecer bonito e todo esse jazz, era algo novo para mim. É tudo o que posso dizer.

—É válido, garota. Mas, a menos que eu seja extremamente negligente em meus deveres de pai, tenho certeza de que você nunca teve um encontro.

—Verdade.

—E você nunca vai a um— acrescentei com um sorriso.

Ela sorriu de novo.

—Posso não ter experiência em campo, mas já li muito sobre o assunto.

—Eu não duvido que você tenha feito isso.

—E eu aprendi que a mulher de hoje é forte e independente e quer que os homens levem isso em conta. Ah, e elas não têm muita paciência para os caras que demoram a absorver.

Pensei em July, como ela parecia em seu escritório atrás daquela mesa. Certamente, alguns minutos antes, eu estava no banheiro masculino com ela, ambos cercados pelo cheiro de mictórios. Mas quando estávamos em seu escritório, ela era outra pessoa, totalmente em seu elemento.

Claro, Sophia pode estar um pouco fora de alcance, mas posso dizer que ela estava certa sobre July.

—Bem— eu concordei. —Algo mais?

—O traje.

—Oh não. O que acontece com isso?

—Vamos, pai. A camisa da banda combinava com a jaqueta esportiva? O que é isso? Carson Daly por volta de 2002?

Abri a boca para perguntar como ela sabia sobre Carson Daly e essa tendência em particular, mas, em vez disso, saiu uma defesa.

—Vamos lá. É genial. Verdade?

Ela me deu uma olhada, uma das que dizia “realmente?” emoldurada por seu cabelo de Amelie, enquanto passeava pelo meu armário. Ela voltou com uma camisa verde escura.

—Isto é melhor. Não parece que você esteja tentando parecer legal demais para a escola.

Ela colocou a camisa sobre o meu torso e, é claro, ela parecia muito melhor. Mais profissional, mas ainda casual.

—Eu acho que você está certa. — Eu admiti quando tirei minha jaqueta e camiseta, jogando as duas na cama.

Assim que abotoei a camisa, ouvi a porta da frente abrir. Mamãe estava de volta, o que significava que era hora de eu ir.

—Entendeu? — Sophia perguntou. —Muito melhor.

—Inferno, garota. O que eu faria sem você?

—Uma pergunta muito boa— ela sorriu.

Saí da sala e mamãe passou voando por mim, os braços carregados de sacos de comida, os quais eu a ajudei a terminar de carregar.

—Encontro importante? — Ela perguntou.

—Algo assim.

—Você parece animado. É um bom look.

—Obrigado. Eu me sinto animado.

Eu estava falando sério. Eu não conseguia me lembrar da última vez que me senti tão tonto de animação com alguma coisa.

Eu estava pronto para ir. Depois de alguns beijos de despedida nas damas, eu saí. Minutos depois, eu estava no meu Aston Martin, em direção a Gimlet. Naquele momento, o sol estava começando a abaixar e o céu era um brilhante pôr-do-sol da Califórnia em direção à água.

Uma noite de verão perfeita.

Não demorou muito para eu parar no local. E, assim como antes, meu estômago estava com excitação e um pouco de medo. Era tão estranho e emocionante que eu não podia acreditar que isso estava acontecendo comigo.

Passei pela porta da frente do local, esperando minha visão se ajustar à pouca luz. Era um bar de coquetéis da moda, o lugar estava cheio de caras de Los Angeles, com tatuagens nos braços, jeans skinny e tudo mais. Mas havia apenas uma pessoa naquele bar que importava para mim, e ela estava sentada no final, com os olhos em mim.

Meu Deus, ela estava tão linda. O traje formal de July foi substituído por um jeans que abraçava seus quadris finos, criando uma curva infernal. Sua blusa estampada era fina o suficiente para que eu pudesse ver o formato de seu sutiã escuro através dela. Ousado o suficiente para ser interessante. Seu cabelo escuro na altura dos ombros estava de volta, emoldurando perfeitamente seu lindo rosto.

Eu a queria tanto, e meu amigo, aquele que estava ficando cada vez mais duro nas minhas calças, confirmava isso. Ele estava um pouco insistente, na verdade, querendo que eu dissesse “para o inferno com o encontro” e fosse direto ao que quase tínhamos feito na outra noite.

—Boa noite.

Seus preciosos olhos olharam para mim quando eu deslizei no assento em frente a ela.

—Boa noite— ela respondeu.

Ficamos nos encarando por alguns instantes, e tive a clara impressão de que ela também queria dizer “para o inferno com o encontro”, como meu fiel assistente queria.

Mas isso era um encontro. Talvez até um elegante. E “elegante” era o

jeito que eu pretendia manter ele. Eu poderia ser um cara elegante, afinal. Quando eu queria ser.

—O que estamos bebendo? — Eu perguntei, baixando meu olhar para sua bebida clara.

—Pensei em seguir com o tema. O lugar se chama “Gimlet”, afinal.

—Traga duas— eu disse, falando para July e o garçom quando ele passou.

—Dessa forma, já que estamos aqui.

—Aqui estamos nós— eu repeti quando o barman trouxe minha bebida e a colocou ao meu lado. —Reunidos um pouco mais, ah, tradicionalmente do que antes.

Ela levantou uma sobrancelha.

—O que? Você está me dizendo que a maioria das pessoas não se encontra no palco em um show de sua banda favorita?

Agora era minha vez de levantar uma sobrancelha.

—Banda favorita, hein? — Eu perguntei para ela.

O profissionalismo desapareceu por um momento, dando lugar à garota travessa que eu vi no palco na outra noite.

—Bem— ela desviou o olhar por um momento. —Uma das minhas bandas favoritas. Das dez melhores, talvez.

—Ah. Agora meus sentimentos estão feridos.

—Por quê? — Seu tom era brincalhão e desafiador. —Por que você não é meu número um?

Eu decidi empurrar um pouco.

—Parecia que eu estava entre os cinco primeiros quando você estava no palco. As garotas não fazem esse tipo de cara quando estão só um pouco animadas.

—O que. Agora você é especialista no tipo de cara que as garotas fazem?

—Só quando elas estão excitadas— eu disse, me inclinando um pouco. Ela corou novamente. Me encantava.

—Tudo bem. Talvez eu estivesse um pouco animada. Foi um bom show, sabia? Você realmente sabe o que faz.

—Obrigado. — Tomei um gole da minha bebida. —Eu gosto de pensar que não enferrujamos demais.

—Por nada. Era como se você não tivesse perdido uma batida. Literalmente ou figurativamente.

—Mais uma vez obrigado— eu disse. —Estou feliz que você tenha se

divertido.

Segurando a bebida perto do peito, July sentou-se na cadeira e olhou para mim, cética.

—O que foi? — Eu perguntei para ela.

—Nada. Eu só estou tentando assimilar tudo.

—Assimilar o que?

—Tudo bem— ela se preparou para admitir algo. —Eu sou uma espécie de grande fã.

—Ótimo ouvir isso. É bom ser honesta, certo? — Eu sorri para ela e ela brincou revirando os olhos.

—Mas por melhor que seja estar aqui, não posso deixar de imaginar o que o futuro reserva para os Lover Boys.

Isso soou... meio estranho, como se ela estivesse se preparando para fazer uma apresentação em um PowerPoint ou algo assim.

—O que quer dizer?

—Apenas... como eu disse. Vocês voltaram e sacudiram o pedaço. Pode ter sido um pouco pontual, mas você viu o que eles estavam falando no dia seguinte?

—Não gosto de usar as mídias sociais— admiti.

—Quero dizer, eu também não. Na verdade eu odeio um pouco.

—Eu sei, certo? — Eu perguntei, animado e um pouco surpreso por ela concordar comigo nesse ponto. —Digo às pessoas que não tenho um Instagram e elas me olham como se eu fosse um esquisito.

Os olhos dela se arregalaram.

—Sim! E sinto que realmente gosto de experimentar as coisas quando as faço e não fico obcecada em obter a imagem perfeita ou o que quer que seja.

—Exatamente, ninguém gosta de ter sua vida privada? Eles não fazem mais as coisas por fazê-las, mas para mostrar as outras pessoas mais tarde.

—Como no seu show. Metade das pessoas estavam gravando a coisa. E eu estava pensando, vão ver isso mais tarde ou algo assim? — Os olhos dela brilharam por um momento. —Sem ofensa. Mas você entende o que eu quero dizer, certo?

—Sim, totalmente. Todo mundo está tão preocupado em garantir que não perca algo que realmente não vivem. Eu disse à minha filha que ela não terá acesso a nenhuma mídia social até os dezesseis anos ou algo assim. Eu realmente quero que ela tenha um curto período de tempo em que saiba como fazer as coisas sem pensar em qual filtro deseja adicionar à foto.

—Sua filha— disse July. —Eu esqueci que você tinha uma.

—Isso é de propósito. Eu tento mantê-la o mais longe possível de tudo isso. De toda a coisa dos Lover Boys. Eu quero que ela seja uma garota o mais normal possível.

—Quão normal você pode ser quando seu pai é Roy Mills?

—Eu nunca vou me acostumar com pessoas dizendo meu nome completo na minha frente assim— eu admiti com um pequeno sorriso. —E as pessoas adoram fazer isso.

—O que? Você acha que é raro ouvir seu nome e sobrenome na terceira pessoa? — Ela sorriu.

—As coisas que as pessoas não pensam antes de se tornarem famosas— eu disse, balançando a cabeça. —Quando eu era mais jovem, a única coisa que importava para mim era música, e acho que as meninas e tudo isso. Mas não pensava nas outras coisas.

—Aposto que você tem muitos ângulos interessantes assim. A vida de estrela do rock que a maioria das pessoas não considerou.

—Talvez.

—Então é isso? Não há mais Lover Boys?

—Surpresa?

Eu tive a impressão de que havia algo mais, algo que ela tinha em mente.

—Um pouco. E decepcionada, eu acho. Você podia ver que as pessoas ainda os amam... elas encheram um auditório inteiro para uma apresentação secreta.

—Isso foi apenas por nostalgia. O que é estranho.

—Como é isso?

—Bem, foi assim que começamos. Os meninos e eu crescemos com Crüe e Poison e todas aquelas bandas de Los Angeles, e a princípio pensamos que éramos uma banda de tributo a eles, mas com nosso próprio toque. Uma espécie de banda nostálgica de metal.

—E agora as pessoas estão ficando nostálgicas pela banda da nostalgia.

—Sim. Eu acho que toda arte é nostálgica de uma maneira ou de outra.

July não disse nada, em vez disso, ela considerou minhas palavras cuidadosamente, como se as estivesse medindo.

—O que? — Eu perguntei para ela.

—Nada. Apenas penso em como isso é interessante, e no interesse que outras pessoas podem encontrar.

Naquele momento eu percebi. Me lembrei da conversa que tive com

Primrose ou Princeton ou como quer se chamava o dono da empresa, e como ele tentou me vender a ideia daquele livro para falar de tudo.

E lá estava ela, procurando o mesmo negócio.

—Eu vejo do que se trata. Seu chefe colocou você nisso, certo?

Os olhos ultra sexy de July se arregalaram, como se ela tivesse sido pega em flagrante.

—O você quer dizer?

—Vamos lá. Você realmente acha que eu não sei o que está acontecendo aqui?

—Hum— ela gaguejou. —Quero dizer...

Seu comportamento casual e leve derreteu como o gelo em nossas bebidas. July, em questão de segundos, tornou-se a garota exausta e nervosa que acidentalmente entrara no banheiro masculino.

—Não me diga que você só aceitou este encontro para tentar negociar sobre o livro.

—Não! — Ela respondeu rapidamente. —Não é isso mesmo. Quero dizer, o livro faz parte, mas... — Ela fez uma pausa, como se tentasse escolher suas próximas palavras com muito cuidado. —Eu também queria te ver. De verdade. Não para falar de trabalho ou qualquer outra coisa.

Não senti a necessidade de pressioná-la sobre o assunto, ela parecia bastante sincera. Mas o livro... era estranho. Eu sabia que deveria deixar o assunto de lado, mas não pude evitar.

—Você realmente quer escrever um livro sobre mim? Não entendo.

—O que você não entendeu? Você é o vocalista de uma das maiores bandas de rock dos anos 2000. Você não acha que as pessoas estariam interessadas em ouvir o que você tem a dizer sobre tudo isso? E verdade seja dita, não sei por que você está tão fechado sobre isso.

—Pela mesma razão, que finalizamos a banda em primeiro lugar. Porque estava na hora de deixar tudo isso para trás. Fazer um livro agora? Isso traria tudo de novo.

Ela inclinou a cabeça enquanto bebia sua bebida.

—Isso é tão ruim? — Ela perguntou.

—Quero dizer, não é como se estivesse em guerra ou algo assim, não me entenda mal.

—Você parece um pouco rainha do drama— ela sorriu.

Eu mostrei um sorriso para ela antes de continuar.

—Mas é apenas uma parte da minha vida que eu deixei para trás. Agora

eu tenho minha filha e meu trabalho, e é aí que minha vida está agora.

—Te entendo. Bem, não vou insistir no assunto.

—Você acabou de fazer o seu trabalho. Eu também te entendo.

—Uma estrela do rock muito razoável.

—O que você esperava? — Eu perguntei para ela.

—É sério. Eu não sabia o que esperar. Estar aqui com Roy Mills... — ela tocou nela mesma. —Estar aqui com você já é surreal o suficiente.

—Eu digo o mesmo.

Ela estava claramente confusa.

—O que você quer dizer?

—Há algo em você, July. Algo que me fez querer levá-la ao palco, o que me fez convidá-la para voltar... Eu não planejava fazer nada disso. É só que eu estava preso. E algo em você causou isso.

—Interessante. Muito interessante.

Eu olhei para baixo, percebendo que, sem perceber, nós dois estávamos perto o suficiente para que eu sentisse o perfume dela, até sentir o calor do corpo dela. E meu amigo lá embaixo realmente gostou da virada dos eventos.

Olhei em volta, percebendo que mais do que algumas pessoas tinham percebido quem eu era, e uma ou duas delas estavam tirando fotos minhas e de July.

—As pessoas sempre pensam que são muito hábeis com seus telefones com câmera— reclamei.

Ela se virou na direção que eu estava olhando, olhando para as pessoas que agora estavam desconfortavelmente segurando seus telefones.

—Para cada um que você percebe, alguns outros tiraram mais fotos sem você perceber.

—Oh não. Nem coloque essa ideia na minha cabeça.

—Que tal terminar nossas bebidas e sair daqui? Enfim, a ideia principal era ficar sozinhos. Ideia que agora posso aprovar.

Meu pênis reagiu nas minhas calças, ele claramente concordava com a ideia

—Eu? Sozinho com July Wolter?

Ela riu.

—Acredite ou não. Seu sonho está prestes a se tornar realidade.

CAPÍTULO QUATORZE

July

Lá estava eu, andando pelas ruas com Roy. Era difícil entender como era natural. Assim como quando superei minha ansiedade no palco, tudo foi tão bom, simples e divertido. Claro, ele era um astro do rock, mas também parecia estar em um encontro com um cara com quem você inesperadamente se dá bem.

Eu não esperava que ele fosse fodidamente bonito. A maquiagem, o couro e tudo isso acrescentavam um certo charme sexy. Mas mesmo vestido com suas roupas masculinas normais e seu rosto natural, ele era tão bonito que mal podia suportar. Meu centro enviou uma nova onda de formigamento a cada passo, e o pensamento de estar sozinha com ele era tão tentador que eu mal conseguia pensar direito.

—Bonita noite— eu disse, o sol finalmente se pôs enquanto passávamos pelas ruas de Silver Lake.

Era patético, mas eu não tinha ideia do que mais dizer.

—Claro que sim. — Sua mão passou de levar a minha para as minhas costas.

Me derreti como sorvete deixado no balcão da cozinha. Quanto mais eu pensava sobre isso, mais eu queria deixar de lado toda a pretensão do encontro e terminar o que tínhamos deixado inacabados.

Mas e depois disso? Quem se importava! Eu queria Roy, e muito.

Em pouco tempo, chegamos ao carro dele, um elegante Aston Martin prateado. O materialismo nunca foi o meu lugar, mas caramba! Era um bom carro

—Uau. — Meus olhos examinaram as curvas da máquina, parecia uma nave espacial. —Desculpe soar como uma pessoa de vinte e poucos anos.

Roy riu.

—Está bem. Apenas... não me pergunte quanto custa manter isso. Não pensei nisso quando o comprei.

Ele abriu o carro e nós dois entramos. Assim que as portas se fecharam, um pesado silêncio tomou conta de mim e eu sabia o que queria.

Ele sabia disso também.

Nós olhamos um para o outro, ambos com a mesma expressão quente e faminta do inferno. Nós voamos um para o outro, ansiosos para unir os nossos lábios.

Merda, seria melhor do que eu esperava.

Nós nos beijamos forte e profundamente, e nossas línguas se encontraram. Minhas mãos se moveram sobre seu corpo e as dele fizeram o mesmo. Ele passou a ponta dos dedos sobre minha blusa, sobre minha pele quente e formigante. Eu gemia ao seu toque, como se seu pênis já estivesse dentro de mim.

Por melhores que fossem as preliminares, tudo o que eu conseguia pensar era em remover os jeans e ver o que havia por baixo. Porque se a forma que o que eu vi em suas calças de couro fosse uma pista...

Tudo parecia acontecer muito rápido. Em um minuto eu estava admirando seu carro, no outro estava olhando, bem, tudo o mais. Abri a camisa dele, expondo sua barriga tonificada, e suas mãos trabalharam a uma velocidade incrível nos botões da minha blusa. Eu tinha certeza de que tinha muita prática em despir as meninas, mas não me importava, no momento, ali mesmo, era meu, todo meu.

—Maldita seja! — Ele rosnou enquanto largava minha blusa.

—Algo está errado? — Eu perguntei, levantando uma sobrancelha.

—Não. Algo está indo muito, muito bem.

Eu não pude deixar de rir de sua expressão.

—Vamos lá— eu o soquei no peito.

Seus músculos eram tão duros, firmes e perfeitos que eu não pude deixar de passar minha mão lá por um segundo. Dois segundos. Ok, três segundos.

Mentira, foram mais que quatro.

—O que? — Ele perguntou.

—Eu só estou pensando em como essa coisa que estamos fazendo agora é o que você provavelmente já fez com um milhão de groupies antes.

—Fala sério?

—Talvez um pouco— sorri. —Aposto que o grande Roy sabe o que dizer

para fazê-las se sentirem especiais no momento, como se fossem a única garota do mundo.

—E é isso que você acha que está acontecendo aqui? Você acha que eu estou apenas dirigindo um jogo?

Eu não disse nada, de repente me sentindo um pouco boba.

—Como um programa de computador? — Ele perguntou com um sorriso. —Algo como: Estar com uma garota sexy, executando o programa de paquera quarenta e cinco, roteiro 2-B.

Eu não pude deixar de rir. Um, porque era divertido, e dois, porque me lembrava o tipo de coisa nerd que todo cara que eu conheci diria. Mas, em vez de sair da boca de um nerd obcecado pelos Colonos de Catán, estava saindo da boca de uma estrela do rock totalmente quente.

—Não é assim, exatamente. Mas talvez mais para o lado de que você já tenha passado por isso tantas vezes antes, que esteja apenas no piloto automático.

Parte de mim odiava o quão patética e insegura eu estava sendo. Mas estaria mentindo se dissesse que não era esse o caso. Eu era realmente especial para ele? Ou era especial o suficiente no momento?

—Eu acho que não me faria bem dizer que qualquer garota com quem estive não foi tão especial.

—É um bonito pensamento, mas...

—Você acha que eu digo a mesma coisa para todas— minha frase terminou a dela. Seus olhos se afastaram por um segundo, como se tentasse decidir se ela queria dizer o que tinha em mente. —Relatos de que sou um mulherengo completo podem ser um pouco exagerados.

—É sério? — Eu perguntei.

—É sério.

—E você e todas as garotas com quem saiu? Você e Jessica Biel não eram uma coisa?

Encolheu os ombros.

—Isso foi um encontro. E sim, eu conheci algumas mulheres que eu achava que teriam um material de noiva, e Jess era uma delas— era muito raro ouvir alguém se referir a uma celebridade tão casualmente e por um apelido. —Mas eu nunca fiquei com groupies. Muito raro, muito impessoal. Parte do motivo pelo qual eu queria deixar os Lover Boys para trás.

—O que? — Eu perguntei com um sorriso. —Toda essa atenção feminina começou a desgastar você? Pobrezinho.

Ele soltou uma risada.

—Quanto mais tempo eu ficava naquele mundo, mais eu sabia que não pertencia a ele. A música era divertida e eu nunca me cansei de estar no palco. Mas... sim de tudo o mais.

Ou ele era um ator muito bom, além de ser um cantor incrível, ou estava sendo honesto. De qualquer maneira, eu estava pronta para me permitir acreditar. Afinal, não havia muito tempo para sentar e conversar de um coração para o outro com um homem bonito, meio vestido, com o abdômen exposto, o botão do jeans desabotoado e alguns fios de cabelo pendurados na testa de uma maneira mega sexy.

Céus. Eu precisava muito disso.

—E quanto a você? — Ele perguntou. —Quero dizer, eu mal sei...

Ele não teve nenhum problema para continuar a conversa. Mas eu precisava de algo um pouco mais tangível. Então eu o cortei com um beijo. Imediatamente o gosto intoxicante de sua boca me atingiu como uma droga. Não que eu tivesse muita experiência com drogas, mas imaginei que era assim.

Mais ou menos.

Eu estava pronta para ele. Eu não ligava para o fato de estarmos em um carro estacionado onde as pessoas poderiam nos ver. Tudo o que importava era tê-lo nu. E, julgando pela maneira como suas mãos se moveram sobre mim, pude ver que ele tinha prioridades muito, muito semelhantes.

Enquanto nos beijamos e beijamos, ele deslizou minha blusa sobre meus ombros, expondo meu sutiã.

—Deus, você é tão... linda! — Ele exclamou, e suas palavras saíram quase como se ele estivesse surpreso.

—Você esperava algo diferente? — Eu perguntei para ele. Sua boca se moveu sobre o meu pescoço, fazendo meu corpo inteiro ficar em arrepio.

—Não. Apenas... apenas surpreso.

—No bom sentido?

—De uma maneira muito boa.

—Perfeito. Agora menos conversa, mais ação.

Ele riu, passando o braço em volta da minha cintura e me beijando com força novamente. Ambas as mãos exploraram um pouco mais, fazendo o seu caminho para a área baixa da minha cintura e todas as coisas boas que estavam escondidas lá. Nesse ponto, eu estava tão molhada que mal conseguia suportar.

—Vamos lá— eu reclamei. —Me dê isto.

—Eu estou tentando— disse ele, enquanto suas mãos trabalhavam nos botões e zíperes abaixo. —O Martin não é realmente feito para esse tipo de atividade nos bancos da frente.

—Então tente mais. Porque preciso tanto que posso... — De repente, algo metálico soou, me cortando. —Isso não é o seu pênis, é?

—Você quer dizer esse barulho? Não. É incrível e tudo, mas não é feito de aço sólido.

O som foi ouvido novamente.

—Merda! — Ele exclamou. —Atrás de você.

Por um momento, fiquei totalmente assustada. Mas quando me virei e vi a figura inconfundível de um policial uniformizado, com uma lanterna na mão, eu... bem, fiquei com medo de novo. O barulho estranho que saiu da minha boca foi uma combinação de um chiado e um grito, e apenas aumentou o constrangimento extremo.

Felizmente, Roy estava mais ciente das coisas do que eu. Ele rapidamente pegou minha blusa e colocou na minha frente. Peguei-a das mãos dele e cobri meus seios, meu rosto ainda vermelho. Então ele abaixou a janela, o ar frio da tarde e as fortes vibrações do policial se espalhando no carro em igual medida.

—Boa noite, policial— disse Roy, parecendo ótimo com a coisa toda.

—Eu vejo que sim. Mas acho que você pode adivinhar o que vou dizer a seguir.

Roy e eu nos contorcemos em nossos assentos, olhos fixos na frente.

—Claro, oficial.

—Então eu deixarei vocês com o aviso.

Murmurei um “obrigada” ao policial e foi isso. A janela subiu novamente e ele se foi. Nós dois ficamos em silêncio por alguns momentos, sem saber o que dizer.

—Então... isso matou totalmente o humor? — Ele perguntou.

—Algo assim. É difícil se sentir sexy quando há um policial de quase dois metros de altura que paira sobre você quando você está seminua.

—Não sei. Aposto que há muitas pessoas na cidade que pagariam por algo assim. — Outro sorriso zombeteiro, e senti a estranha tensão se dissipar.

—Eu aposto que você está certo sobre isso. Mas... não essa garota.

—Você mora longe daqui?

Meus olhos se arregalaram em pânico com o estado do meu apartamento.

Além de o local ser grande o suficiente para acomodar apenas uma pessoa de cada vez, havia recipientes vazios de fast food vazios e roupas espalhadas aqui e ali, não exatamente o lugar mais hospitaleiro que havia.

—Na verdade... eu moro neste bairro. Mas meu apartamento está um desastre.

—Eu moro no centro. Eu poderia deixá-la em casa, mas se você sentir vontade de ficar comigo um pouco mais, poderíamos...

—Certo! — Eu o cortei.

Outra risadinha.

—Eu gosto desse entusiasmo— ele admitiu.

E eu realmente gostei dele. Não havia mais nada a dizer. Roy puxou o carro para fora do local e fomos para o centro, com um toque de excitação no ar.

CAPÍTULO QUINZE

July

Dirigimos em silêncio. Não um tipo desajeitado, mas o tipo legal onde você está bem, e a companhia um do outro é agradável e tranquilizadora. O que foi surpreendente, pois, na minha experiência, esse sentimento só é alcançado depois de conhecer um cara por um tempo. Mas com Roy, eu estava lá, apenas algumas horas após o nosso primeiro encontro, ou o que seja, e depois que quase fomos pegos fodendo em público.

E acredite ou não, mesmo depois de ter um pouco de tempo para deixar tudo passar, eu estava realmente muito animada.

—Você já fez algo assim antes? — Ele perguntou, como se estivesse lendo minha mente.

—Que parte? A parte de transar com alguém que eu mal conheço ou a parte de ser pega em público?

—Transar com alguém? Me parece que alguém está sendo presunçosa.

Eu não pude deixar de rir.

—A segunda coisa— ele esclareceu. —A parte pública.

—Nunca— eu admiti, me sentindo um pouco boba dizendo a palavra tão rapidamente. —Minha vida sexual foi... bem mansa.

—Ah é mesmo? — Ele perguntou.

—Em sua maior parte.

Eu me surpreendi, quase prestes a contar tudo sobre o meu ex e a bagunça do dia do casamento e tudo mais. As coisas estavam indo bem com Roy, mas isso não significava que ele estaria disposto a ouvir como eu tinha sido totalmente humilhada no dia do meu casamento.

Talvez isso o levasse a pensar se ele estava fazendo a coisa certa ao se envolver com alguém como eu, alguém que era obviamente tão estranha que

inspirava os homens a se livrar dela à beira do casamento e fugir com uma garota que fazia cosplay profissional.

—Sim? — Ele perguntou.

—Sim, bastante quando se trata desse tipo de coisa.

Se ele tinha alguma opinião sobre isso, ele manteve para si. As torres do centro de Los Angeles cresceram cada vez mais e, em pouco tempo, entramos na garagem de uma delas, que parecia ser um complexo de apartamentos mais novo e lindo do que eu podia ver.

Roy levou o carro para um local privado e, momentos depois, estávamos indo para o último andar através de um elevador muito silencioso. Meus olhos focaram nos dele, e por um momento nós dois nos trancamos em um olhar aquecido.

—Não há tempo suficiente para isso— ele respondeu com um sorriso. — Esses novos elevadores não foram construídos para o que você tem em mente agora.

Eu estava nervosa, tanto pela menção do sexo quanto pelo fato de que ele parecia ler minha mente.

—O que faz você pensar que eu es...

—Chame de palpite— disse ele.

As portas se abriram, revelando um apartamento enorme e moderno.

—Bonito lugar — Eu admiti, entrando e olhando em volta, apreciando a ampla vista da cidade, uma vista que se estendia para a água.

—Obrigado. Eu tenho algumas colegas de casa. Embora elas estejam fora hoje à noite.

—Companheiras? — Eu perguntei para ele.

Ele acenou para uma parede, uma cheia de fotos. Cheguei mais perto e os vi melhor. Quase todos os retratos eram uma combinação de Roy, uma mulher de meia idade que se parecia muito com ele, e uma adorável garota de cabelos escuros.

—Essa é sua filha, certo? A que você adotou?

—Sim, essa é Sophia. — Ele tirou uma das fotos dele e dela e olhou para ela com uma expressão tão quente que quase me fez chorar. —A razão pela qual eu saio da cama de manhã.

—E sua mãe?

—Ela mora aqui há um tempo, uma grande ajuda com a pequena dama.

—Isso é muito fofo.

Ele sorriu.

—Mamãe realmente não me deu uma opinião sobre o assunto. Depois que descobriu que a adoção estava pronta, ela quase chutou minha porta para vir me ajudar. As duas saem à noite, provavelmente foram comer algo de In-N-Out Burger e assistir a um filme estrangeiro.

Ele largou a foto e olhou para mim.

—E seus pais? — Me perguntou.

—Apenas meu pai. Mamãe faleceu recentemente.

—Sinto muito por ouvir isso.

—Obrigada.

Fui às enormes janelas de vidro que davam para a cidade, para contemplar a vista. Roy veio ao meu lado, seu delicioso perfume me envolvendo como um cobertor quente. Eu me virei para ele, percebendo agora a decoração muito, muito crua do apartamento.

—Este é um lugar muito agradável— eu disse, falando em tom cuidadoso.

—Vamos lá, você pode dizer.

—Dizer o que?

Outro olhar de “vamos lá, diga”.

—Parece algum tipo de grande consultório médico— admiti, deixando sair. —Mas, tipo, um consultório médico do futuro. Então, uma ótima coisa. Algo assim.

—Eu sei, eu sei. Mas lembre-se de que isso foi em 2005, se você era solteiro com algum dinheiro, tinha que ter um apartamento assim. Era mais ou menos a regra.

—Oh sim, eu entendo. Eu podia imaginar ver um lugar como esse em um episódio da MTV Cribs.

Ele riu.

—Não sei se tenho televisões suficientes escondidas para isso. Mas eu conseguia pensar em uma atualização para o local. Uma mudança de estilo.

—Eu acho que é menos sobre o estilo e mais como os meninos não sabem decorar— eu pisquei para ele.

—De maneira nenhuma. Eu sei como decorar. — Ele apontou para uma das poucas peças de arte penduradas na parede, um pôster emoldurado do filme *Fight Club*, no qual Brad Pitt orgulhosamente segura uma barra de sabão e Edward Norton brilha como espectador.

—Eu... percebo.

—E tem outro— ele apontou um pouco mais para baixo, onde havia outro

pôster.

—Robocop, hein? — Eu perguntei, mais intrigada do que podia ver.

Acredite ou não, era um dos meus favoritos. Não é exatamente ficção científica, mas algo assim.

—É um tom cético que eu detecto aí? — Ele perguntou com um sorriso. —Porque o Robocop é um dos melhores de todos os tempos. Você não gosta de ficção científica?

—Pelo contrário, eu adoro— admiti, percebendo que acabara de abrir uma lata inteira de vermes.

Sua sobranalha se levantou, intrigada.

—É sério? — Seu tom foi de completa surpresa. —Eu tenho que saber mais sobre isso.

—O que? As meninas não podem gostar de ficção científica?

—As meninas podem ser o que quiserem. Mas não acho que muitas delas gostem de ficção científica. Especialmente garotas como você.

Eu caí nas almofadas surpreendentemente macias do sofá seccional branco pérola.

—Garotas como eu? — Eu perguntei para ele. —Agora, não posso deixar de perguntar o que isso significa.

Ele se sentou ao meu lado, longe o suficiente para deixar alguma distância entre nós, mas perto o suficiente para estar na minha bolha. E eu queria que ele estivesse mais do que isso.

—Você sabe. Mulheres poderosas com escritórios pessoais, que gostam de beber smoothies verdes depois das aulas de spinning.

Eu não pude deixar de soltar uma grande risada que explodiu no vasto espaço do apartamento.

—É isso que você pensa que eu sou? — Eu perguntei para ele.

—Estou errado?

Eu queria dizer que sim, que certamente estava errado. Mas então eu percebi que não estava muito longe dessa descrição.

—Mais ou menos. Eu tenho um escritório pessoal e gosto de pensar que tenho um pouco de poder. Mas quanto à aula de spinning e a parte do smoothie... não combina comigo. Eu me mantenho magra por estar muito ocupada para comer mais do que apenas algumas mordidas rápidas para viagem aqui e ali.

—Bem, tudo o que você está fazendo está funcionando. — Ele me deu um olhar bobo que sugeria que ele sabia o quanto ele estava sendo

extravagante.

—Muito cavalheiresco. Mas enfim, apesar de quão glamorosa minha vida possa parecer, sim, eu gosto de ficção científica.

O assunto era estranhamente incomum e um pouco incomodo de mencionar. Especialmente depois de decidir guardar essa parte de mim e do casamento. George e sua grande merda arruinaram o gênero para mim para sempre.

—Então você é uma fã do Robocop, eu acho.

—Naturalmente. Mas ninguém pode se igualar a Verhoeven, obviamente. Embora eu admita que os outros conseguiram obter o tom satírico.

Tudo correu em uma corrida estranha. E Roy apenas olhou para mim com algo que era quase como um espanto.

—Uma garota que conhece de Robocop— ele assentiu lentamente em aprovação. —Eu adorei isso. — Então seus olhos deram uma olhada na minha expressão. —Está bem?

—Sim. Eu só... não consigo encontrar muitas pessoas com quem posso falar sobre o Robocop.

Foi provavelmente uma das frases mais estranhas que eu já disse. E eu percebi que havia algo mais que ele estava dizendo sobre mim.

—Bom. É bom saber que você tem bom gosto, além de ser de tirar o fôlego de tão linda.

Eu estava prestes a fazer uma piada sobre seu comentário encantador, mas ainda não havia terminado.

—Por outro lado— ele continuou. —Eu já sabia que você tinha bom gosto.

—Como é isso? — Eu perguntei para ele.

—Porque você estava no meu show, é claro.

Eu não pude deixar de rir antes de bater no ombro dele. E, como sempre, percebi assim que o toquei como seu corpo era duro.

Isso me fez pensar sobre o que estávamos fazendo no carro, como estava quase nu para mim, com aqueles músculos tensos magníficos e simplesmente incríveis de se ver.

E eu queria isso de novo. Os medos que eu tinha antes se foram, então eu movi minha bunda no sofá para me aproximar dele. Me envolvendo novamente em seu perfume, seus olhos e tudo mais.

—Posso ajudá-la com alguma coisa, jovem? — Ele perguntou, notando que havia reduzido a distância entre nós a quase nada.

—Você sabe que sim.

—Toda essa conversa sobre Robocop deixa você com vontade?

—Talvez. Mas, por mais quente que um cara coberto de metal me deixe, acho que é você quem está me deixando de bom humor agora.

Eu já havia terminado de falar. Eu queria Roy e queria terminar o que começamos. Havia algo nele que era apenas mágico, algo que conseguiu me fazer esquecer o casamento, o livro e minha vibração ruim assusta os garotos. No momento, éramos apenas ele e eu.

Ele passou a mão pelo meu cabelo e se aproximou do meu rosto. Nossos lábios roçaram brincando um com o outro antes de se fecharem para o beijo mais quente e gostoso que já haviam me dado antes.

Mas assim que começamos a tirar as roupas um do outro, uma campainha tocou no apartamento. Eu ofeguei, olhando para ele. Na direção do barulho, havia um elevador aberto, e uma mulher e uma garota ali de pé nos olhavam com surpresa no rosto.

Apanhados.

Outra vez.

CAPÍTULO DEZESSEIS

July

Duas mulheres saíram do elevador. Bem, uma menina e uma mulher de meia idade. A última era alta, com um oceano nos olhos e um loiro arenoso no cabelo que instantaneamente me deixou saber que ela era parente dele.

Sua mãe provavelmente. Ela parecia tão charmosa e maternal quanto nas fotos.

E então a garota. Ela era pequena, esbelta e totalmente adorável, suas feições nítidas emolduradas por cabelos pretos entrecortados. Ela não se parecia muito com Roy, mas ainda havia algo nela que me lembrava dele.

Era a filha dele.

Nas mãos dela haviam duas sacolas, o fundo escuro de gordura.

Removemos as mãos um do outro instantaneamente, e nós dois nos atiramos em cada extremidade do sofá.

—Ei! — Roy exclamou, passando a mão pelos cabelos. —Vocês estão aí!

—Somos nós— respondeu a mãe, os olhos fixos em mim quando ela e a garota entraram na sala.

—Eu trouxe alguns hambúrgueres— a garota anunciou, colocando as sacolas na mesa de café.

No momento, eu não sabia se estava prestes a ser convidada a compartilhar alguns sanduíches saborosos da melhor lanchonete do país, ou se estava prestes a ser jogada de uma varanda muito alta por duas mulheres, uma delas Boomer e a outra geração muito Z, uma equipe intergeracional.

—Eu não sabia que você ia ter companhia hoje à noite— disse a mãe.

—Nem... eu— Roy esclareceu. —Mas, hum, é July Wolter. Ela está na Penrose Publishing, nos reunimos para conversar sobre um livro.

—Não parecia haver muita conversa.

Não parecia bom. As chances de eu navegar pelo céu de Los Angeles antes que os hambúrgueres tivessem a chance de esfriar pareciam estar aumentando no momento.

—Ah, pelo menos— acrescentou Roy. —July, esta é minha mãe, Mary. E essa garotinha é Sophia, minha filha.

—Prazer em conhecê-las— eu disse, tentando engolir meu nervosismo quando estendi a mão primeiro para a mãe e depois para a criança.

O alívio tomou conta de mim quando a segunda a aceitou.

—Prazer em conhecê-la também— respondeu a garotinha. —Você quer um hambúrguer? Nós sempre temos um extra.

Na verdade, um hambúrguer parecia muito bom. E se não fosse me satisfazer do jeito que eu queria, comida gordurosa seria uma boa maneira de alimentar minha fome.

—Uh, claro— eu concordei. —Eu amo o In-N-Out.

—Por que você não pega alguns pratos, querida? Só porque é estilo animal, não significa que devemos comer como eles.

—Tudo bem, pai— disse Sophia, e correu para a cozinha.

Então éramos apenas nós três.

—Então— disse Mary. —Um livro?

Para meu alívio, parecia que estava amolecendo um pouco. Mas, sabendo a minha sorte, eu tinha certeza de que ter uma estrela do rock genuinamente interessada em mim era bom demais para ser verdade, tudo seria frustrado por uma mãe dominante que achava que ninguém era bom o suficiente para o filho.

—Sim. Um livro sobre Roy. E a banda.

O barulho de pratos e copos soou do outro cômodo.

—Eu não sabia que você estava pensando em escrever— disse ela a Roy.

—Tudo pronto! — Sophia gritou da mesa.

Nós três tomamos os hambúrgueres e as bebidas e fomos para a longa mesa de vidro perto da cozinha.

—Eu não acho que escreva, não é? Acho que nunca chegamos tão longe na conversa. —Ele sorriu.

Ele estava certo sobre isso, estávamos distraídos.

—A menos que você realmente queira— eu insisti.

—Não— ele repetiu, caindo em um dos assentos. —Eu acho que as músicas são o único tipo de escrita que posso fazer.

—Então nós o prepararemos com uma de nossas escritoras. Ela teria

algumas entrevistas com você e depois faria todo o trabalho.

—Escritora? — Ele perguntou, enquanto tirava os hambúrgueres da sacola.

Moira apareceu em minha mente, e uma pontada de ciúme correu através de mim, uma que desfiz imediatamente. Não, tudo era meramente profissional. Não havia chance de ela tentar dormir com Roy durante o trabalho juntos. O instituto foi anos atrás, certo?

—Sim, o nome dela é Moira Walsh. Ela trabalha conosco há anos. Quando terminar de falar com você, ela juntará tudo e fará o livro.

—Parece divertido— disse Sophia, os olhos brilhando de emoção. —Um livro sobre você? Eu já quero ler.

Mary não disse nada, parecendo cética em relação a mim e tudo mais.

—De qualquer forma— Roy esclareceu. —Não o aceitei e acho que não vou aceitar.

—O que? — Perguntou a menina. —Por quê?

—Porque eu não estou mais nesse mundo. Lover Boys foi divertido, e a reunião foi um bom mergulho no passado, mas... eu só quero deixar tudo isso para trás.

—En-te-dian-te.

—E seu trabalho é convencê-lo, suponho— Mary respondeu enquanto desembulhava seu hambúrguer, o aroma de comida deliciosa e gordurosa enchendo o ar. Eu estava tentando ler as expressões dela para descobrir de que lado ela estava. Mas ela era difícil de decifrar.

—Não chegamos à parte do processo— admiti. —Sem explicar, ela já a havia rejeitado.

—Ah— Sophia reclamou.

Mary desviou o olhar, pensativa.

—Huh— ela também reclamou.

—O que? — Roy perguntou. —Você tem uma opinião sobre o assunto, mãe?

—Eu apenas pensei... você poderia ganhar muito dinheiro com isso.

—Dinheiro é a última coisa que eu preciso. Entre o meu trabalho como advogado e royalties de música, eu estou bem.

—Não— disse Mary. —Não é dinheiro para você... mas para esse projeto que você estava falando.

Projeto? Agora eu estava intrigada.

—Que tipo de projeto? — Eu perguntei, preparando meu próprio

hambúrguer para sua primeira mordida.

—Não é nada— disse Roy. —Apenas algo que estava girando na minha cabeça.

—Você quer dizer algo sobre o qual falou durante o último mês sem parar— disse Mary.

—Estou curiosa— insisti. —Me conte.

Ele pareceu estar em conflito por um momento e, finalmente, com um suspiro de alívio, ele falou.

—Você conhece meu trabalho, certo? — Ele perguntou.

—Sim. Você é advogado— respondi. —Você trabalha com alguns dos casos mais difíceis da cidade.

—Exato. Tentando dar algo em troca, sabia?

—Oh, eu sei— sorri.

Todo mundo que sabia o mínimo sobre Lover Boys sabia o quão doce Roy era, como quando ele fazia obras de caridade em vez de entrar no mundo de destaque do sistema legal de Los Angeles.

—Estou pensando em fazer um pouco mais, criando um programa de bolsas de estudos que possa ajudar algumas dessas crianças a entrar na faculdade. Muitos deles terminam o ensino médio e não têm ideia do que fazer com sua vida. E eles são tão brilhantes... é um desperdício, sabia?

Eu assenti, deixando-o continuar.

—Então, eu estava pensando que, se eu preparasse algo assim, poderia fazer algo para lhes dar uma chance. O problema é que criar uma bolsa de estudos como essa não é uma coisa pequena. Eu precisaria tirar uma folga do trabalho para fazer isso, ou teria que pagar alguns advogados para cuidar de tudo para mim. E o dinheiro normalmente não é um objeto, mas todo o meu dinheiro está amarrado agora, levaria meses para liquidar o que eu precisaria.

—Então isso é perfeito! — Eu exclamei. —Você pode usar a visualização do livro para começar tudo isso. E uma vez que essa coisa seja vendida como eu sei que vai, você poderá enviar os royalties que ganhar para o fundo da bolsa. Seria perfeito!

Roy tinha os olhos das três nele.

—Vamos, pai— Sophia encorajou. —Seria divertido.

—Além do dinheiro— insistiu Mary.

Em vez de responder, Roy afundou os dentes no hambúrguer e mastigou, pensativo.

—Me dê um tempo— ele respondeu. —Eu tenho que pensar sobre isso.

Eu sorri enquanto mordia meu próprio hambúrguer.

O pensamento de pegá-lo e o livro era quase demais para absorver. Era tudo o que eu queria. Mas eu sabia que um pouco de paciência era necessária.

CAPÍTULO DEZESSETE

July

Eu não conseguia parar de pensar naquele maldito beijo. Ou melhor, naqueles malditos beijos.

O sabor, o toque, a maneira como sua boca se curvou naquele sorriso lindo... era quase demais. E a pior parte, apenas a pior parte, foi o fato de não termos conseguido, bem, selar o acordo.

Eu realmente queria fazer isso. Claro, havia alguma hesitação ao pensar em entrar em algo assim, mas eu sabia que precisava disso. Uma pequena aventura com uma estrela do rock parecia exatamente o que eu precisava. Eu poderia apaziguar minha coceira, talvez algumas vezes, e voltar à minha vida com a cabeça limpa.

E não era como se ele e eu fôssemos uma coisa ou outra coisa. Não, nossas vidas eram muito, muito diferentes. E eu ainda não queria ter um relacionamento depois de todas as coisas do casamento.

O que eles disseram sobre se recuperar de um relacionamento? Que você precisava da metade do tempo que levou para superar isso? Então... George e eu estávamos juntos há três anos, o que significava que precisava de um ano e meio para me recuperar, o que imaginava que eu estaria pronta para namorar alguém novamente na próxima década.

Hum, então não seria exatamente em breve. Mas tudo bem! Eu tinha meu trabalho, meus amigos e isso era tudo que eu precisava.

Agora só faltava Roy assinar na linha pontilhada.

Meu telefone do escritório tocou, me tirando dos meus pensamentos. Eu respondi, e a secretária do Sr. Penrose me informou que o grande chefe queria me ver. Eu a deixei saber que eu estava a caminho, e uma sensação de aperto se instalou em minhas entranhas. Anthony era o tipo de chefe que

gostava de consertar as coisas o mais rápido possível, e eu sabia que ele provavelmente não ficaria muito empolgado por eu estar no projeto.

—July! — Ele exclamou assim que entrei no escritório. —Me diga coisas boas.

—Bem... eu encontrei Roy.

—Algo no modo como você diz não está me enchendo de confiança.

—Ele está indeciso. Mas acho que fiz alguns progressos.

—Que tipo de progresso?

—No começo da noite ele era totalmente contra, depois no final da noite ele ainda estava contra. Mas não totalmente.

—Então, ele passou de “totalmente contra” a apenas “contra” — ele suspirou, balançando a cabeça careca. —Tenho grandes esperanças para este projeto. E eu tinha certeza de que você seria a pessoa certa para o trabalho.

—Eu sou— minha voz traiu minha total ansiedade. —Vou mostrar a você que posso conseguir um projeto como esse.

—Isso é o que espero. Porque, como eu disse, se você deseja avançar na empresa, esse é o tipo de trabalho que eu esperarei de você. Adquirir significa conseguir coisas, Wolter, e eu quero dizer grandes coisas. Você não se esconderá mais nesse seu escritório.

Antes que eu pudesse continuar, meu telefone tocou no meu bolso de trás. Normalmente, eu deixaria para lá... eu estava encontrando o chefe, afinal. Mas tive a sensação de que era importante.

Uma rápida olhada na tela revelou que não era outro senão o próprio Roy Mills.

—É ele. — Fiz um gesto em direção ao telefone zumbindo na minha mão.

—A resposta!

Limpei a garganta e atendi a ligação.

—July Wolter.

—Roy Mills— ele disse naquela voz suave como manteiga.

—Eu pensei que você era contra dizer seu nome completo— eu sorri, secretamente tonta por falar com ele.

—Eu posso fazer exceções. E por falar nisso...

—Sim? — Eu perguntei para ele.

—Eu quero falar sobre o livro. Você está no seu escritório agora?

—Estou. — Olhando para Penrose e dando um sinal de positivo. —Você quer passar por aqui?

—Não. Vamos comer algo. Você conhece o Greystoke Grill?

—Sim. É muito perto.

—Vou reservar uma mesa lá. Vejo você em uma hora?

—Perfeito.

Desliguei, com um grande sorriso no rosto enquanto colocava o telefone no bolso. Depois de informar Penrose dos planos, fui até o meu escritório para terminar o que estava trabalhando antes de sair.

Uma hora depois da ligação eu entrei no Greystoke, o lugar estava iluminado e alegre à luz do meio-dia, a decoração era rústica e muito moderna, com mesas de madeira recuperada e tons de terra suaves.

E havia Roy, vestido com uma camisa de botão cinza escuro e jeans azul escuro, com o cabelo preso em um pequeno rabo de cavalo. Os olhos dele brilharam quando ele me viu, e eu tinha certeza que os meus haviam feito o mesmo.

—Aí está você! — Ele respondeu, levantando-se como um cavalheiro quando me aproximei.

—E aí está você— repeti.

Ele se inclinou e me beijou na bochecha, uma coisa que parecia mais do que educada. Eu estava lá a negócios, mas minha vagina se molhou com a sensação dos lábios dele na minha bochecha.

Uma vez sentados, o garçom encheu nossos copos com água e começamos.

—Então, você quer falar sobre o livro.

—Claro— ele respondeu. —O livro.

—Escuta. Não quero pressionar você a fazer isso. Eu entendo que você tem essa nova vida agora, você está o mais longe possível dos Lover Boys, e voltar a tudo isso é provavelmente a última coisa que você quer fazer. E...

Eu não tinha ideia do que estava fazendo. O cara não tinha dito uma maldita palavra, e eu já estava tentando convencê-lo a não dizer.

—Quero fazer.

Felizmente, ele teve o bom senso de me interromper.

—Você quer fazer isso?

—Você parece surpresa— ele sorriu.

—Eu estou. Um pouco. Quando conversamos sobre isso, você parecia bastante inflexível quanto a não seguir adiante. Nem mesmo sua mãe parecia capaz de fazer você mudar de ideia.

—Eu pensei um pouco sobre caridade e tudo isso. Decidi que era uma oportunidade boa demais para deixar passar. Se os ganhos são metade do que

você pensa que podem ser, e eu posso pegar e ajudar algumas das crianças menos afortunadas da cidade, seria quase egoísta da minha parte dizer não, certo?

Deus, havia algo tão... sexy nesse lado altruísta dele. Ele sabia que era um bom homem apenas por causa de sua reputação como um bom advogado. Mas vendo isso na realidade...

—Suponho que, quando você coloca dessa maneira, não há como rejeitar — admitiu.

Eu sorri e ele respondeu com um dos seus sorrisos lindos.

—Mas— ele continuou, seu tom ficando mais severo. —Existem algumas condições.

—Muito bem. Continue.

—A primeira coisa é que, como eu disse, quero minha parte dos royalties. Não sei qual é o seu padrão, mas sou advogado e vou negociar.

—Claro.

—A segunda coisa é que eu quero alguma consideração.

—O que exatamente estamos falando?

—Ignorar certos tópicos— ele esclareceu. —Afinal, minha mãe vai ler.

—Estou certa de que podemos controlar certo teor.

—Brilhante. E terceiro, terei a última palavra no trabalho finalizado.

—Isso é... um pouco mais difícil.

—Por quê?

—Porque o que os clientes querem e o que realmente moverá o produto tendem a ser duas coisas diferentes.

—Então não há acordo. Eu não quero nada com meu nome por aí, sem saber o que há dentro. — Ele abriu a boca para falar, mas depois parou como se estivesse pensando em alguma coisa. —Ouvi falar da vida de outras estrelas do rock, que conheço pessoalmente. Minha vida é um pouco mais mansa em comparação à deles, mas isso não significa que eu não tenha feito coisas mais loucas no passado. E deixei tudo isso para trás... e é aí que eu gostaria que elas ficassem.

—Por causa da sua mãe? — Eu perguntei para ele.

—Minha mãe é adulta. Ela sabe o que eu vivi, e o que não sabe, ela irá descobrir. Mas agora eu sou pai. E não apenas Sophia. Os caras com quem trabalho me admiram. A última coisa que preciso é que eles descubram meus dias de festa quando eu era um idiota de dezoito anos.

Tinha razão. Eu pensei sobre o assunto por um momento.

—Eu posso falar com meu chefe e deixá-lo saber. Mas eu entendo isso.

—Eu acho mais uma vibe de comédia adolescente do que Showgirls, se você entende o que estou dizendo.

—De volta a Verhoeven— eu disse com um sorriso.

—Você já tem— ele piscou para mim.

—Bem, Sr. Mills. Como eu disse, isso depende do meu chefe. Mas tenho certeza que ele estará mais do que disposto a trabalhar com você.

—Perfeito. — Ele estendeu a mão para mim.

Eu a peguei e agitei.

—Vamos brindar ao início de uma bela parceria.

Eu sorri.

E talvez outra coisa.

CAPÍTULO DEZOITO

Roy

Tudo o que eu conseguia pensar era em que diabos eu me meti. Sem mencionar, a oportunidade de me aproximar de July que foi um grande fator na minha decisão, e a única coisa em que pude pensar. Mas ainda assim eu precisava fazer qualquer coisa para manter a cabeça clara.

Eu não tinha escolha a não ser fazer isso. Depois de colocar um dos meus ternos, fui até os escritórios da Penrose, pronto para o acordo, sem problemas.

Cheguei ao prédio e entrei na recepção, fazendo o possível para ignorar os olhos abertos das meninas que estavam me olhando. Me chame de boçal ou arrogante, mas eu estava acostumado a ter atenção.

Subi no elevador e, quando as portas se abriram, fui recebido por uma equipe de homens e mulheres de trajes elegantes. July estava entre eles, sua boca se curvando em um sorriso quando ela olhou para mim.

Ela estava tão feliz em me ver como eu estava. E também meu amigo. Levou todo o meu esforço para não ter tesão na frente de todo o comitê de boas-vindas.

—Senhor Mills! — Exclamou um homem careca e mais velho, todo sorrisos quando ele estendeu a mão e a ofereceu para mim. —Bem-vindo à Penrose Publishing. Eu sou Anthony Penrose.

—Prazer em conhecê-lo— respondi, voltando meus olhos para July novamente.

Depois que todas as boas-vindas foram feitas, July, Penrose e eu fomos para o escritório principal. Durante a viagem, o homem me mostrou os diferentes departamentos e contou um pouco da história sobre a empresa. Todas as coisas interessantes, é claro.

Em pouco tempo, chegamos a um conjunto de portas duplas. Penrose as abriu, revelando uma pequena sala de conferências com vista para West Hollywood. Sentada à mesa estava uma mulher pequena que parecia ter a idade de July. Ela era bastante bonita, com cabelos curtos e vestida com uma saia lápis preta.

E seus olhos foram para mim da maneira mais óbvia que eu poderia imaginar.

—Sr. Mills— disse Penrose. —Essa é Moira Walsh. Ela é a escritora que designamos para trabalhar com você. Uma das melhores.

—Um prazer. — Ela se levantou, passando os olhos por mim. —Eu sou uma grande fã do seu trabalho.

—Obrigado.

Ela pegou minha mão e apertou-a gentilmente. Pelo canto do olho eu pude ver a expressão de July, sua boca era uma linha dura e plana, e seus olhos estavam apertados.

Oh, veja só.

—Por favor, vamos todos sentar— disse o homem. —Estou mais do que ansioso para lançar este projeto.

Assim, nós quatro nos reunimos em volta da pequena mesa de conferência. Penrose pediu para um dos estagiários para trazer um café para todos nós.

—Então— disse Penrose. —Quero deixar claro desde o início que este projeto é para contar sua história.

—Isso é o que me preocupa um pouco— admiti. —Suponho que a Sra. Wolter os informou de minhas condições para o livro.

—A questão dos royalties não é um problema. Estamos confiantes de que teremos sucesso em nossas mãos.

—A performance da banda ainda está em pleno andamento— disse Moira. —São tendência nesse momento. Só foi preciso um show para todos os seus adoráveis fãs quererem ainda mais. Eu inclusive.

Não perdi o duplo sentido de suas palavras. A garota não estava sendo sutil.

—Mas existe o outro assunto— esclareci.

—Tudo bem— falou July. —O Sr. Mills quer controle total da criatividade.

Algo em sua maneira de dizer “Sr. Mills” fez meu pênis reagir. Eu estava feliz por estarmos sentados à mesa. Mas comecei a me perguntar quantas

malditas ereções eu teria neste escritório se ela continuasse falando.

—Não é controle criativo total— eu disse. —Acredite, trabalhei com produtores e executivos e sei que o fato de você ir longe demais no processo criativo é uma maneira fácil de arruinar tudo. Eu só quero ter a última palavra no produto para garantir que eu saiba exatamente o que estará acontecendo lá com o meu nome.

—Claro, claro— disse Penrose. —E por isso que eu coloquei uma de nossas melhores escritoras no trabalho. Moira trabalhou com músicos, atletas, empreendedores e outras pessoas importantes.

—Eu sou a melhor no negócio. Eu mesmo digo.

—E a mais humilde— acrescentou July.

—Claro— respondeu Moira com um pequeno encolher de ombros. —Se você tem talento, por que fingir que não tem? Alguém como você tem que saber o que eu quero dizer, Sr. Mills.

O tom sexy de July ao dizer meu nome não foi de propósito. Mas o de Moira era. Ela disse as palavras como se fossem um pirulito doce, do qual ela estava tentando sugar o último pedaço de sabor. E o piscar de seus olhos em minha direção deixou claro para mim o que estava passando em sua mente.

Mas eu queria colocar as coisas de volta no lugar delas.

—Sem questionar o talento de ninguém— acrescentei, arranhando distraidamente uma das minhas tatuagens no antebraço. —Eu só preciso ter certeza de que o livro não será uma surpresa.

—Não será nem um pouco— disse Moira. —Você e eu vamos discutir as coisas no decorrer de algumas entrevistas, e são essas conversas que servirão de base para o livro. Se você não quer algo no livro, não me diga, é simples assim.

—Eu gosto disso— eu concordei.

—Mas— disse ela, dando outra reviravolta sensual em suas palavras, —se você sentir a necessidade de ser um pouco mais... aberto com o que você escolher revelar, eu serei toda ouvidos. E Sr. Mills... — Ela se inclinou um pouco para a frente. —Nenhum detalhe está fora dos limites.

Outro sorriso apareceu em seus lábios por alguns breves momentos antes que Penrose pudesse perceber o que estava acontecendo. July também.

—Ótimo— eu disse, mudando meu tom de “negócios casuais” para “negócios formais”. —Apenas garantindo que estamos na mesma página.

—Então é isso? — Penrose perguntou. —Podemos começar?

Era a porra do momento da verdade. Claro, ainda havia a questão de

assinar os contratos e todo esse protocolo. Mas se eu quisesse desistir e não parecer um idiota total, agora era a hora. Pesei os prós e contras novamente o mais rápido que meu cérebro permitia, com os três pares de olhos em mim esperando para ver o que eu tinha a dizer em seguida.

Então eu disse as palavras que tinha dito quando os Lover Boys estavam prestes a deixar Berklee e se tornar parte da banda em tempo integral, as palavras que eu disse quando soube que minha vida de alguma forma mudaria para sempre.

—Foda-se. Vamos fazer isso.

Alívio e felicidade refletiam-se nos rostos dos três como se alguém tivesse acendido a luz.

—Excelente, excelente. — Penrose estendeu a mão para mim novamente. —Você ficará muito feliz por ter decidido trabalhar conosco.

—Está certo— Moira confirmou. —Feliz em todos os sentidos.

Maldição. Essa garota não desiste?

—Bem então! — O homem exclamou. —Não perca mais tempo. Fico muito animado quando um projeto está tão perto de começar.

Ele não estava mentindo, o cara parecia um menino no Natal. Ou em uma loja de doces. Ou em algum tipo de loja de doces estranha com tema de Natal.

—July. Por que você não leva o Sr. Mills ao seu escritório e pede que ele inicie o processo?

—Claro. — Seu tom profissional a deixava ainda mais sexy do que o habitual.

—E Sr. Mills— disse Moira. —Nós estaremos em contato.

Ela me deu um longo olhar antes de levantar e sair da sala, a tensão no ar diminuindo um pouco quando ela saiu.

Penrose foi o próximo, de pé e movendo os dedos sobre os botões de seu terno bem feito.

—Bem, então, eu vou deixar vocês dois cuidarem disso. Este será o seu bebê, afinal.

—Certamente— ela concordou.

—E não há necessidade de dizer a você, July, mas espero que esse bebê em particular seja saudável e realmente cresça. — Ele ergueu as sobrancelhas, deixando claro que estava falando sério sobre o assunto.

Por um momento, vi uma expressão preocupada no rosto de July, algo estranho sobre uma mulher normalmente muito calma.

—Claro— ela respondeu.

Então ele saiu e, como eu queria desde o momento em que entrei no escritório, apenas ela e eu ficamos na sala.

—Vamos... ao meu escritório. Nós podemos trabalhar nos detalhes.

—Agora sou todo seu, e farei o que você me disser— eu pisquei para ela.

—Tão brega— ela disse, com um sorriso quando se levantou, meus olhos foram direto para sua linda bunda.

Eu a segui pelos corredores movimentados, e logo chegamos à porta com o nome dela. Ela abriu e me deixou passar primeiro. Soltei um assobio quando vi o local, o escritório era muito espaçoso e com uma vista espetacular.

—Bem, bem. Eles sabem como cuidar de você aqui.

—Tenho certeza de que seu escritório é igualmente impressionante.

—Não é não. É apenas um ponto quente no centro para quando eu preciso fazer o ocasional cara a cara. Passo a maior parte do tempo no tribunal ou em reuniões com crianças. — Me aproximei de uma mesa muito limpa e me sentei na beirada. —Então, ainda temos que trabalhar nos detalhes.

Seu olhar se moveu sobre mim onde eu estava sentado.

—Bom. Eu ia pedir para você se sentir confortável, mas parece que você não precisa da minha ajuda para isso.

Dei um tapinha na mesa ao meu lado, onde estava sentado.

—Você sabe— acrescentou. —Eu tenho essas cadeiras perfeitamente boas que seriam ainda melhores para isso.

—Eu gosto de manter as coisas informais.

—É sério? — Ela perguntou.

Ela pareceu refletir sobre a ideia por um momento antes de balançar a cabeça e sorrir. Então ela foi até a mesa e sentou ao meu lado. Assim que ela colocou a bunda perfeita em cima da mesa, a única coisa que eu conseguia pensar era em tirar essas roupas de trabalho e, ah, examinar os pontos mais delicados do projeto.

—Tudo certo. Ainda há a questão do contrato, mas tudo está nivelado... posso garantir. E tenho certeza de que você tem um advogado contratado que ficará mais do que feliz em confirmar isso.

—Exatamente isso. Mas há uma coisa que me pergunto. Você sabe, para continuar.

Ela virou a cabeça, os olhos absolutamente iluminados pela luz do sol.

—Sim? Do que se trata?

—Eu me pergunto... até que ponto você e eu vamos trabalhar juntos.

—Você tem alguma preferência? Você poderia ampliar ou...

—Ou?

—Ou... nós poderíamos trabalhar muito, muito de perto. — Ela engoliu em seco depois de suas palavras. —Intimamente, até.

Nenhum dos dois disse nada por um momento, a tensão sexual passou de superficial para intensa em cerca de cinco segundos.

E é claro que nossos lábios foram diretamente um para o outro.

O beijo, como tudo o que tivemos até aquele momento, foi tão fodidamente quente que eu mal consegui suportar. Nossas mãos agarraram os corpos um do outro, pequenos grunhidos e gemidos sexy vindos de July enquanto nos beijávamos cada vez mais. Com um movimento da minha mão, afastei o pouco que havia sobre a mesa, derramando-o no chão, abrindo espaço para deitá-la.

Ela estava lá comigo, minhas mãos se movendo ao longo de suas curvas enquanto eu puxava sua saia para cima, curioso para ver o que ela estava vestindo sob seu exterior profissional.

—Nós realmente vamos fazer isso? — Ela perguntou, removendo seus lábios dos meus, seus olhos arregalados e seu cabelo selvagem. —No escritório?

—Eu acho que eles chamam isso de multitarefa— eu disse com um sorriso.

Ela mordeu o lábio inferior indecisa.

—Tudo certo. Mas temos que ser muito...

E no momento certo, uma batida firme soou da porta.

—Merda! — July assobiou, levantando-se da mesa com uma velocidade que era verdadeiramente impressionante.

Assim que se levantou, ela penteou o cabelo com as mãos e deu uma rápida olhada no espelho na parede. Me sentei em uma das cadeiras antes de cruzar as pernas para esconder a ereção orgulhosa que, novamente, seria insatisfeita.

—Está pronto? — Ela perguntou em um sussurro.

Com um aceno, eu indiquei que estava. Então ela abriu a porta, mostrando na moldura Moira, com seus olhos ardilosos e felinos.

—Olá. Espero não ter interrompido nada...

É claro que seus olhos estavam fixos na única coisa que havíamos esquecido: a bagunça de papéis ao redor da mesa de quando eu os varrera.

—Não! — July disse, tentando muito parecer calma. —Entre! Quero dizer, você já entrou, mas você sabe.

Moira não disse nada, passou por July e se aproximou de mim.

—Acabei de perceber que esqueci de lhe dar minhas informações de contato.

—Está certo— eu disse, pegando meu telefone e abrindo-o. —Você fez isso.

Sem dizer uma palavra, ela pegou o telefone das minhas mãos e, com alguns toques aqui e ali, seguida de uma foto sua que ela salvou como foto de contato, ela o devolveu.

—Aí está. Apenas no caso de você esquecer o meu visual.

July parecia ainda um pouco atordoada quando Moira se virou e saiu da sala, fechando a porta atrás de si.

—Bem, outra tentativa fracassada— respondeu ela.

CAPÍTULO DEZENOVE

July

Naquela noite, a reunião no escritório ainda estava girando em minha mente, eu estava de volta ao que era aparentemente o meu novo hobby favorito: beber vinho e pintar. Desta vez, o vinho era um Pinot Noir muito succulento, da... hum... Toscana?

A verdade é que poderia ter sido um copo de Kool-Aid quente com uma dose de Everclear. Entre Roy, o novo projeto, Moira e tudo mais, uma boa taça de vinho era a coisa mais próxima de umas férias ao sol que eu podia imaginar.

As meninas estavam todas lá, Loisa, Dyana e Ceci, se misturavam com as outras mulheres da nossa idade enquanto esboçávamos em silêncio, o professor andava pela sala, ocasionalmente dizendo “oh, muito bonito” ou “simplesmente adorável”.

Graças a Deus, o modelo era diferente do modelo anterior. Ele era um garanhão de qualquer maneira, com ombros gigantes que pareciam sinos de chaleira e uma grande barba preta, ele até tinha algumas tatuagens naqueles bíceps salientes.

Mas, ao contrário de antes, eu não estava interessada em olhar para esse cara ou descobrir que ele tinha uma namorada depois de fazer isso. Não, tudo em que eu conseguia pensar era em Roy e no que ambos queríamos, mas era incrivelmente impossível de alcançar, dadas as circunstâncias. Apenas quando as coisas estavam indo bem.

Fomos interrompidos tantas vezes até esse ponto que quase parecia que o universo estava fazendo uma espécie de brincadeira estranha para nós dois.

Ou era algo mais? Um sinal de que tudo o que ele e eu queríamos fazer não era uma boa ideia? E se tivéssemos perdido a nossa chance? Fazer sexo

com a estrela do rock nos bastidores e seguir em frente com a minha vida teria sido tão simples quanto parece, e após a ação, manter a memória agradável e fresca para quando eu precisasse me divertir, no estilo Hitachi.

Mas toda vez que tentávamos persegui-lo, as coisas ficavam cada vez mais complicadas. Primeiro os caras da banda, depois a família quase nos surpreendeu, e depois uma das minhas malditas colegas. Inferno, até um oficial estava envolvido.

E assim que os advogados terminassem, Roy e eu estaríamos ligados profissionalmente. Ele e Moira trabalhariam juntos, e eu supervisionaria o projeto inteiro, outra camada de complicações além de todas as outras.

Então, eu sabia que a coisa mais inteligente a fazer era aceitar o barco sexual irrestrito, deixar claro que nosso relacionamento era estritamente profissional e me concentrar no projeto maciço que definiria minha futura carreira.

O problema era que havia algo nele que me impedia de pensar em outra coisa senão ser muito, muito irresponsável.

—Ugh! — Minha reclamação passou pelo silêncio do estúdio, e a atenção de todos se concentrou em mim por um breve momento, até o modelo.

—Algo está errado, July? — Perguntou o professor.

—Não— eu disse, tentando ignorar meu constrangimento. —Apenas, tentando acertar as linhas.

Essa resposta pareceu satisfazer todos os alunos da turma, que logo retornaram ao desenho. Mas eu ainda estava frustrada, minha mente ainda estava concentrada em Roy, na reunião e tudo mais.

No entanto, em pouco tempo, o vinho e a atividade fizeram o seu trabalho. Eu me perdi no processo, uma mão se movendo febrilmente no papel, enquanto a outra trazia a taça de vinho aos meus lábios repetidamente. Quando o professor anunciou o fim da aula, eu já tinha um zumbido que fazia todos os meus problemas parecerem um pouco menos assustadores.

O professor passou pela sala de aula, dando sua aprovação e críticas construtivas aqui e ali. No entanto, quando ele chegou ao meu posto, sua resposta foi um pouco mais... medida.

—Interessante— disse ele, com a cabeça no meu ombro enquanto olhava para a minha criação através de seus grossos óculos de armação vermelha.

—Interessante significa ruim? Me diga de uma vez.

—Não, não. O trabalho é realmente muito bom. Mas sua representação do modelo é... certamente uma interpretação interessante.

Fiquei muito confusa até colocar os olhos na pintura. Claro, eu não tinha desenhado o Sr. Big Ombros. Eu havia desenhado um cara diferente.

E, para ser sincera, não era tão ruim assim. Desenhar não era meu talento, mas eu tinha feito um trabalho bom o suficiente para reconhecer o cara na foto como Roy.

E lá estava eu novamente, voltando à vergonha.

—Alguém se desviou um pouco mentalmente? — Ceci perguntou com um sorriso.

—Oh, Deus— eu assobiei.

Antes que alguém pudesse se divertir mais, peguei a pintura, enrolei e terminei meu vinho. A aula terminou, e momentos depois eu estava saindo na frente com o resto das meninas.

Claro, as três se reuniram ao meu redor.

—Me deixe ver! — Ceci insistiu enquanto pegava o papel enrolado.

—Não! — Eu gritei. —O plano é jogar essa coisa no lixo mais próximo.

—Nem tente fazer isso. — Loisa veio do outro lado para tentar tirar da minha mão.

Eu me afastei, mas Dyana estava ali onde eu havia me afastado. Ela o pegou e desenrolou diante de seus olhos como um pergaminho antigo antes que eu tivesse a chance de gritar uma palavra de protesto.

—Não é muito ruim— ela admitiu enquanto segurava.

As outras duas garotas se reuniram ao redor dela.

—Não é uma piada— acrescentou Loisa. —Você praticou isso?

—Praticou o desenho, é claro— disse Ceci com um sorriso.

—Certo, certo— peguei o desenho e enrolei novamente. —Já tivemos diversão suficiente às minhas custas.

—É lindo! — Dyana respondeu. —Você tem uma pequena paixonite.

—Mais que uma paixonite. Eles são colegas de trabalho agora— disse Loisa.

—Colegas de trabalho— repeti rapidamente, apesar de saber que as coisas eram um pouco mais complicadas do que isso.

Muito mais complicado, na verdade.

—Vamos lá— insistiu Ceci. —É óbvio que você está totalmente apaixonada por esse cara.

Não havia sentido em tentar mentir sobre isso, elas me conheciam perfeitamente. Soltei um suspiro, e as três me olharam como tubarões famintos esperando que alguma isca fosse jogada na água.

—Ok, talvez esteja mesmo— eu admiti. —E no começo eu estava meio empolgada. O cara me pediu um encontro e tudo isso.

—Claro— disse Loisa.

—Mas... — Entrei, contando a elas sobre as muitas tentativas frustradas entre Roy e eu. —Além disso— continuei —agora tenho o livro e a maldita reunião que me preocupam tanto.

—Bem, isso é fácil. Convide-o para um encontro— sugeriu Loisa.

—O que?

—O que você ouviu. Convide-o para sair com você.

—Fala sério? — Eu perguntei novamente.

—Jul— Ceci falou. —Você está apaixonada por ele desde que estávamos no ensino médio. E ele não é um cara qualquer, ele é o maldito Roy Mills.

—Eu sei, e é exatamente isso que me assusta— admiti.

—Bem, resolva esse problema nervoso e leve ele com você para a reunião — insistiu Loisa. —Aposto o que você quiser que ele aceite.

—Ah! — Dyana gritou, e seus olhos se iluminaram. —Você deveria tentar fazer os Lover Boys cantarem nesse dia!

Eu não pude deixar de rir do absurdo disso.

—Duvido seriamente que isso aconteça— esclareci. —Pelo que Roy disse sobre a banda, aquele show foi único.

—Isso foi antes dele concordar em fazer um livro— disse Ceci.

—Você está sugerindo que ele está pensando em aumentar as vendas? — Eu perguntei para ela.

—Eu não sei— ela deu de ombros. —Pode não ser algo de relações públicas, mas mais do que isso, você se sente nostálgico, não quer deixar os bons tempos passarem tão facilmente.

—Talvez. E enquanto isso, aparecer no braço de Roy seria uma ótima maneira de fazer uma entrada triunfal, só estou tentando focar para que este livro não seja um fracasso.

—Você ficará bem— disse Dyana, tão despreocupada como sempre. —O livro será ótimo, você sabe que será. Você precisa gastar menos tempo se preocupando com o trabalho e mais tempo cuidando dos negócios inacabados com ele.

—Isso seria tudo em que eu estaria pensando se fosse você— concordou Loisa.

Elas não estavam erradas sobre isso. Eu estava fazendo o meu melhor para manter minha cabeça ocupada, para manter o foco no trabalho e em

assuntos mais práticos. Mas quando nós quatro fomos para o estacionamento, eu só conseguia pensar em Roy.

E eu sabia que havia apenas uma maneira de tirar isso da minha cabeça.

CAPÍTULO VINTE

Roy

Moira entrou no bar como se fosse um filme clássico. No entanto, não um dos bons com Humphrey Bogart. Não, uma das imitações de um protagonista que você nunca ouviu falar e um roteiro que não foi tão bom.

Mas ela estava tentando, tudo bem, não havia dúvida sobre isso. Seus olhos se fixaram em mim desde o momento em que ela entrou. Ela usava um vestido de cocktail azul escuro e balançava os quadris enquanto caminhava, um pequeno sorriso brincando nos lábios. Ela tinha um MacBook prateado debaixo do braço, a única coisa que sugeria que realmente havia trabalho a ser feito.

Ela era uma sedução desde o começo. Mas não sabia que depois de cinco anos com Lover Boys, eu tinha visto todas as facetas do processo de sedução feminina e que havia construído uma barreira muito grossa contra isso. Eu precisava mais do que uma garota bonita em um vestido apertado que estava quase se jogando em mim.

Eu precisava de alguém diferente.

Alguém como July.

Eu não tive a chance de pensar muito sobre isso. Ela deslizou no assento à minha esquerda. O perfume era um daqueles perfumes doentivamente doces dos anos 80 e se enrolou instantaneamente ao meu redor.

—Boa noite, estrela do rock— ela disse, fixando seus olhos nos meus. —Você parece... pronto para começar.

Menos de dez palavras de conversa e ela já estava flertando.

—Boa noite— respondi, mantendo meu tom breve, mas profissional. —Você está pronta para começar?

—Por quê? — Ela perguntou, seus olhos um pouco abertos. —Você está

com pressa ou algo assim?

Sim, com pressa de fugir de más vibrações. Mas eu não podia dizer isso, é claro. E ela estava lá na questão de fazer o trabalho que eu havia concordado em fazer.

Os olhos de Moira caíram para a mesa na minha frente.

—Não tem bebida?

—Ainda não. Eu não estava de bom humor.

—Bem, me deixe dar a você.

Antes que eu tivesse chance de responder, ela se virou, levantou a mão e chamou a atenção de um dos garçons que passavam.

—Uma marguerita nas pedras para mim— ela pediu. —E diabos, faça duas.

—Eu não quero isso. Um gin e tônico para mim.

O garçom assentiu e saiu.

—Você realmente me considera um homem de marguerita? — Eu perguntei com um sorriso.

—Eu não sei. — Sua atitude de “muito segura” foi levemente afetada. — Parece um tipo de bebida para os foliões. E margueritas são divertidas, algo na tequila faz você querer outra, depois outra, e então... bem, quem sabe?

—E a pergunta número dois. Você me tem como um festeiro?

Com os olhos estreitados e um sorriso brincalhão, ela abriu o computador e o ligou, depois suas feições afiadas se iluminaram com o brilho branco e fino do MacBook. E nesse momento o garçom apareceu com nossas bebidas.

—É isso que eu quero descobrir— respondeu ela, abrindo um programa de texto e voltando sua atenção para mim. —Porque este livro... é tudo sobre você.

—Eu ouvi isso. — Eu dei a ela um pequeno sorriso.

Moira levou a bebida aos lábios enquanto inclinava a cabeça.

—Você não parece muito animado com a ideia.

—Animado não é o que eu diria. É mais como eu...

Não tive chance de terminar.

—É isso que penso sobre isso. Este livro tem tudo para ser um sucesso. Lover Boys foi uma das bandas mais ouvidas do mundo, e cada um de seus fãs vai querer saber como era a vida nos bastidores para você. Será uma loucura total da estrela do rock. As pessoas têm fome de fofocas e você estará lá para servi-las. As drogas, as mulheres, a loucura das loucuras... tudo estará lá.

—Isso é... o que eu tinha medo.

Moira parecia totalmente confusa, como um cachorro quando ouve a voz de seu dono por telefone.

—Você tem medo disso? — Ela perguntou. —Por quê?

—Porque eu não sou mais esse Roy.

Ela se inclinou para frente.

—E quem é você agora, Sr. Mills?

—Um advogado. Alguém que se preocupa profundamente com seus clientes. E eu sou o pai da garota mais bonita e brilhante do mundo. Eu sou alguém que tenta ter uma vida normal depois de viver como um garoto descuidado por tantos anos. E é sobre isso que quero falar no livro.

Ela não parecia nem um pouco impressionada.

—Sim. Sim. Estou pensando que podemos deixar isso para o epílogo, você sabe, uma nota delicada para deixar o leitor de bom gosto. Mas a maior parte desse bebê... — ela acariciou o computador —será a realidade da sua vida, a coisa boa.

Eu sabia que era hora de esclarecer as coisas.

—Você se lembra daquela reunião que tivemos, certo? Em que afirmamos especificamente como tenho controle criativo completo sobre esse projeto?

—E você vai, é claro. Mas é meu trabalho como escritora garantir que as pessoas realmente queiram ler isso, sabe? Deixar as pessoas verem um livro com Roy Mills...

—Terceira pessoa.

—Oi?

—Não gosto de ser comentado na terceira pessoa quando estou presente. Muita coisa acontece, por algum motivo.

Ela olhou para mim com curiosidade antes de continuar.

—Certo. Um livro com você na capa terá certas... expectativas. Eles querem, como eu disse, todos os detalhes sombrios e sensuais. — Ela tomou outro gole. —Eles não vão querer uma história comovente sobre um pai e sua filha. Deus, fico entediada só de pensar nisso.

—Olha, eu não quero ser um problema nisso tudo, mas é o que eu quero focar. Se você não gostar, talvez deva conversar com July e Penrose para designar outra pessoa para o projeto.

Apenas dizer o nome de July foi suficiente para me fazer desejar que eu estivesse falando com ela.

Moira levantou as mãos, como se estivesse concedendo tudo.

—Bem, bem... não vamos enlouquecer por isso. — Ela desviou o olhar por um momento e depois falou. —Que tal agora? Como eu disse, estou aqui para pegar tudo o que você tem para me dizer, montar e torná-lo divertido, legível e interessante.

—Claro— eu disse, querendo ver para onde estava indo com isso.

—E seu trabalho é apenas... falar. Mas preciso de material... e muito. Então, está tudo bem se você me contar alguns dos detalhes mais... escandalosos do seu tempo com os Lover Boys, posso ter certeza de descrevê-los limpos, torná-los um pouco mais familiares.

—Ou apenas deixar de fora por completo.

Ela seguiu em frente.

—Escute— ela insistiu. —Você e eu... somos artistas, certo?

—Verdade.

—E parte de ser artista está em pegar qualquer matéria-prima criativa. — Ela moveu as mãos em forma de garra e pressionou-as na frente dela, como se estivesse moldando uma grande e invisível massa de barro —e fazer algo grande com ela.

—Isso eu sei.

Ela seguiu.

—Pego seu material, dou forma a ele e descarto o que você não quiser. Mas para chegar a qualquer lugar, eu preciso de sua matéria-prima e muito. Então é isso que eu estou pensando: você me dá o melhor, o bom e o ruim. Mesmo que sejam as coisas que você pensou que nunca diria a ninguém. E essa é minha matéria-prima. Eu trabalho com ela e faço disso algo que nós dois ficaremos felizes.

Eu não disse nada, deixando-a continuar. Hesitei sobre a coisa toda, mas entendi o que ela estava dizendo. Ser artista era inspirar e transformar em algo inesperado.

—Agora— continuou ela —vou esboçar o que acho que funciona para o projeto. Mas você tem poder de veto. Se você vê algo desagradável, você o remove e é isso. E juntos continuaremos a fazê-lo até que você esteja feliz. Porque, Roy, se você não estiver feliz, eu não estou feliz.

—Tudo certo. Eu acho que posso trabalhar com isso. Mas preciso da sua palavra, vou lhe contar coisas que nunca disse a ninguém antes e, se algo me escapar e que não me agrada, guarde para si, entendeu? Nada sai sem a minha última palavra, como combinamos. Tenho uma nova vida, uma reputação e

uma filha para me preocupar.

Ela levantou dois dedos, colocando a mão no peito.

—Honra de exploradora— ela disse.

Eu ainda estava apreensivo com a coisa toda. Mas foi o que eu havia concordado. E, como deixei claro, tinha total controle criativo sobre o projeto. Não havia com o que se preocupar.

Moira escreveu algumas anotações rápidas em seu computador antes de pegar o telefone, abrir um programa de gravação de voz e pressionar “play”.

—Agora, Sr. Mills, por que você não fica confortável e me conta sua história de vida?

—Merda, por onde eu começo?

CAPÍTULO VINTE E UM

Roy

Com um sorriso muito satisfeito no rosto, Moira gentilmente fechou o laptop.

—Acho que foi uma primeira sessão muito produtiva— admitiu. —E quanto a você? Como se sente?

—Drenado. Como se tivessem me colocado no corredor.

—Bem— tomou um gole de sua terceira bebida. —Nós passamos por muita coisa. As coisas sobre você e os primeiros shows... isso vai ser mortal, eu posso dizer.

Eu não pude deixar de rir.

—É sério? Você acha que as pessoas gostam de saber que alguns caras estavam usando maquiagem emprestada de suas irmãs andando por Los Angeles e dormindo em uma van?

—Fala sério? — Ela perguntou, emoção em seu rosto. —Você não tem ideia... as pessoas vão comer este livro. É uma história de origens humildes. — Ela desviou o olhar por um segundo, como se estivesse pensando em alguma coisa. —Você sabe como quando vai assistir a um desses filmes da Marvel, e cada personagem tem que ter sua própria história de origem? Isso é o que é isto aqui é.

—Eu não sou exatamente um super-herói. Mas eu entendo o que você quis dizer.

—Por favor. Estrelas do rock e atletas são a coisa mais próxima que temos dos super-heróis do mundo real. Você pode tocar milhões de corações com sua música, isso é um super poder.

Eu ri.

—Certo.

—E você realmente vai me dizer que o efeito que você tem nas mulheres

também não é superpotência? A maioria dos homens mataria para poder derreter uma mulher com apenas um olhar.

—Uma vez eu já concordei com você. Mas quanto mais eu entrava nesse mundo, mais eu percebia o quão superficial...

Ela acenou com as mãos, me cortando.

—Aqui vem você novamente com a “história com moral”.

—Bem, essa “história com moral” é o homem que sou agora— me apressei a acrescentar.

—Te entendo. De verdade que sim. Mas não vamos esquecer de manter essa coisa leve e divertida, ok? — Ela estendeu a mão e apertou o botão “parar” na tela do telefone antes de drenar a última bebida da marguerita. — Dessa forma, o trabalho está feito por esta noite. E eu não sei você, mas seria bom para mim relaxar um pouco.

O brilho em seus olhos deixou muito claro que tipo de relaxamento ela tinha em mente. Mas eu não estava interessado.

—Há um ótimo bar na rua— disse ela, se inclinando para mim. — Digamos que um pouco mais... íntimo.

—Obrigado. Mas eu tenho uma garota esperando por mim.

Ela assentiu antes de pegar o telefone da mesa e colocá-lo na bolsa.

—Eu entendo, então vamos deixar assim por hoje. Na mesma hora depois de amanhã?

—Muito bem.

Ela pegou o laptop da mesa e o colocou debaixo do braço.

—Até lá— ela respondeu. Ela se preparou para sair, mas parou no meio do caminho, como se algo tivesse lhe ocorrido. —E só para você saber, Roy. Trabalharemos muito, muito de perto nas próximas semanas. Não se surpreenda se eu começar a gostar de você.

Com uma piscadela, ela saiu antes que eu tivesse a chance de dizer qualquer coisa, deixando seu perfume repugnantemente doce pairando no ar.

Senti um zumbido no bolso assim que ela se foi. Meu primeiro sorriso real e genuíno da noite apareceu no meu rosto quando vi que era um texto de July.

“Como está indo o trabalho preliminar?” Ela perguntou.

Eu pensei em contar a ela. Mas apenas por um segundo ou dois.

“Foi exatamente o que eu esperava” escrevi.

Terminei minha bebida enquanto esperava pela resposta. O recebimento de uma mensagem de July deixou muito claro para mim o quanto eu desejava

ter passado a noite com ela, talvez até voltando ao que havíamos interrompido repetidamente.

“Acho que posso imaginar o que isso significa;)” ela respondeu.

Eu sorri. Algumas ideias de respostas diferentes surgiram na minha cabeça, procurando uma maneira de deixá-la saber o que eu realmente queria.

Então eu disse isso.

“O que você vai fazer amanhã à noite?”

A resposta foi quase instantânea.

“Não há planos. Pelo menos, não há planos que você não zombaria de mim.”

“Oh vamos. Um cara legal como eu tirando sarro de uma mulher como você?”

“Inocente, claro;). Por que você perguntou?”

Meus dedos vacilaram nas teclas. Eu ainda não conseguia superar o quão estranho era me sentir... nervoso por uma garota.

“Porque eu quero ver você de novo.”

Outra resposta instantânea.

“Sim, isso parece divertido.”

Não esperei para responder.

“Combinado então.”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

July

No dia seguinte...

Eu não tinha ideia do que vestir. Era tudo tão estúpido, mas eu não conseguia me lembrar da última vez que agi dessa maneira, mas lá estava eu, de pé na frente do meu armário, tentando descobrir o que vestir para o meu encontro com Roy.

Pelo menos, era o que eu esperava que fosse.

Nós tínhamos tido uma espécie de encontro na outra noite, mas as coisas estavam tão vagas e no ar, para não mencionar o quão complicada era a relação de trabalho em que estávamos agora. E, é claro, havia o fato de estarmos quase errados em mais de uma ocasião em levar tudo em consideração.

Uma mensagem dele me dizia que ele estava a meia hora de distância.

—Merda! — Eu disse em voz alta.

Cheguei ao meu armário e tirei um par de jeans e uma blusa, combinadas com botas velhas que não usava há anos. Algo casual, perfeito para o estado de espírito totalmente exausto em que eu estava. Quando eu estava pronta para sair, outro texto anunciava que estava me esperando.

Hora de fazer isso ou morrer.

Eu estava tonta e assustada ao mesmo tempo, mas, por mais nervosa que estivesse, também estava adorando. Senti mais emoção e o tipo de medo engraçado no pouco tempo que conheci Roy do que em todo o meu relacionamento com George.

Ele poderia ficar com sua namorada cosplay, eu tinha uma estrela do rock. Bem, na verdade não tinha. Mas eu ia ter um encontro com ele.

Quando eu saí do meu complexo de apartamentos, ele estava esperando

por mim encostado no seu Aston, vestido com jeans preto, tênis branco e uma camisa havaiana de pôr-do-sol vermelho e laranja. Eu nunca pensei que uma camisa havaiana fosse ter uma aparência sexy, mas lá estava ele, fazendo acontecer, seus olhos escondidos atrás dos Wayfarers pretos. Um leve sorriso de menino mau curvou seus lábios quando me aproximei.

Céus, estava ótimo. Eu odiava admitir, mas ele estava. Não havia por que negar. Era Roy Mills - ele não precisava saber que eu estava pensando nele na terceira pessoa - e ele era todo meu.

Algo assim.

—Minha nossa! — Ele disse enquanto olhava para mim.

Ou, pelo menos, foi o que eu pensei... é difícil dizer com óculos de sol.

—O que aconteceu? — Eu perguntei para ele.

—Nada, é só que... você está ótima.

Eu parei na frente dele, totalmente encantada.

—Um charlatão da velha escola— provoquei com um sorriso. —Não há sentido em ter vergonha disso.

Ele não respondeu nada, mas abriu a porta do carro para mim. Assim que entrei, só conseguia pensar no que havíamos feito antes. Ou, o que quase fizemos. Claro, nós não tínhamos fodido, mas apenas pensar nos beijos e preliminares foi suficiente para fazer minha virilha esquentar como o inferno.

—Tudo bem— disse ele, quando chegou ao volante. —Está pronta?

—Pronta para o que, exatamente? — Eu perguntei, ansiosa para ver o que ele havia planejado para a noite.

—Você não é das que espera surpresas, não é?

—Vamos dizer que não sou fácil de surpreender— eu sorri.

Fiquei feliz por estar com ele.

—Você está com fome?

—Sempre estou.

—Apenas o que eu queria ouvir. Estou pensando em ir ao Apple Pan, pedir hambúrgueres e sobremesas, e então... bem, você terá que esperar pelo resto.

—E se eu não quiser esperar? — Eu perguntei para ele.

—Seja uma boa garota de qualquer maneira.

Ele não me deu a chance de responder antes de ligar o motor e se misturar no trânsito. Passei a viagem em silêncio, absorvendo Los Angeles enquanto passávamos por ela. The Strokes tocava no aparelho de som, me fazer voltar a quando eu estava no colegial e era obcecada pelo homem que estava ao

meu lado nesse momento.

Logo chegamos à Apple Pan, lar do melhor bolo da cidade.

—Você gosta de torta de maçã? — Ele perguntou. —Espero que sim, porque, caso contrário, escolhi o lugar errado que poderia ter escolhido.

—Adoro. — Ao entrar, o cheiro de hambúrguer na grelha e maçãs frescas e canela caíram sobre mim. —Embora eu nunca tenha comido nada que não possa pedir no Seamless.

—Não pode ser— respondeu ele, enquanto a recepcionista nos conduzia à nossa mesa. —Jantares da velha guarda são um dos prazeres mais simples e melhores da vida. Lugares como esse eram meu combustível quando eu estava em turnê com o resto dos caras.

—Música incrível com torta de maçã. Me encanta.

—E hambúrgueres— ele esclareceu, erguendo o dedo.

—Não consigo esquecer os hambúrgueres. Coisa que foi passada para Sophia.

—Não há dúvida acerca disso. Eu acho que um cérebro grande como o seu precisa de todo o combustível que conseguir. E hambúrgueres são a fonte perfeita.

Eu não pude deixar de sorrir. A ideia de ele e sua filhinha colocando um sorriso grande e estúpido no meu rosto foi incrível. Ainda era muito estranho para mim saber que por trás de sua arrogância de estrela do rock havia um amor total por sua filha. Ele me fez entender que havia algo realmente especial nele.

Pedimos nossa comida, meu estômago roncando de fome enquanto conversávamos sobre meu trabalho e o dele, sobre Sophia e tudo mais. Em pouco tempo, tínhamos dois cheeseburgers de bacon e batatas fritas à nossa frente, cada um devorou seu prato e terminamos a refeição com um pouco de torta de maçã.

Céu puro.

—Agora— disse Roy enquanto nos dirigíamos para o carro dele. —Eu estava pensando que poderíamos tirar uma boa soneca de três horas antes do resto da noite. — Ele sorriu, me deixando saber que estava brincando.

—Estou pronta agora. Como se estivesse pronta para qualquer coisa.

—Brilhante. Agora você conhece o poder do hambúrguer.

—O poder do hambúrguer? — Eu ri. —Eu gostei.

—Goste, ame, viva. É o que o levará ao próximo nível.

O motor deu partida e logo partimos.

—E agora o que faremos? — Eu perguntei para ele.

—Estive pensando em quanto do meu passado voltou com esse projeto.

—Sim?

—E para dizer a verdade, fiquei realmente em choque e com nostalgia por tudo isso.

—Eu gosto de como isso soa.

—Então, eu estava pensando que poderíamos passar por alguns dos lugares antigos que eu frequentava, talvez estar lá traga de volta algumas lembranças dignas de um livro.

—Então vamos.

Juntos, nós dois fizemos uma mini turnê pela história do rock de Los Angeles. Primeiro, paramos no The Troubadour em Santa Monica. A equipe ficou encantada em ver Roy, e eles estenderam o tapete vermelho para nós, ou seja, os assentos VIP e todas as bebidas que queríamos consumir, enquanto ouvia algumas músicas do cantor e compositor local que estava no palco.

Depois disso, fomos ao The Roxy, o local de muitos artistas, de Bob Marley a Bruce Springsteen. E, é claro, o lugar onde o Lover Boys gravou “*Te amando*”, amplamente considerado um dos melhores álbuns ao vivo já feitos. E alguém que tinha ouvido mais vezes do que ele podia falar isso.

Depois do The Roxy, visitamos o The Viper Room, um clube com uma história muito mais movimentada, conhecido por ser o local de concertos preferido por alguns dos bandidos mais notórios do jogo de rock. Mötley Crüe, Guns N 'Roses, Poison, todos eles enfeitaram o palco deste lugar em algum momento. A banda no palco naquela noite, que fez questão de dar um grito a Roy quando o viu no meio da multidão, era outra banda de rock, os meninos vestidos de couro e maquiagem, prestando tributo a um tributo.

E eu adorei.

Onde quer que estivéssemos, Roy era tratado como um rei. Os fãs o adoravam, a equipe de cada local fazia todo o possível para nos agradar, e as câmeras ao nosso redor continuavam nos iluminando.

Foi uma loucura, eu não tinha ideia do que fazer com toda a atenção. E, no exato momento em que decidi que estava me sentindo sobrecarregada, Roy parecia capaz de ler minha mente.

—Pronta para sair daqui? — Ele perguntou em meio a comoção.

—Definitivamente.

Ele pegou minha mão, me guiando em direção às luzes da Sunset Strip. A

noite estava cheia de energia, o ar era suave e tudo parecia tão bonito em Los Angeles que eu não conseguia me conter. Minha mão nunca soltou a dele.

—E como foi essa pequena imersão no mundo de uma estrela do rock? — Ele perguntou.

—Loucura total— admiti. —Um pouco intimidante.

—Intimidante? Como é isso?

—Não sei. Eu sempre fui uma nerd. E é estranho pensar em como era minha vida e a sua ao mesmo tempo. Eu estava na faculdade assistindo reprises de Outer Limits, e você estava aqui— aponte para a cena ao nosso redor —vivendo uma vida que a maioria das pessoas só poderia sonhar.

—Fácil de dizer isso. Mas acredite ou não, é na minha vida que você está realmente envolvida. Especialmente agora.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

—Agora, agora? Como em... agora?

—Sim, neste momento. Há algo de especial em você, July. E não apenas o seu nome engraçado.

Eu sorri.

—Ei, poderia ter sido pior, eu quase me casei com um cara com o sobrenome “Salt”.

—Julu Salt— disse ele, testando o nome que quase eu teria. —Você seria sentenciada a uma vida inteira de piadas sobre nomes.

—Não brinca.

Mas então me surpreendi, percebendo que quase derramei todo o conteúdo sobre o meu desastre no casamento. A última coisa que eu precisava era que Roy soubesse que eu era o tipo de garota que merecia ser deixada no altar.

—E seja qual for o seu passado, foi algo especial. Porque ele fez de você a pessoa que você é agora, uma garota pela qual sou absolutamente louco.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Roy era louco por mim? Parte de mim queria me convencer de que não era verdade, de forma alguma.

Mas eu também era louca por ele. E ele deve ter visto nos meus olhos, porque ele não disse mais nada. Em vez disso, ele parou, passou o braço em volta da minha cintura e me puxou para mais perto. E então, ali mesmo na Sunset Strip, ele me beijou como eu nunca tinha sido beijada antes.

As luzes da cidade desapareceram para mim, até que apenas ele e eu ficamos ali. Nós nos beijamos longa e profundamente, seu gosto era tão incrível e intoxicante como sempre. Quando ele finalmente se afastou, ele

disse exatamente a única coisa que poderia me tirar do transe em que eu estava.

—Acho que precisamos sair daqui.

—Sim. Sim, claro que sim.

—Vamos lá— ele pegou minha mão e me levou de volta para o carro.

—Para onde? — Eu perguntei para ele.

—Para a melhor vista da cidade.

Eu não disse outra palavra. Mas eu sabia que o que ele tinha em mente seria uma aventura.

E Roy era um homem que parecia estar cheio delas.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

July

Fomos para o norte e, quando finalmente pegamos a estrada, percebi para onde estávamos indo.

—O observatório? — Eu perguntei, sabendo a resposta e mais do que um pouco animada com isso.

Ele me deu um rápido sorriso, e era exatamente o que eu precisava ver.

—Não é exatamente um lugar privado.

—Não se você souber o lugar certo.

Logo chegamos, estacionamos o carro e partimos, a enorme cúpula do observatório pairando acima de nós.

—Vamos lá— ele pegou minha mão.

Por mais empolgada que eu estivesse para chegar aonde íamos, onde quer que eu fosse, uma parte de mim estava feliz por ter a minha mão na dele, Roy estava me guiando e a emoção do que estava por vir fez meu sangue fluir através de mim com emoção total e implacável. Eu não conseguia me lembrar da última vez que me senti assim.

Em pouco tempo, chegamos a uma pequena clareira entre as árvores, que parecia estar escondida do resto dos visitantes.

De lá, tínhamos uma visão completa de Los Angeles, uma ampla cena de luzes que se estendiam até o infinito se o oceano não estivesse lá para impedir. A lua pairava sobre nós como uma moeda de prata, e a grama estava fria em minhas mãos enquanto nós dois nos sentávamos lado a lado.

—Uau— eu disse, apreciando a vista. —Isto é bonito.

—Um lugar secreto. Somente para quem sabe.

—Como o grande Roy, quero dizer, como você.

Ele riu.

—Escute, há muitas coisas que quero lhe contar. Tipo, como eu sou louco por você, como você é incrivelmente bonita, o quanto eu gosto de passar um tempo com você...

—Mas, sinto que vem um mas?

—Mas há algo que eu prefiro fazer.

Eu sabia exatamente para onde queria ir.

—Estou de acordo contigo. Além disso, há muito tempo para as outras coisas depois.

Ele sorriu e eu combinei meu sorriso com um sorriso dele. Mas não havia mais nada a dizer. Apenas algo para fazer.

Não perdemos tempo. Assim que os sorrisos desapareceram, estávamos em cima um do outro, nos beijando como loucos e tirando nossas roupas. Roy puxou para fora a minha blusa, revelando meu sutiã de renda azul e logo tirou a camisa havaiana, os músculos que eu sonhava inúmeras vezes estavam ali livres para o toque.

Depois que as camisas saíram, vieram as calças, e logo encontrei seu pênis, ereto contra sua cueca apertada, sua mão deslizou lentamente sobre mim até chegar à minha vagina e roçá-la através da calcinha, seu toque era como uma espécie de choque elétrico mas de puro prazer, tão bom que eu queria gritar.

Mas fiquei razoavelmente quieta, a última coisa que precisava era anunciar nossa presença a todos os turistas no local. Enquanto esfregava minha calcinha, me inclinei e puxei seu pênis, envolvendo meus dedos em seu comprimento quente e duro e acariciando-o lentamente. Era grosso, rígido e já estava vazando com antecipação.

Eu o beijei ao longo de seu pescoço, por cima de sua barba áspera, parando em sua orelha.

—Há quanto tempo você está querendo isso? — Eu perguntei sensualmente em seu ouvido.

—Desde o momento em que te vi— ele respondeu sem perder o ritmo. — E você?

—O mesmo. Exceto...

—Exceto que? Me conte.

—Hum, um pouco de diferença de tempo desde que eu te vi pela primeira vez.

Ele riu.

—Eu acho que você está certa sobre isso. Nós dois estamos na frequência

certa agora.

Nós dois nos beijamos novamente e, finalmente, decidimos tirar nossas roupas de baixo. Sem pensar, olhei em volta enquanto Roy deslizava minha calcinha pelas minhas coxas.

—O que aconteceu? — Ele perguntou.

—Nada. Acho que estou apenas procurando policiais ou colegas de banda...

—Ou membros da minha família ou colegas de trabalho. Não, desta vez somos apenas nós dois. Exatamente como eu quero.

Não havia mais palavras. Estávamos sozinhos e agora era a hora de começar a trabalhar. Depois que tirei sua cueca, passei minha mão em torno de seu membro grosso novamente e comecei a acariciá-lo, e pequenos gemidos sexy soaram em sua garganta.

Roy fez o mesmo, deslizando alguns dedos na minha vagina tão molhada, entrando em mim repetidas vezes enquanto o prazer corria por todo o meu corpo. Eu descansei minha cabeça em seu ombro redondo, deixando-o fazer sua mágica.

Deus, o homem era mágico, ele sabia como tocar uma mulher, como me fazer sentir tão bem que eu mal podia suportar. Mas eu queria mais do que isso. Finalmente, agarrei-o pelo pulso e o guiei para fora de mim, pronta para substituir seus dedos por algo mais... substancial.

—Chega do ato de acariciar, estou pronta para mais.

—Uau— ele me mostrou um sorriso. —Mas quer saber, acho que você é bonita o suficiente para se safar desse comentário.

Uma risada escapou dos meus lábios.

—É bom saber.

Roy colocou a mão no meu quadril nu quando eu montei nele.

—Me deixe pegar um...

—Está bem. Eu tenho um anel contraceptivo e...

Então pensei nisso: ele era uma estrela do rock, e uma estrela do rock significava “toneladas de sexo casual”. Claro, eu tinha a impressão de que não era tão louco quanto seus colegas de banda, mas ainda assim.

—E... não se preocupe comigo. Tudo o que fiz no passado, fui cuidadoso.

—Sinto muito. Meu pensamento era tão óbvio?

Ele devolveu um sorriso caloroso.

—Sim, mas se você quiser ter certeza, eu posso conseguir uma camisinha.

—Não, não, não. Está bem.

Estava determinada. Continuei meu movimento, subindo em cima dele enquanto ele se sentava apoiado naqueles grossos braços cheios de tatuagens. Seu cabelo estava tão despenteado e de alguma forma o fazia parecer irresistível.

Com seu pênis na minha mão e apontando para cima, me sentei lentamente em cima dele, esticando meu centro com a glândula e levando todos os seus muitos centímetros sem esforço para dentro da minha cavidade molhada.

E foi aí que finalmente, depois de toda essa confusão louca, tive Roy Mills dentro de mim. Parte de mim queria fazer uma pequena dança da vitória, mas a parte sensata queria ir direto ao ponto. Ele levou a mão ao meu quadril quando eu comecei a me mover, sentindo seu pênis sólido empurrar cada vez mais fundo em mim.

Continuamos assim, meus seios saltando enquanto eu o montava cada vez mais forte, sua boca segurando meus mamilos e os sugando de uma maneira que enviou uma corrente para minha espinha. Logo o ar estava cheio de gemidos, grunhidos e pequenos gritos, o último vinha de mim, devo admitir.

Não demorou muito para que um orgasmo estivesse prestes a ocorrer. E quando eu estava prestes a terminar com força, Roy enfiou a mão grande na parte de trás da minha cabeça e me aproximou de seu rosto, seus brilhantes olhos escuros de chocolate fixos nos meus.

—July— ele rosnou, sua voz pesada de prazer.

Algo sobre como pronunciar meu nome me fez chegar ao clímax. Olhando nos olhos dele, eu me deixei ir, como nunca havia feito antes. E quando eu estava no meio do meu orgasmo, Roy gemeu quando gozou em mim, pressionando sua carga quente dentro de mim.

E então tudo acabou. Nós dois deitamos juntos, minha cabeça em seu ombro e seu braço em volta de mim enquanto recuperávamos o fôlego.

Eu suspeitava disso antes, mas quando me sentei com ele, não tive dúvidas. Roy não era apenas uma paixão, era outra coisa. E no momento em que comecei a me perguntar se ele se sentia da mesma maneira, ele falou.

—Acho que há algo mais profundo entre nós, linda.

Eu não pude deixar de sorrir.

—Eu acho que você está certo, bonito.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

July

Uma semana depois...

Toda vez que uma mensagem de Roy aparecia no meu telefone eu podia ver a palavra “bebê” como o nome dele, eu sentia como se estivesse vivendo um sonho louco.

Ok, entendi... talvez tenhamos sido rápidos em nos referirmos assim. Fazia apenas uma semana desde que tínhamos terminado as coisas, mas que semana intensa tivemos. Passamos quase todo momento livre de trabalho juntos. Às vezes saímos para a cidade, às vezes saímos com Sophia e até com a mãe dele, e outras vezes... bem, fizemos o que os novos casais fazem.

Eu não poderia estar mais feliz. Quando senti o burburinho do texto mais recente, parte de mim queria adiar a leitura para saboreá-lo mais tarde.

Ah, que inferno!

Tirei meu telefone do bolso de trás e li o texto; a corrida típica do escritório à tarde era um rugido ao meu redor.

“Sexta à noite, linda. Espero que você esteja livre” ele escreveu

Eu respondi.

“Você sabe que eu estarei. Por que você tem algo em mente?”

Eu nunca me considerei o tipo de garota que se deixa levar por um homem. Mas agora que estava acontecendo... eu meio que adorei.

Roy era diferente, no entanto. Todo dia com ele era uma espécie de aventura, ver um lado da cidade que eu nunca tinha visto antes, ou ir com ele e Sophia a um dos muitos museus que eu sempre quis visitar, mas que nunca ousara ir.

Ainda assim, a última semana foi mais do que incrível. E eu estava mais do que pronta para ver o que nos esperava na semana seguinte. E então na

próxima semana, e na próxima...

—Ontem, almocei com o próprio homem.

Uma voz familiar me tirou dos meus pensamentos. Eu olhei para cima e vi que era Moira, com as mãos nos quadris e uma expressão que parecia muito, muito satisfeita consigo mesma.

—Oi? Com quem? — Eu perguntei para ela.

Ela inclinou a cabeça para o lado, as sobrancelhas levantadas.

—Com Roy, obviamente.

Oh, sim. Suas reuniões para o livro eram uma das poucas razões pelas quais ele e eu não passamos exatamente todos os momentos livres juntos. Felizmente, o processo de entrevista não deveria levar mais do que algumas reuniões. Então, era apenas uma questão de Moira escrever a coisa, Roy dar seu selo de aprovação e, então, esperançosamente, eu aceitaria minha nova e brilhante posição executiva.

Mas, por enquanto, eu tinha que jogar bem com talento.

—É verdade? — Eu perguntei, colocando meu telefone no bolso e tomando minha xícara de café por perto.

—Definitivamente— disse ela, com um pequeno ronronar na voz. —E além do mais, acho que há algo entre nós que não está relacionado ao trabalho.

A coisinha entre Roy e eu, ou o que você quiser chamar, era um segredo. A última coisa que eu precisava era de um escândalo. Ainda assim, foi divertido ver Moira agir como se Roy fosse louco por ela. Se ela soubesse o que ele estava fazendo comigo depois das reuniões.

—É sério? — Eu perguntei para ela.

—Realmente. — Seu tom era totalmente certo. —E você não pode culpar o cara. Quer dizer, olhe pra mim.

Ela deu uma guinada e, embora pelo tom dela eu pudesse dizer que ela estava brincando, ela também estava falando sério ao mesmo tempo, a garota realmente pensava que era irresistível, e o fazia desde que éramos meninas.

Embora não desta vez. Dessa vez fui eu quem finalmente pegou o cara. Eu nunca fui de me gabar, mas vamos lá! Roy Mills!

—Maldição. — Eu fingir jogar o seu jogo, tentando suprimir um sorriso. —Bem, boa sorte

—É preciso mais do que sorte— ela respondeu com um último sorriso. — Até mais, July.

Ela saiu da sala e eu fiquei lá, tentando conter minha risada. Quando

finalmente estava pronta, tirei meu telefone do bolso e escrevi uma mensagem.

“Sinto muito. Acabei de ter uma reunião improvisada com Moira.”

Ele me respondeu enquanto despejava um pouco de creme orgânico no meu café.

“Oh Deus, você se importaria de pedir que ela diminuísse um pouco sua intensidade com tudo?”

“O que? A sexualidade crua é quase demais para você?”

Me inclinei contra o balcão na sala de descanso, olhando os três pontos na minha tela.

“Por favor. Quando quero sexualidade crua, há apenas uma garota em minha mente.”

Ele estava sendo intencionalmente brega, como sempre, mas ainda me fazia corar e sentir cócegas no meu centro. Eu escrevi de volta, sentindo o melhor em mim.

“Eu percebi que você só tinha uma garota em mente ontem à noite. “

“O que, você quer dizer quando estava agachada na minha frente com meu pênis na sua garganta?”

Uau. Direto e totalmente quente.

Dois poderiam jogar neste jogo, no entanto.

“Pensei mais em quando você comeu minha vagina como se sua vida dependesse disso.”

Sua resposta veio imediatamente.

“Não posso evitar. Quando uma vagina tem um gosto tão bom quanto o seu, ficaria louco se não a comesse até que a mandíbula estivesse dormente.”

Eu nunca tinha usado sexting antes, mas Deus, algo sobre Roy acordou essa parte ousada de mim.

“Eu poderia dizer o mesmo de você, Sr. Honey Cum” eu pressionei - enviar- sem pensar, percebendo depois do quão bobo isso soou.

Ei, eu era nova nisso.

Felizmente, ele jogou junto.

“Isso explicaria por que você bebeu até a última gota;)”

Ok, oficialmente eu precisava sair e cuidar de certas coisas com ele. Como se estivesse lendo minha mente, ele me enviou outro texto.

“Estou um pouco entediado no trabalho, você deve me mostrar o que está vestindo sob essas roupas.”

Bem, como eu estava planejando fugir para liberar alguma tensão sexual,

também poderia enviar um pouco de estímulo visual mais cedo, certo? Afinal, multitarefa é uma habilidade essencial para qualquer executivo iniciante.

Eu fui ao meu banheiro privado. Uma vez pronta, eu rolei a saia lápis sobre minhas coxas, revelando meu conjunto de calcinha preta.

Eu nunca tirei uma foto sexy de mim mesma antes. Mas como se costuma dizer, sempre há uma primeira vez para tudo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Roy

A foto era tão erótica que eu não pude deixar de me levantar. E com isso não quero dizer que me levantei, quero dizer que alguém, no andar de baixo, acordou. A foto era super amadora, o que eu amei. Ela estava em um banheiro surpreendentemente bonito, com a saia enrolada e as grossas e belas coxas expostas ao máximo. Ela estava olhando para longe de uma maneira ridiculamente adorável, com um sorriso “estou realmente fazendo isso?” no seu lindo rosto.

Levei a mão à boca e, é claro, estava literalmente babando. Repugnante? Certo! Mas a garota tinha esse efeito em mim. E saber que ela era tão gentil em me deixar entrar naquelas pernas celestiais foi o suficiente para querer me ajoelhar e agradecer ao bom senhor acima.

Comecei a pensar em como eu cuidaria do meu pequeno problema. Eu estava no trabalho, é claro, mas a porta do escritório estava trancada e eu não teria clientes pelos próximos trinta minutos. Controlar meu desejo sexual violento normalmente não era um problema. Mas cara, tudo que eu precisava era de uma imagem de suas pernas para me fazer sentir como um homem das cavernas.

De repente, veio uma mensagem July.

“O que está fazendo agora mesmo?”

Isso pode ser divertido.

“Apenas olhando a foto que você enviou. Está me inspirando a fazer alguma coisa.”

“O que, você está planejando escrever uma música sobre isso :)?”

“Talvez, mas estou pensando mais em um pouco de improvisação aqui no meu escritório, você me entende?”

Alguns minutos se passaram e depois outra imagem veio.

Isso foi ainda mais escandaloso. Era uma foto dela encostada no elegante balcão branco do banheiro. Sua blusa estava aberta e o sutiã baixo o suficiente para revelar seus seios perfeitos com os mamilos rosados que os coroavam. E a mão livre dela estava entre as pernas.

Eu recebi imediatamente um vídeo.

Mais ansioso do que nunca, eu apertei “Play”. Claro, ele ganhou vida, me dando um clipe de cinco segundos dela esfregando seu clitóris, acompanhando com gemidos suaves e agradáveis.

Era exatamente o que eu precisava.

Corri para a porta do meu escritório e virei a fechadura para verificar se estava trancada corretamente. Feito isso, caí na minha confortável cadeira, com a imagem ainda na tela.

“Você gosta do que vê?” Foi seu próximo texto.

“Ohhhh sim.”

“Um bom incentivo merece uma resposta, você sabe;)”

A garota estava certa. Normalmente, fotos de pênis não eram a minha coisa. Talvez fosse o heterossexual em mim, mas havia algo neles que era tão... não fotogênico. Eles não seduzem como um par de peitos lindos como os de July ou o que ela deu a entender entre as pernas.

Mas, por outro lado, a vibração que senti naquele momento era muito particular, então fiz.

Desabotoei minha calça, abaixei minha cueca e tirei meu grande amigo. Com ele na mão, peguei meu telefone e o inclinei para a foto perfeita, uma que a fazia parecer tão bonita quanto a maldita coisa poderia ser.

Mas quando eu estava prestes a disparar, houve uma batida na porta da frente do meu escritório.

Merda!

Eu arrumei minha ereção e quase deixei o telefone cair no processo. A porta do escritório se fechou, depois ouvi as vozes de crianças, de muitas crianças.

O cliente estava lá. Merda!

Havia apenas eu no meu escritório... não havia sentido em ter uma secretária. E Smith, meu contato no Centro Infantil, me conhecia o suficiente para sentir confortável em aparecer sem aviso prévio quando tínhamos uma reunião.

Foi exatamente o que ele fez. E ele trouxe convidados.

Depois de correr para o espelho e ficar com uma aparência decente, perfurei minha coxa rapidamente para recuperar meu pênis de volta ao normal. Me apressei a abrir a porta e, assim que o fiz, meia dúzia de crianças, com idades entre seis ou sete anos, correram para o lugar, pululando ao meu redor.

—Olá, amigos! — Eu os cumprimentei, um sorriso radiante no meu rosto quando os vi todos lá.

—Olá, Roy! — Todos eles responderam em uníssono.

Jack, um garoto adorável com quem eu trabalhava nas últimas semanas, estava muito quieto, então eu brinquei com ele e baguncei seu cabelo.

—O que foi, amigo? — Perguntei a ele.

—Nada— ele respondeu timidamente agora que era o centro das atenções. —O Sr. Smith disse que nos levaria ao In-N-Out depois que o víssemos.

—Ah. O velho suborno de hambúrguer— eu ri.

—Não! — Exclamou Olivia, uma garotinha de cabelos escuros que estava sem um dente da frente. —Queríamos vir vê-lo!

Smith, magro e alto, com cerca de 25 anos, entrou no local e observou o grupo com um sorriso caloroso.

—Venha comer hambúrgueres conosco, Roy! — Justin, um dos outros garotos, gritou.

Gritos de sim! emergiu de todo mundo quando voltei minha atenção para Smith.

—Acho que isso significa que tenho que ir.

—Eu ia convidá-lo de qualquer maneira— ele admitiu ao se aproximar do Keurig. —Talvez possamos incluir Sophia no caminho?

Mais gritos de excitação vieram das crianças, todos a conheciam e, como qualquer um que o conhecesse, eles a amavam.

—Você está de brincadeira? Se ela descobrir que fomos buscar hambúrgueres sem ela, nunca ouvirei o final disso.

—Entende? Estou apenas cuidando de você, grandalhão.

As crianças conversavam, brincando com o que eu tinha no escritório quando Smith se aproximou de mim, duas xícaras de café na mão.

—Você sabe alguma coisa sobre o advogado contratado? — Ele perguntou.

—Claro que sim. — Aceitei o copo que ele me ofereceu. —Tudo parece bem. Se este livro vender metade do que a editora pensa que venderá, essas

crianças não se preocuparão com a faculdade.

—Ótimo ouvir isso.

Meu telefone tocou novamente, outra mensagem de July, está dizia:

“E meu pedido?”

Merda!

Eu escrevi um último texto.

“Ocupado agora, linda. Falaremos logo.”

Guardei meu telefone e fui para Smith.

—Vamos conversar sobre isso enquanto saboreamos os hambúrgueres.

Parece bom, pessoal?

Os meninos explodiram de emoção. Uma vez reunidos, partimos. No entanto, a situação pendente com July ainda estava em minha mente.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

July

Outra semana depois...

Roy e eu estávamos namorando, pelo menos eu tinha certeza disso. Duas semanas é suficiente para chamar alguém de seu namorado, certo?

—Totalmente— Loisa disse enquanto nos sentávamos frente a frente no Cha Cha Lounge, um de nossos lugares habituais em Silver Lake. —Duas semanas é mais que suficiente.

Eu pensei em voz alta e agora estava pagando o preço. Todas as meninas se envolveram com sua opinião sobre a situação. Verdade seja dita, no entanto, fiquei feliz por alguns comentários.

—Você tem certeza? — Eu perguntei para ela. —Porque parece... não sei, de repente.

—Você sabe quantos namorados de duas semanas eu já tive? — Dyana perguntou, seu rosto ainda cheio de triângulos cor-de-rosa de seu cosplay D.Va Overwatch de uma convenção nerd ou de outra. —Quero dizer, sério... se eu não pudesse contar os caras com quem eu namorei apenas algumas semanas como namorados, então... minha vida de encontros ficaria muito mais triste do que isso.

—Sinto que não tenho ideia do que estou fazendo— admiti. —Quando George e eu nos juntamos, nós realmente não tínhamos um compromisso nem nada. Apenas ele me dizendo que gostava e nós meio que... simplesmente nos apaixonamos. E foi isso.

—Você não precisa chamar ele de nada ainda— disse Ceci. —Não que você esteja com pressa. Então, qual é o sentido de colocar um rótulo nele? Apenas siga as vibrações, sabe?

—Você está errada sobre isso— disse Loisa. —A menina está com

pressa.

—O que? — Ceci perguntou. —Por quê?

—Por conta da reunião— esclareceu Dyana.

—Ugh— eu reclamei.

—Alguém realmente quer ir a essa reunião— brincou Loisa com um sorriso.

—É como uma coisa aparecendo para estragar o meu dia.

—Você sabe que tem uma escolha de não ir, certo? — Dyana perguntou.

—De jeito nenhum— interrompeu Ceci, antes que eu tivesse chance de falar. —Não há como ela ficar fora disso.

—É, tem razão. Se eu não aparecer, vou me sentir uma covarde, como se não suportasse mostrar meu rosto depois do que George fez. Como se ele tivesse arrancado o melhor de mim. Ir a essa coisa vai me fazer sentir como se eu finalmente seguisse em frente.

—Continue voltando ao passado— respondeu Loisa, sorrindo. —Parece um novo método. Mas eu entendo isso.

—E o Roy? — Dyana perguntou. —Você contou a ele sobre a reunião?

—Não. E ele não saberá. O pobre rapaz já tem o suficiente em sua vida para lidar com o meu drama do ensino médio.

Como se estivesse ouvindo a conversa, recebi uma ligação dele.

—Olá! Você está em Silver Lake?

—Claro que sim.

—Uma pergunta ainda mais específica: você está no Cha Cha Lounge agora?

—Uau, você é um perseguidor agora. Que lindo.

—Um dos meus muitos talentos. Você quer ter companhia?

Meu coração começou a bater com o pensamento.

—Claro, sempre. Mas estamos em uma espécie de noite de garotas. Você pode participar, mas pode estar em menor número.

—Isso não será um problema. Te vejo em um minuto.

—Perfeito.

A ligação terminou e falei com as meninas.

—Então, um convidado vem até nós. Espero que não seja um problema.

Os olhares em seus rostos deixaram claro que não era esse o caso. Mas antes que elas tivessem a chance de reagir, as portas do Cha Cha Lounge se abriram e Roy entrou.

Mas ele não estava sozinho. Estava com a banda inteira de Lover Boys,

Will, Theo e Sean.

—Merda! — Ceci exclamou. —Essa é toda a banda!

Os meninos nos olharam com Roy andando na frente quando se aproximaram da mesa e sentaram em alguns lugares livres. Roy sentou-se ao meu lado, naturalmente, e me deu um grande beijo na bochecha. Tudo aconteceu tão rápido que eu não sabia o que fazer.

—Boa noite, linda— ele sussurrou em meu ouvido, depois olhou para a mesa de mulheres surpresas.

Mas ele não parecia preocupado. Sem dúvida, ver mulheres sem palavras era algo a que ele estava acostumado.

—Boa noite, lindo. Contento por te ver aqui.

—Estávamos na área— disse Sean. —Ensaiaando um pouco.

—Ensaiaando? — Eu perguntei para ele. —*Lover Boys* ensaiaando?

—Falaremos sobre isso mais tarde— disse Roy, surpreendentemente tímido.

As apresentações foram feitas no seguinte momento. Eu apresentei as meninas para os meninos e Roy os meninos para as meninas. E uma vez que a surpresa desapareceu, os seis caíram em uma conversa fácil. E não apenas uma conversa fácil, mas uma conversa de paquera. Eu estava testemunhando alguns romances fluorescentes?

Parecia assim, até Loisa, com mais alguns copos, soltar a bomba.

—Então— voltando sua atenção para Roy. —Se vocês estão ensaiaando, também podem fazer outro show.

—Estamos pensando nisso— esclareceu Will, parecendo tão estatuário quanto em seus pôsteres de filmes. —Por quê?

—Sim— perguntou Roy. —Por quê?

Olhei para Loisa, dizendo claramente que ela tinha que parar agora.

Mas ela continuou.

—Porque July tem o lugar perfeito, em sua reunião no colegial.

Eu queria gritar. Eu sabia que Loisa estava apenas se divertindo, mas ainda não era o que eu queria.

—Deus! — Eu me levantei em frustração. —Eu preciso de um pouco de ar.

—July! — Roy me chamou quando eu fui embora.

Segundos depois eu estava do lado de fora, o ar estava fresco e bastante agradável, na verdade. E, é claro, eu só tive alguns breves momentos antes de ele estar lá comigo.

—Então isso. Uma reunião, hein?

—Sim, uma reunião estúpida de reencontro— eu reclamei. —Depois de quinze anos.

—Depois de tanto tempo? É um pouco raro.

—É uma longa história.

O silêncio caiu.

—E... você quer que eu e os meninos cantemos lá?

Eu soltei um suspiro. É claro que eu queria que eles aparecessem naquele dia e, é claro, eu precisava perguntar a ele em algum momento. Eu imaginei mais, você sabe, delicadeza. E, além disso, ainda havia a questão que eu não queria pedir um favor.

Mas lá estava, ao ar livre. E era melhor acabar com esse assunto.

—Sim. Eu adoraria. Mas eu sei que é tão... pequeno para você. Os Lover Boys estão acostumados a tocar em estádios e salas de concertos, e não em reuniões do ensino médio.

Uma expressão pensativa se formou no rosto de Roy.

—E eu acho que se você quer que eu cante, significa que você quer que eu vá com você.

—Essa é a outra coisa.

—Bem, você sabe que eu vou.

—O que exatamente? — Eu perguntei, um pouco surpreso.

—Ambas as coisas.

Minhas sobrancelhas quase encontram a linha do meu cabelo.

—Fala sério? Você vai se juntar a mim? E você vai cantar?

—Certo! É totalmente óbvio que eu irei com você. E sobre a apresentação... bem, depois do show que fizemos, os caras e eu percebemos o quanto nos divertimos. Não estou dizendo que realmente vamos nos reunir, mas pensamos que alguns shows aqui e ali poderiam ser ótimos. Uma reunião do colégio parece um tanto discreta. Eu tenho que perguntar aos meninos, mas tenho certeza que eles vão concordar.

—Uau. Tão simples?

—Assim tão fácil. Mas com uma condição.

—Sim?

—Chega de segredos. Eu quero saber tudo sobre você, não importa o quão bobo você pensa que pode ser, ok?

Tudo o que eu pude fazer foi sorrir.

—Acordo feito— suspirei, percebendo o que estava deixando de lado. —

Tem mais— eu admiti.

—Sim?

Essa foi a parte difícil.

—Você sabe que eu mencionei que eu era quase casada?

—Certo.

—Foi um pouco mais do que isso.

—O que quer dizer?

—Não foi algo tão pequeno quanto cancelar um noivado. Foi muito, muito pior.

Não havia sentido em contornar o mato. Com um suspiro de preparação, contei a Roy toda a história, sobre George, o casamento, ficção científica, cosplay e a garota de dezoito anos que fez o que fez e, quando terminei, senti que queria desmaiar e beber várias taças de vinho ao mesmo tempo.

Mas Roy só tinha três palavras para mim.

—Isso é maravilhoso.

Me surpreendeu.

—Maravilhoso?

—Quero dizer, não “ótimo” no sentido de que é uma coisa boa. Mas no sentido de que não há julgamento em mim. O que? Você achou que eu iria me afastar por algo assim?

—Talvez. Não queria lhe mostrar toda essa bagagem dramática.

—Fala sério? No que me diz respeito, se alguém deixa a noiva no dia do casamento, ele receberá o título de idiota. Tudo depende dele. E quanto ao dramático? Você parecia tão... eu não sei, estar no controle da situação. Se uma mulher tivesse feito isso comigo, eu ficaria arrasado.

—No controle? — Eu perguntei, surpresa ao ouvir.

—Sim. Você teve toda a sua vida de cabeça para baixo, e olhe para você... você ainda está no topo do seu jogo, dando o melhor no seu trabalho. Você é impressionante.

—Mas essa é a questão, nem sempre é assim. Às vezes minha vida pode ser... bagunçada. E se você não quiser se envolver com tudo isso, eu entendo. Quero dizer, e se eu ainda não me recuperei? E se eu sou uma bomba-relógio por mais drama, você sabe?

Eu estava praticamente dando a ele motivos para fugir, mas me senti bem em esclarecer tudo. Claro, eu sempre acreditei na minha capacidade de lidar com essas merdas e sair mais forte do que nunca, mas e se ele não quisesse lidar com isso? E se ele quisesse algo mais fácil? Era a coisa mais justa que

ele soubesse onde estava se metendo. Eu tinha que dar a ele essa opção. E se ele quisesse acabar com o que tínhamos, a decisão era dele.

Mas não acabou. Em vez disso, ele pegou minha mão.

—Você não é uma bomba-relógio. Você é uma mulher que sabe como lidar com o que a vida joga em você. De qualquer forma, isso me deixa ainda mais certo do que quer que essa coisa seja entre nós acabe bem.

Tudo o que eu pude fazer foi sorrir.

—E mais do que isso— continuou ele, —eu já te conheço o suficiente para saber que tipo de mulher você é, que tipo de classe você é.

—Então... isso é tudo?

—Isso é tudo. Tudo o que temos a fazer agora é nos preparar para essa reunião, certo?

—De acordo! — Eu concordei com um grande sorriso estúpido.

CAPÍTULO VINTE E SETE

July

Duas semanas depois...

Quarta à noite era oficialmente a noite de hambúrguer. Ok, quase todas as noites era noite de hambúrguer na casa de Roy. Às vezes eles eram do In-N-Out, às vezes eram caseiros, às vezes eram bons e antiquados do McDonald's. Mas mesmo que fosse apenas carne entre um pão, nós a devoramos.

Espere, isso soa um pouco nojento. Nós gostamos de hambúrgueres... ponto final.

Naquela noite, pedimos delivery da Apple Pan. Tivemos uma espécie de comemoração de aniversário de um mês daquela noite incrível que Roy e eu tivemos juntos. Mary e Sophia não precisavam conhecer todos os detalhes, obviamente, mas entenderam que era uma noite especial.

—Tudo bem— disse Roy, juntando as mãos enquanto nos sentávamos em volta da mesa. —Quem quer o dobro de bacon?

—Eu! — Sophia exclamou, levantando a mão.

—Você tem certeza disso, garota? — Eu perguntei, pegando a embalagem quando Roy me entregou. —Bacon duplo? Tudo para você?

—Eu sou mais do que capaz de lidar com isso— respondeu a garotinha com um sorriso ansioso enquanto passava para ela.

—A menina não tem fundo naquele estômago— brincou Roy.

—E você parece orgulhoso disso— acrescentei. —Eu posso dizer apenas pelo seu tom.

—Claro que sim. Que pai não ficaria impressionado com uma filha que pode comer seu peso em carne?

—Eu ainda acho que devemos fazê-la aprender um pouco de restrição à mesa— Mary entrou na conversa, mergulhando algumas batatas fritas em

uma pequena poça de ketchup. —Nenhum garoto vai querer namorar uma garota que come mais que ele.

—Eu não penso o mesmo— respondeu Roy. —Ver essa garota comer seu hambúrguer seguido de um bolo em um de nossos encontros... foi adorável.

—É sério? — Eu perguntei para ele. —Impressionado com uma garota que pode comer?

—Claro que sim. E embora o namoro de Sophia seja a última coisa em que eu quero pensar, qualquer cara que lidar com ela terá que lidar com seu enorme apetite.

—E meu amor por hambúrgueres— acrescentou ela, abrindo sua boca surpreendentemente grande e mordendo um pedaço enorme do hambúrguer.

Eu ri, pronta para dar uma mordida no meu.

—Ei, July? — Sophia me perguntou uma vez que ela engoliu seu primeiro pedaço. —Você acha que poderíamos ir para os poços de piche amanhã? Eles estão fazendo uma exposição muito legal sobre mamutes lanudos.

Meus olhos se arregalaram e eu rapidamente compartilhei um olhar com Mary e Roy, que sorriram. Sophia e eu nos demos bem desde o começo, é claro, mas ela nunca me pediu algo assim. Um dia de garotas de verdade.

Isso era ótimo.

—Certo. Se seu pai estiver bem com isso. Talvez nós comamos algo enquanto estivermos fora.

—Perfeito— ela disse, voltando sua atenção para o hambúrguer.

As últimas semanas foram ótimas, não havia outra maneira de dizer isso. Roy e eu tínhamos nos aproximado a cada dia, e ele até seguiu em frente com sua mãe protetora. E esse novo desenvolvimento com Sophia era outra coisa.

Eu sabia que era pouco tempo, e era louco pensar nisso, mas eu estava começando a ver que éramos algo quase como uma família pequena.

A vibração do meu telefone no bolso me tirou do devaneio feliz. Mas eu ignorei, voltando minha atenção para minha comida.

Mas então zumbiu novamente. Então teve o estranho duplo zumbido de várias mensagens de texto chegando de uma só vez.

—Eu preciso verificar uma coisa— eu disse, tirando meu telefone do bolso.

Havia mensagens de texto, muitas, muitas mensagens de texto. Uma de Penrose, uma de cada uma das meninas, uma de Moira. Roy certamente viu meu rosto preocupado, porque se inclinou ao meu lado para ver do que se

tratava.

—Maldi... — ele rosnou. —Quero dizer, isso não pode estar acontecendo.

—O que está acontecendo? — Mary perguntou, seu tom já preocupado.
—Algo errado?

Chequei os textos, totalmente surpresa e incapaz de acreditar no que estava lendo. E, aparentemente, Roy se sentia da mesma maneira.

—Você está de brincadeira? — Ele perguntou. —Você está de brincadeira?

—Roy! — Mary insistiu, agora ainda mais preocupada.

—É o livro— ele respondeu. —Já saiu.

—Dois meses antes do previsto— esclareci. —Alguém vazou!

E havia mais. O texto de Penrose não era nada agradável, exceto pelas palavras “Para o meu escritório. Agora.”

Para começar, ele nunca foi dos que escrevem mensagens de texto. Uma mensagem dele teve o mesmo efeito em mim do que ouvir meu pai me chamar pelo meu nome completo.

O telefone de Roy também tocou e ele verificou.

—É Moira. Ela está no escritório. Ela diz que quer falar comigo. Boa coisa... eu preciso falar com ela também.

—Então vamos lá— eu disse.

—Mãe. Você se importaria de dar uma olhada...

—Claro, claro— disse Mary. —Vocês dois fazem o que precisam fazer.

Ela se aproximou e beijou suas duas damas.

—Tudo certo. Vamos lá.

Nós dois estávamos lá fora. Cinco minutos depois estávamos no seu Aston e vinte minutos depois estávamos no escritório. O lugar estava surpreendentemente movimentado para tão tarde da noite. Todos os olhos que nos fixaram ao entrar deixaram claro que a equipe já havia descoberto o que estava acontecendo.

—Vou encontrar Moira— disse ele. —Faça o que você tem que fazer com Penrose.

—É entendido.

Compartilhamos um último olhar persistente, quase indeciso, antes de nos separarmos. Quando cheguei às portas do escritório de Penrose, respirei fundo e chamei.

Silêncio. Seguido por um severo “Vá em frente”.

Depois de aumentar minha coragem, abri a porta e entrei. Ele estava lá,

seu charme normalmente leve e arejado foi substituído por aço puro. Marcus também estava lá, olhando para mim como um falcão e sem dizer nada.

—Sente-se— ele apontou.

Eu fiz.

—Direto ao ponto. Você pode me dizer como diabos isso aconteceu? — Ele demandou.

—Não sei! — Eu exclamei nervosamente. —Tudo o que consigo pensar é que Moira o carregou na nuvem ou algo assim, e um hacker o pegou. Você sabe que havia rumores de quão louco esse livro seria.

—E Moira? — Marcus perguntou. —E se essa garota vazou, talvez?

—Por que fazer isso? — Eu perguntei para ele. —Ela está sob contrato.

—Ela ficaria ferrada se fizesse isso— Penrose esclareceu, e voltou sua atenção para mim. —É muito simples, descubra o que aconteceu e controle a situação. Faz parte do seu trabalho.

—Eu vou encontrar Moira agora.

—Tudo certo. E me mantenha informado. Seu trabalho está pendurado por um fio.

—Sim, Sr. Penrose, eu irei.

Saí correndo e fui ao escritório de Moira. Eu tinha algumas palavras para ela, e elas não eram boas. Todo o meu discurso estava pronto, quando peguei a maçaneta da porta do escritório e a abri.

Mas eu não estava pronta para o que vi. Eles estavam se beijando. Não podia acreditar.

—July— disse Roy, puxando Moira para longe dele. —Não é... não é o que parece.

Mas ela estava muito feliz, com um sorriso largo no rosto.

—É exatamente o que parece— esclareceu.

Algo dentro de mim quebrou, e tudo que eu conseguia pensar era escapar o mais rápido possível. Corri pelos corredores do escritório, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

—July! — Roy gritou.

Mas eu nem queria olhar para ele. Felizmente, momentos depois, eu estava sozinha no elevador e descendo.

No espaço de uma hora, minha vida passou de perfeita para se tornar um desastre novamente. Meu trabalho, meu homem, ambos perdidos.

Pela primeira vez desde que me lembro, me senti perdida.

Eu não tinha ideia do que fazer.

CAPÍTULO VINTE E OITO

July

Dois dias depois...

Meu apartamento estava um desastre total, mais do que normalmente era. A pilha de recipientes de comida era maior que o normal e, na forma de um clichê deprimido, havia dois recipientes vazios de sorvete entre eles.

Duas coisas estavam girando na minha cabeça repetidamente: a ordem de Penrose para acabar com o problema do livro, e que meu trabalho dependia disso e, é claro, entrar no escritório exatamente quando Moira e Roy estavam prestes a iniciar uma sessão de beijos.

Parte de mim desejava tê-lo enfrentado ali mesmo, transbordando minha raiva nele. Isso poderia não ter resolvido a situação, mas certamente me faria sentir muito melhor.

Mas entre tantas coisas, eu não aguentava. Até meu trabalho estava em risco, Penrose ainda estava no processo de controle de danos do vazamento do livro e minha cabeça estava na guilhotina. Todo o estresse que eu estava segurando foi liberado, e tudo que eu conseguia pensar era desaparecer.

A pior parte, no entanto, a parte que realmente me fez ficar na frente do espelho, me olhar nos olhos e dizer “realmente?” era que eu continuava pensando nele. E não apenas no sentido de fantasiar sobre torcer o pescoço ou jogar uma bebida no rosto, ou de alguma forma fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Mas sim, no sentido em que eu realmente sentia falta dele.

Claro, ele me fez mal da maneira exata que se espera de uma estrela do rock: grandes palavras, grandes promessas, grandes esperanças, mas no final ele não conseguiu evitar. Mas isso não significava que não havia partes boas do que tínhamos.

Principalmente, fiquei pensando em hambúrgueres. Parece loucura, claro,

mas me escute. Fiquei pensando em nós dois comendo juntos, como me sentia totalmente bem em soltar meu cabelo e enlouquecer com um hambúrguer grande e suculento com queijo e bacon, e terminar tudo com um pouco de bolo. Não era apenas a comida, era que eu me sentia confortável perto dele, que não havia razão para manter minha guarda e que eu podia ser apenas eu mesma. Ele tirou isso de mim, e eu sei que fiz isso com ele também.

E então havia ele e Sophia, e como estar ao redor deles por dois segundos foi suficiente para perceber o quão louco ele era pela garota, e o quanto o mundo significava para ele. E como se isso não bastasse, ele havia dedicado sua vida a garantir que ainda mais crianças como ela tivessem um futuro brilhante, independentemente do tipo de contexto de origem.

Então... havia o sexo. Deus, tinha sido outra coisa. A maneira como ele me fez sentir, não era como nada que eu tivesse visto antes, e eu sabia que era o tipo de sexo que só pode ser alcançado se sentir confortável com alguém, sabendo que você poderia desistir e estar em boas mãos, literal e figurativamente.

Claro, havia uma boa chance de que Moira fosse apenas a ponta do iceberg. Se eles tinham sido ousados o suficiente para fazer isso no escritório, não havia chance de não terem aproveitado ao máximo suas entrevistas. Mas mesmo que o que Roy e eu tínhamos tenha sido uma mentira, parecia muito real na época.

O reality show na televisão era um drama total, meus olhos vagavam pelas imagens que eu mal prestava atenção. Apenas a vibração do meu telefone do outro lado da minha pequena combinação sala/cozinha chamou minha atenção.

Eu odiava admitir, mas esperava que fosse Roy. Eu não tinha ideia do que ele diria, ou que desculpa ele daria, mas foi o primeiro lugar que minha mente foi. O telefone continuou tocando, e eu percebi que não era uma mensagem de texto, mas uma ligação. O nome e a foto de Loisa apareceram na tela, então eu atendi.

—O que aconteceu? — Eu perguntei para ela.

—O que aconteceu com você é o que mais me preocupa, não tenho notícias suas até agora.

—É de propósito. Não sinto vontade de enfrentar o mundo.

—Bem, então é uma pena.

Eu estava confusa.

—O que? ¿Por que?

—Porque todas as suas garotas estão aqui, viemos tirá-la de sua caverna.

—Você não pode estar falando sério.

—Tão a sério quanto você puder. E nós trouxemos comida. Então venha e nos deixe entrar, a menos que você não nos ame mais e ainda queira nos deixar aqui esperando.

Eu queria discutir, mas com Loisa sabia que não faria nenhum bem.

—Ok, bem. Mas não serei arrastada para lugar nenhum.

—Claro, claro.

Com isso, desliguei e dei a elas acesso ao prédio. Claro, dois minutos depois, as meninas invadiram a porta, com sacos de comida nas mãos que eu reconheci imediatamente.

—Me diga que não é da Apple Pan— eu disse enquanto elas se sentavam e preparavam a comida.

—Por que você tem algum problema com hambúrgueres? — Ceci perguntou.

Era tudo o que eu não podia suportar. Eu caí no assento mais próximo e soltei todas as lágrimas que eu estava segurando, em um soluço choroso e arrogante.

—Ah, Jul! — Dyana sentou-se ao lado da minha cadeira e colocou o braço em volta de mim. —Eu nunca vi uma garota tão chateada com hambúrgueres!

—Não é... não são apenas os hambúrgueres— soluzei, lutando para me recompor. —É o Roy.

—O que se passa com ele? — Perguntou Loisa.

—Nosso primeiro encontro de verdade. — Minha voz era fraca e patética. —Foi... — Então eu gesticulei fracamente para as sacolas da Apple Pan.

Todas as meninas fizeram “ohhh” ao mesmo tempo, e eu voltei às minhas lágrimas. Fiquei confortada nessa segunda sessão de choro e, quando finalmente me senti pronta para falar, passei para a minha próxima preocupação.

—E a reunião— eu disse, um pouco mais calma agora. —Não há como eu ir.

—Os Lover Boys ainda estão no jogo— esclareceu Ceci. —Reservado e tudo.

—E, além disso, pareço um fracasso total. Tudo o que qualquer um pode pensar quando me vê está no livro que vazou, meu nome estava em todo o

projeto.

—Você não pode deixar isso te decepcionar— Ceci me encorajou.

—É fácil para você dizer.

—Por que você simplesmente não pula isso? — Perguntou Loisa.

Eu levantei minha cabeça.

—Pular isso?

—Sim, não vá. Afinal, é apenas uma reunião estúpida do ensino médio.

Eu não podia acreditar que nem tinha considerado a ideia. Eu via como se a reunião fosse uma obrigação inquebrável.

Loisa continuou, dizendo o que eu tanto queria ouvir.

—Para o inferno com isso tudo. Foda-se Roy e foda-se George e foda-se Moira, foda-se toda essa merda estúpida. Você é melhor que isso, e qualquer minuto que você gasta ficando para baixo é um desperdício.

—Então o que fazemos? — Ceci perguntou.

—Las Vegas. — Os olhos de Loisa brilharam de emoção. —Uma viagem. Não sei o que faremos, mas com certeza seria melhor que a reunião.

Deus, parecia bom. Esquecer de tudo e me divertir um pouco.

—Mas— respondeu Dyana, —isso seria apenas deixá-los vencer.

Droga. Ela estava certa. Não mostrar meu rosto naquela reunião deixaria claro que todos haviam tirado o melhor de mim.

—Bom— disse Ceci. —Você decidiu ir a essa coisa por um motivo.

—Eu nem me lembro dessa razão agora.

—Ser uma vadia que não dá a mínima— Dyana esclareceu com um sorriso.

—Para mostrar que você não tem medo de nada— disse Ceci com mais decência. —Não é um ex-noivo idiota, não é uma garota de cosplay adolescente e agora, muito menos um roqueiro imbecil que não dá a mínima para o seu coração.

—Você não precisa ter medo desses idiotas— acrescentou Dyana. — Porque você é mais forte que eles.

Loisa deu de ombros, sugerindo que elas tinham um bom argumento. E com elas ao meu lado, me senti... um pouco melhor. As meninas estavam fazendo sua mágica.

—E você vai provar isso— continuou Dyana. —Agora mesmo.

—Oi? — Eu perguntei para ela.

As meninas se entreolharam com expressões intrigantes, como se todas pensassem o mesmo.

—Você sabe o que eles dizem que engolir seus sentimentos é uma coisa ruim? — Perguntou Loisa. —Nesse caso, será saudável.

Ceci deu um passo à frente e pegou um dos hambúrgueres, desembrulhando e entregando para mim.

—Dê uma mordida— disse Loisa. —Mastigue e cuspa como quiser com esses idiotas.

—Mas não os cuspa de verdade— Ceci acrescentou rapidamente. —Isso seria nojento.

O hambúrguer gorduroso estava bem na minha frente, e eu estaria mentindo se dissesse que não parecia muito bom. Agarrei-o e o segurei na frente da minha boca.

—Ok— eu concordei, me sentindo muito motivada. —Estou pronta.

Respirei fundo e depois mordi. Estava uma delícia. Tinha gosto de “chutar o traseiro”. Se isso fosse um sabor.

Depois de terminar a refeição, as meninas me ajudaram a limpar a bagunça no meu apartamento. Juntas, pegamos alguns sacos de lixo e começamos a limpar tudo. Quando terminamos, nós quatro pegamos nossos telefones e fizemos algumas compras online, escolhendo algumas roupas bonitas que deixariam as pessoas na reunião com as mandíbulas no chão.

Se eu ia fazer isso, eu faria muito bem.

E eu estava pronta.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Roy

Eu gritei o último, siiiiim! de O Foguete do Amor, um de nossos menores hits, e assim que o fiz, senti como se estivesse desmoronando por dentro. Não era exatamente o clima de uma estrela do rock.

Os meninos e eu estávamos no estúdio do meu apartamento, um imenso espaço à prova de som, onde gravamos alguns dos nossos maiores sucessos. Naquela época, a sala me fazia sentir mais do que animado, tudo o que tínhamos que fazer era pegar nossos instrumentos e nos deixar ir.

Mas naquele momento eu me senti quase preso. A única coisa que eu conseguia pensar era no show, sabendo que July me odiava e que todo mundo que conhecia meu nome agora pensava que eu era algum tipo de pervertido enlouquecido.

—Isso não parecia bom— reclamou Theo enquanto jogava a paleta no ar como uma moeda.

—Sim— disse Will, virando uma baqueta na mão. —Não foi exatamente como explodir o telhado do lugar.

Não havia sentido em esconder... estava terminado. Eu me arrastei para o lugar mais próximo para me sentar e caí sobre ele, balançando a cabeça.

—Não sei o que há de errado com ele— disse Sophia, que estava assistindo a coisa toda no estande do produtor. —Eu pensei que ele estava bem.

—Você sabe, amigo— disse Sean. —Você sempre pode... falar com ela sobre isso. Dizer a ela o que aconteceu.

—Exato. Às vezes, essas situações precisam apenas de uma conversa real para resolver tudo— acrescentou Will.

—Eu tentei. Quando aconteceu. Mas ela saiu antes que eu tivesse a

chance de dizer mais do que algumas palavras. Não é exatamente um bom presságio de que ela queira conversar um pouco sobre a coisa toda.

Theo olhou para mim com ceticismo.

—Você tentou, eu não sei, ligar para ela e contar o que está acontecendo?

—Claro que sim. Mas ela me bloqueou ou está ignorando minhas mensagens e chamadas.

—E nas suas redes sociais? — Will perguntou.

—Também não está lá. Não há nada, apenas uma conta privada no Instagram.

—Mas você sabe onde ela trabalha— Will insistiu. —Basta ir lá e explicar o que aconteceu.

—E conseguir uma ordem de restrição no processo— respondeu Sean.

Eu balancei a cabeça e estiquei o polegar para Sean, indicando o meu acordo.

—Além disso— eu acrescentei. —Moirra me disse que todo esse vazamento era culpa de July. Por que diabos eu iria querer fazer as pazes com uma mulher que fez isso comigo? — Eu balancei minha cabeça. —Não, está feito. Foi ótimo no momento, mas é isso. Ela me ferrou, pensa que sou mentiroso, e é isso. Não faz sentido piorar as coisas.

—Eu não gosto dessa vibração, amigo— admitiu Theo. —Você não está pensando em cancelar o show, está?

—Eu penso nisso a cada segundo.

—E por que diabos você não cancela? — Will perguntou. —Afinal, você estava fazendo isso por ela, certo? Agora, esse não é mais o caso.

—É verdade— disse Sean. —Eu tenho recebido telefonemas de lugares por toda a cidade pedindo a banda, se fazer um show é o que você quer, então eu posso agendá-lo em uma hora.

Os meninos deram sua aprovação. Mas havia uma pessoa na sala que claramente discordava. E ela era a única pessoa cuja opinião importava mais para mim do que qualquer outra pessoa.

Sophia, estava de braços cruzados e com uma cara séria.

—Papai. Você não pode deixar essa mentirosa tirar o melhor de você.

—O que quer dizer? — Perguntei a ela.

—Você desiste assim e Moirra vence. Ela mentiu diretamente sobre você, certo?

—Mentir é mesmo o que ela fez, garota— disse Theo. —Eu li cinco páginas desse rascunho e sabia que era tudo besteira.

—Eu poderia estar meio que... chateado por muito tempo nessas turnês— acrescentou Sean. —Mas ainda posso dizer que tudo foi inventado.

—Eu sei que você está do meu lado. Mas ainda é uma questão de convencer todos os outros.

—Faça Moira confessar— exigiu Sophia. —Aposto que seria fácil apenas fingir gostar dela e gravar uma conversa e bam!

Os meninos pareciam impressionados com a menina. E diabos, eu meio que estava também.

—Não, querida. Algo me diz que esse tipo de plano não seria tão fácil de executar quanto nos filmes. Com a minha sorte, eu esqueceria de gravar ou algo assim.

—Mas você tem que fazer alguma coisa, pai. — Ela se sentou ao meu lado, me apertando. —E esta reunião é a única oportunidade que você terá.

—Cancelar o programa seria admitir que eu errei, sabendo que não deveria estar mostrando meu rosto em público depois do que aconteceu.

—Você estaria fazendo a coisa do gato assustado— Sophia disse. —E esse não é o pai que eu conheço.

Apesar do pequeno discurso que ela estava me dando, havia algo nas palavras da minha filha que me fez prestar atenção.

—Esse não é o pai que eu conheço— ela repetiu. —O que eu conheço não tem medo de cantar com seu coração diante de cem mil pessoas. O pai que conheço coloca seu coração e alma em ajudar os filhos, porque ele quer tornar o mundo um pouco melhor. É aquele que não desiste quando as coisas ficam difíceis.

Eu tinha que admitir que fiquei emocionado. E, a julgar pela aparência dos outros meninos, eles sentiram o mesmo.

Foda-se. O show tem que continuar.

Não havia mais nada a fazer. Fui até a minha pequena para lhe dar um grande abraço antes de pular da cadeira, pegar o microfone e sentir que estava pronto para aceitar o desafio desde o início.

—Ok, pessoal. Desde o princípio. E não vamos parar até conseguirmos estar perfeitos.

Estávamos mais prontos do que nunca.

CAPÍTULO TRINTA

July

Quando entrei no enorme ginásio onde a reunião estava acontecendo, parte de mim tinha certeza de que estava com problemas. O local parecia ótimo, o antigo ginásio foi organizado no estilo Synthwave dos anos 80, com toneladas de néon roxos, vermelhos e ritmos pulsantes enchendo o ar. As meninas estavam lá comigo, é claro, todas nós com penteados no estilo dos anos 80 e vestidos de baile justos. No palco, os técnicos do Lover Boys estavam preparando a equipe, três caras atarracados de jeans preto e camiseta preta consertando os amplificadores e instrumentos.

Foi mais divertido do que eu esperava estar vestindo aquelas roupas totalmente bregas e desatualizadas. Até me convenci de que a noite inteira seria refrescante. Um bom tempo, até.

Mas isso foi antes de eu colocar os olhos em George.

Era ele, tudo bem, eu podia ver pelo seu físico curto e atarracado e pelos cabelos escuros. Ele sempre teve o que parecia um rosto de bebê para mim, e quando ele olhou para mim, sua expressão era de choque. E, é claro, sua namorada, que nem tinha idade suficiente para beber ou o que quer que fosse, estava ao seu lado, vestida com uma roupa reveladora que seria mais adequada para caçar um cara em um bar na boate.

—Merda— eu sussurrei. —Lá está ele.

—Ele parece gordo— disse Ceci. —Mais gorduroso ou algo assim.

—Quanto menos você falar sobre sua garota, melhor— sugeriu Dyana.

Apesar de quão boas as meninas eram, eu me senti mal do estômago. Claro, agora que tudo foi dito e feito, fiquei tão feliz por não ter me casado com George, e não apenas por causa do sobrenome. Não era o cara certo para mim, e eu sabia disso. Mas isso não significava que vê-lo não retornou aquele

sentimento doentio e horrível que senti quando soube que ele havia me deixado no dia do casamento.

—Ah. Merda. Ele está vindo para cá— suspirei.

—Você quer reforços? — Perguntou Loisa.

—Não— eu decidi. —Eu tenho que enfrentar esse cara sozinha.

Assim que eu disse as palavras, as meninas me deixaram e logo George e sua namorada estavam bem na minha frente. Ela era uma garota bonita, considerando tudo. Pequena e peituda, com um rosto encantadoramente simples. Mas ela parecia uma garota, apesar dos peitos gigantes. E a maquiagem dela estava um pouco exagerada.

—Olá— disse George, olhando e soando extremamente patético. —Estou feliz em ver você, querida. Quero dizer, July.

—Sim. Também me alegro em ver você.

Seja a mulher madura que você é July. Sem dedos do meio, sem ataques ou qualquer coisa do tipo. Apenas fique... tranquila.

Um momento de silêncio estranho passou antes que a garota limpasse a garganta.

—Ah! — George reagiu. —Essa é a Enji. Ela e eu somos...

—Noiva e noivo— ela interrompeu brutalmente enquanto estendia a mão para mim. —Há muito tempo. E, por favor, George, você não precisa me apresentar, acho que ela sabe quem eu sou.

Ela estava tentando me torcer, mas a coisa toda era tão do passado que eu quase quis rir.

—Prazer em conhecê-la. Sou July, mas imagino que você também saiba quem eu sou. Embora eu não goste muito do Instagram.

Outro golpe de silêncio.

—Ouça, July— disse George. —Eu sei que as coisas ficaram meio estranhas quando...

Maneira engraçada de se familiarizar com o motivo dele ter me deixado no altar, mas eu deixei para lá. George nunca foi tão eloquente. E, enquanto falava, percebi que a atenção de Enji estava direcionada especificamente a um dos técnicos de palco. Ela pareceu perceber que eu estava olhando para ela e devolveu um sorriso.

—Mas, se serve de algo— continuou ele. —Eu estou...

—Muito mais feliz agora— disse Enji, voltando à conversa. —Certo, George?

O homem secou imediatamente sob seu tom. Tudo o que ele tinha em

mente para me dizer se foi.

—Sim— ele respondeu. —Sem ressentimentos, certo?

Não é tarde demais para um tapa na cara?

—Tudo certo.

—Bonita reunião— respondeu Enji. —Agora, se você nos der licença...

Com isso, ela pegou George pelo braço e o afastou da conversa, um olhar patético de desculpas ainda em seu rosto.

Mas, na verdade, foi mais divertido do que qualquer coisa. Ver George ir embora com uma adolescente dominante foi quase tão divertido que fez a coisa toda parecer um pouco ridícula. Eu não podia acreditar, mas na verdade me senti um pouco... bem. Claro, levaria tempo para deixar as feridas cicatrizarem, mas foi um bom começo.

A diversão morreu quase instantaneamente quando eu coloquei os olhos em Moira. Surpreendentemente, ela parecia um pouco assustada em me ver, como se eu estivesse lá para arrancar sua cabeça.

Talvez fosse isso mesmo.

No entanto, não queria esperar que a conversa chegasse por conta própria. Não, eu fui direto para ela, pronta para bater nessa garota onde dói mais.

—Moira— eu disse uma vez que havia me aproximado.

—July— ela respondeu de volta.

Agora que estava próxima e pessoalmente, notei outra coisa: havia um pouco de influência nela, como se ela tivesse aparecido mais cedo e tivesse tido uma vantagem no bar aberto. Na mão havia um coquetel com uma pitada de limão.

—Desculpe pelo livro— eu disse. —Deve ser péssimo que seu trabalho seja publicado dessa maneira. Aposto que você teve problemas com a Penrose por causa disso.

—Eu não estou muito preocupada com isso— ela admitiu. —Afinal, eu fui vítima de um hacker. Eu mantive meus arquivos trancados, mas como eu deveria saber que algum fã de Lover Boys entraria e vazaria o rascunho errado?

Ela era tão... arrogante com a coisa toda.

—E espero que as coisas estejam bem entre você e Roy. Espero que você tenha conseguido o que queria, como no ensino médio.

Um olhar estranho e quase aterrorizante apareceu em seu rosto antes que ela recuperasse a calma habitual.

—Roy está... bem.

Muito estranho.

—Escuta. Eu sei que deveria rasgar e separar você como você merece. Mas me deixe dizer isso... mais do que qualquer outra coisa, tudo o que sinto por você é tristeza.

As sobrancelhas dela se ergueram.

—É assim que você se sente sobre mim? — Ela perguntou. —Por que diabos alguém como você sentiria pena de alguém como eu? Eu sou a única com o livro que em breve será um best-seller. E você é a única que não conseguiu nem lidar com o projeto.

—Porque você não é feliz, a menos que pegue algo que não é seu. No ensino médio, era a única maneira de se sentir melhor consigo mesma. Naquela época, doía, especialmente quando eu era a vítima. Mas agora, é apenas... triste.

Ela zombou, claramente muito além da embriaguez, na verdade.

Então me lembrei de algo que ela havia dito.

—Espere— eu falei. —E como você tem tanta certeza de que o livro será um sucesso?

—Porque é a única coisa que todos podem falar agora. Claro, era apenas um rascunho, mas o que havia lá era... mm, oh, tão succulento.

—Mas essa informação não deve constar no livro.

—Certo. Mas posso dizer que vou mudar isso antes do lançamento final. Enquanto isso, as coisas falsas ainda estarão na cabeça de todos, e eles ficarão muito curiosos para ver o que mais existe.

—E o custo será a reputação de Roy.

—Por favor— ela bufou, acenando com a mão no ar. —O cara era tão escoteiro, que estaria fazendo um favor a ele.

Ela balançou a cabeça, como se estivesse totalmente impressionada. Ela tinha confiança em si mesma mas não era do tipo bom, mas a que você tem quando pensa que nada pode te tocar.

—Quero dizer— ela acrescentou. —Não consigo deixar de pensar no golpe de brilhantismo em que apimentou esse livro— ela zombou, balançando a cabeça. —Quem diabos quer comprar uma história de moral nos dias de hoje? O que é isso, Dickens?

Eu mantive minha boca fechada, deixando-a continuar.

—Faço parte da equipe criativa e é meu trabalho ser criativa. Então foi o que eu fiz. Transformei um livro que seria concluído na fábrica de celulose em um ano, em algo que as pessoas não poderão deixar de fora. Demônios,

você os verá fazendo um filme dele.

—E apenas vazou— acrescentei.

Ela deu de ombros, um sorriso malicioso nos lábios.

—Olá? Eu não tenho controle sobre essas coisas. Um fã não podia esperar pelo rascunho final, então como isso é culpa minha? — Ela tomou um gole de sua bebida, me dando uma piscadela.

Uma piscadela que tirou qualquer dúvida sobre se um maldito hacker estava por trás disso.

—E sabe de uma coisa? — Ela perguntou. —Vai até ser melhor para Roy.

—Como sabes?

—Ele verá que seus fãs amam o lado do bad boy que tenta fingir que não existe. E ele vai deixar essa merda de caridade, ele será o mesmo de sempre.

Naquele momento, eu sabia o que estava acontecendo. Ela vazou a história. Eu estava quase certa de que, quando disse isso a Roy, fez uma jogada particular, uma que não há como evitar.

Eu não deixaria passar. De jeito nenhum, não com tudo em jogo.

—Você vazou— eu assobieei. —Era você, e agora você acha que vai se safar.

—Do que você está falando? — Ela perguntou com um sorriso.

—Eu te conheço desde o colegial, Moira. E eu sei como você trabalha. Você usa e manipula para obter o que deseja. E se você acha que não haverá consequências...

Eu estava olhando para ela do jeito que sempre quis, no ensino médio. Mas ela ainda estava tão confiante.

—Acho que vamos ver quem ainda estará de pé quando tudo acabar. E quem acabará com o homem do momento.

Ela me lançou outro sorriso travesso quando as luzes do local começaram a diminuir e voltou sua atenção para o palco. Moira estava ferrada. Eu ia garantir que ela conseguisse o que merecia. E ela merecia ser derrotada, uma coisa que eu cuidaria. Eu tinha que falar com Roy. Mas com as luzes acesas, eu sabia que era tarde demais.

—Damas e cavalheiros! — O cerimonialista gritou. —A banda que todos vocês estavam esperando, Lover Boys!

CAPÍTULO TRINTA E UM

Roy

Os meninos estavam me apoiando, e ter Sophia nos bastidores me aplaudindo foi um bom impulso. Mas a verdade era que meu coração não estava cem por cento ali. Adorava a música, adorava ser cantor e adorava quebrar tudo com um microfone, sempre adorei. Mas isso não significava que tudo não parecia tão... vazio.

Nós quatro estávamos vestindo roupas de couro, camisas abertas e maquiagem extravagante. Por fora, eu estava pronto para fazer isso. No entanto, por dentro, era uma história diferente. Eu amava July e ela se foi. Mas bom. O show tinha que continuar.

O mestre de cerimônia disse nossos nomes, e foi isso. Subimos ao palco, a multidão enlouqueceu quando chegamos. Eu coloquei meu rosto de guerra, alimentando a energia da multidão como eu tinha feito nos shows anteriores, quando os Lover Boys estavam juntos, e no fundo eu sabia que estávamos prestes a chegar ao fim.

—Olá, Escola Boa Vista! — Eu gritei, fazendo a multidão enlouquecer novamente.

E então eu a vi. Bem no centro da multidão, era July. E parecia muito bonita. Mais do que isso, ela parecia conflituosa, como se quisesse fazer alguma coisa, mas não soubesse se era uma boa ideia ou não.

Então, antes que eu tivesse a chance de dizer ou fazer qualquer outra coisa, July fez. Ela explodiu na multidão, com um olhar maníaco nos olhos. Era algo que eu já tinha visto antes, mas geralmente o contexto era de uma fã louca tentando pular no palco.

O que ela tinha em mente, eu não tinha ideia.

—Uh, Roy? — Theo perguntou, olhando para mim com uma expressão

cética como se isso fosse algo que eu havia planejado.

—Ouçam! — July gritou enquanto tentava subir ao palco.

A música da casa parou completamente, e todo o lugar ficou em silêncio enquanto ela lutava para subir ao palco. Eu tinha que cobrir ela.

—Golpeia! — Eu me virei para Will, apontando para ele começar.

—Fala sério? — Ele perguntou.

—Faça isso!

Will deu de ombros e depois bateu as baquetas na batida de *Permissão para Amar*. Após alguns segundos da batida do bumbo, a abertura do baixo cresceu no ginásio, acompanhada pelo violão.

July subestimou claramente a quantidade de esforço que o processo iria levar. Pequenos grunhidos e outros sons de luta encheram o ar enquanto ela tentava levantar seu corpo magro acima da borda, que eu mal conseguia ouvir através dos instrumentos.

Qualquer que fosse a rotina de exercícios que ela estava fazendo para se manter em tão boa forma, certamente não estava lhe dando muita força na parte superior do corpo.

—Uh, me deixe ajudá-la.

Fui até ela, me abaixei e a ajudei a levantar. E, embora as circunstâncias fossem estranhas, eu mentiria se dissesse que não me senti muito, muito bem em sentir a mão dela na minha. Mas sacudi a sensação ao ajudá-la a se levantar, me lembrando do que estava acontecendo entre mim e July, e que havia uma possibilidade não desprezível de que ela corresse para o palco para me cortar da melhor maneira possível.

Parecia que ela estava sob sério estresse.

Todos os olhos estavam em nós. Foi uma reviravolta estranha no que aconteceu naquela primeira noite, quando eu a levei ao palco e apertei seu corpo. Por mais estúpido que tenha sido, naquela noite eu estava revivendo-a como um maldito filme na minha cabeça.

Mas July não parecia estar se divertindo como da primeira vez. Não, de qualquer forma, parecia que ela estava prestes a desmaiar.

—O que aconteceu? — Eu perguntei a ela, falando alto o suficiente para ouvi-la com a música, mas não alto o suficiente para o público.

Ela fechou os olhos, respirou e falou.

—Você realmente achou que foi minha ideia?

—Oi?

—O vazamento do rascunho! Você realmente achou que eu foderia você

assim? Você é tão bobo quanto sexy, sabia?

—Tudo bem— eu acenei minha mão na frente do meu rosto. —Me diz o que está acontecendo.

—Eu sei de tudo.

Merda. Por “saber de tudo”, imaginei que, de alguma forma, ela se convencera de que o que havia acontecido entre mim e Moira era verdade. Meu estômago ficou tenso no momento mais do que nunca durante as apresentações no início da banda. Eu sabia que deveria ficar furioso com ela pelo que ela fez, e ela comigo pelo que achava que tinha feito, mas não ousei sentir.

Havia algo nela.

Mas havia coisas mais importantes para lidar no momento. Eu me concentrei, olhando em seus brilhantes olhos verdes.

—O que quer dizer? — Eu perguntei para ela.

Procurei Moira na multidão, mas não vi a garota.

—Isso, eu sei sobre o vazamento.

—Sim. Eu sei o que você pensa que sabe.

—Não. Tudo o que você sabe é mentira. Eu sei quem vazou. Foi a Moira! Eu estava totalmente perplexo, não fazia ideia do que dizer.

—O que, o que? — Eu finalmente gaguejei.

—Moira inventou esses detalhes horríveis e depois vazou o livro para a publicidade. Então ela ficou bêbada e me disse. E...

Agora havia o outro assunto. Ela respirou fundo novamente e continuou.

—Sim, sei que ela mentiu, tenho uma boa sensação ao pensar que a... outra coisa que vi também era mentira. Estou certa sobre isso?

Não hesitei por um segundo antes de falar.

—Exatamente isso— eu admiti. —Ela fez uma jogada e você entrou na hora errada.

Não disse nada. E isso foi bom, porque eu tinha mais a dizer.

—Eu nunca trairia você. De maneira nenhuma. July, desde o momento em que te vi, era como se todas as mulheres do planeta tivessem desaparecido. Por isso levei você ao palco naquela noite, porque não sabia quem você era, mas sabia que você tinha que estar na minha vida. E foi uma das melhores decisões que tomei até agora.

Olhei em volta, a multidão estava nos observando, os caras que ainda estavam tocando estavam nos observando, e diabos, até Sophia e a equipe de produção estavam assistindo de uma das portas que levavam aos bastidores.

Eu tinha estado no palco mais vezes do que eu poderia contar, mas naquele momento eu tinha certeza de que estava dando o desempenho da minha vida.

—E mesmo agora— continuei —quando vi você subir ao palco, pronta para dizer o que tinha em mente, tudo em que eu conseguia pensar era em como você era bonita, que eu não me importava com mais nada, para fazer o que fosse necessário para recuperar você. E agora que você está parada aqui na minha frente, tudo em que consigo pensar é o quanto partiria meu coração te perder de novo.

Tinha que dizer. Era o que eu sentia, e era o que ela precisava ouvir.

—Eu te amo, July. Eu nunca disse isso para uma garota antes, e parte de mim se perguntou se um dia eu faria isso. Mas sim. E se você quiser se livrar do meu amor, a escolha é sua. Mas se você quiser, estarei aqui para você, para te dar meu amor.

E foi isso, não havia mais nada a dizer. Percebi naquele momento o perigo de declarar meu amor, uma vez que eu me manifestei, não havia mais nada que pudesse fazer. Você não poderia fazer alguém te amar, poderia?

O ar no local estava incrivelmente parado. Todo mundo esperando o que July ia dizer em seguida. O olhar em seu rosto me fez perceber que ela havia tomado sua decisão.

—Sim! — Ela gritou alto o suficiente para que todos pudessem ouvir. — Eu também te quero!

July se jogou em meus braços e eu retribuí, pressionando-a contra mim. Todos no lugar começaram a gritar e bater palmas, e Sophia me deu a aprovação dos bastidores.

Era tudo o que eu sempre quis. Eu não podia acreditar que, depois de todos esses anos no palco, meu momento mais precioso não foi uma performance lendária, mas perceber que tinha o amor de uma boa mulher.

—Bom— eu disse. —Espero que você tenha ficado mais confortável no palco.

—Depois disso? Inferno, acho que poderia tomar seu lugar.

Eu mostrei a ela um sorriso antes de olhar para os meninos e acenar para eles. As expressões de alívio estavam refletidas em seus rostos.

—Estão prontos? — Eu perguntei para eles.

—Claro que sim! — Theo gritou.

—Como sempre! — Will disse.

—Definitivamente! — Disse Sean.

As amigas de July estavam na frente e eu chamei elas. Elas estavam lá

quando o refrão começou, e assim que chegou a hora, peguei o microfone e fiz o meu melhor. Gritos de alegria foram ouvidos em todo o ginásio.

Ali, com meu amor ao meu lado sacudindo sua bunda absolutamente perfeita, e com a multidão em um ataque de euforia, eu sabia que estava dando o desempenho da minha vida.

E certamente haveria um bis.

EPILOGUE

July

Dois meses depois...

Eu não conseguia nem descrever em palavras o quão nervosa eu estava. Roy, Sophia e Mary estavam sentados na sala de estar do apartamento, os três em total silêncio.

E concentrados em fazer a mesma coisa: ler.

O livro estava pronto, na maior parte, e agora era o momento da verdade. Claro, Roy tinha conhecimento do trabalho que o escritor estava entregando, nós o contratamos depois que Moira foi demitida. Mas essa era a cópia mais recente dos editores e a que eu havia assinado: A História de Roy Mills. Tudo estava pronto para começar, eu só precisava da última palavra de aprovação.

Parecia meu bebê, curiosamente.

Finalmente, Mary largou sua cópia.

—Eu pulei o capítulo toda vez que via a palavra “groupie”. Pode ser bastante antiquado, mas eu sei o que essa palavra significa.

Roy deixou sua cópia.

—Mãe, estamos falando apenas delas de passagem. As groupies não eram realmente a minha coisa. Eu sou mais do tipo de cara de uma mulher.

Ele me mostrou um sorriso, aquele que me fazia sorrir toda vez que eu via.

—É melhor você ser mesmo— respondi a ele, erguendo uma sobrancelha. Eu não podia esperar mais. Eu tinha que saber!

—Então... — eu finalmente disse. —O que vocês pensam?

Os três ainda estavam em silêncio, e eu me preocupei que eles estavam prestes a me decepcionar suavemente.

—Eu adorei! — Sophia gritou. —Excelente prosa. Muito parecido com

Hunter S. Thompson.

—Quem deixou você ler Hunter S. Thompson? — Roy perguntou.

—A biblioteca pública— ela respondeu com um sorriso.

—Me lembre de nunca deixar você ir lá novamente— acrescentou em tom irônico e brincalhão.

Então ele voltou sua atenção para mim.

—Bebê, você sabe que é bom. A Penrose já o promoveu e as críticas avançadas são ótimas.

—Mas eu quero saber a opinião de vocês. São as que realmente quero ouvir.

Roy se aproximou de mim. Ele colocou as mãos nos meus quadris e me deu um meio sorriso encantador.

—Oh, Deus! Eu exclamei. —Você vai me decepcionar facilmente.

—Não. É incrível... eu realmente amei. E, diferente daquela que “não será mais nomeada”, o novo escritor me deu exatamente o que eu pedi.

Seu eufemismo era para Moira, é claro. Uma vez que Penrose descobriu, o jogo acabou para ela. Eles a expulsaram do projeto, a demitiram e a processaram, na mesma ordem. Acontece que filtrar propositadamente um manuscrito antes da publicação para publicidade era uma quebra de contrato, quem sabia?

—Ele é um pouco mais preconceituoso que o meu James Patterson, mas eu adoro— disse Mary. —Você fez bem, July.

Aprovação da mãe é sempre bem-vinda.

—Você fez bem, Jul— disse Roy. —Estou falando sério.

Eu sabia que sim.

—Obrigado, bebê.

Tudo o que restava a fazer era beijá-lo.

—Falando em momento apimentado— Sophia disse, referindo-se ao nosso beijo e com seus olhos em seu iPad.

—O que? — Roy perguntou.

—Você se lembra da garota cosplayer da reunião?

Acontece que a nova garota de George, a que ele havia levado para a reunião, por quem ele havia me deixado, não era a mais leal que existia. Durante o show, ela se afastou de George, mas ele a achou muito, muito descarada em um armário de suprimentos com um dos técnicos dos Lover Boys. Uma maneira de se aproximar da banda, não é?

—Só estou dizendo— Sophia continuou, ampliando uma imagem que eu

não podia ver. —Não tenho certeza de que ela possa ser chamada de “cosplay” quando há apenas quinze centímetros quadrados de tecido. Como é que ele ainda não viu isso?

—Ele não é um homem de mídia social, lembra? —Eu falei para ela.

—Acho que é internet suficiente por hoje— Roy ordenou, pegando o iPad dela.

O tablet tocou assim que ele o pegou das mãos dela, e a tela era grande o suficiente para ver que era uma mensagem de Will.

—Vamos lá— disse ele. —A banda e as meninas deveriam se encontrar em algo como... dez minutos atrás.

—A banda e as meninas? — Mary perguntou.

—Sim, mãe. Os meninos e amigas de July estão saindo juntos agora. Como amigos.

—Você sabe— disse Sophia. —Estatisticamente, pelo menos um deles será um casal.

Roy e eu compartilhamos um olhar.

—Você está pronta para fazer isso, linda? — Me perguntou.

—Oh, muito pronta.

Com isso, nós dois nos despedimos antes de sair. Era uma tarde perfeita em Los Angeles, o sol laranja selvagem no céu, o ar fresco e suave e o amor da minha vida ao meu lado. Por um momento, nós dois simplesmente ficamos do lado de fora do prédio, observando a paisagem de Los Angeles da melhor forma possível.

Dei um passo à frente, mas antes que eu pudesse me mover mais, senti o braço de Roy envolver minha cintura. Ele me virou gentilmente, olhando profundamente nos meus olhos enquanto aquele pequeno sorriso sexy que eu amava brincava em seus lábios.

—Venha aqui— disse ele.

Ele não precisava me dizer duas vezes. Ele pressionou seus lábios nos meus, compartilhando um beijo longo e encantador comigo. Eu rapidamente me perdi, meus joelhos estavam tão fracos que tive que me apoiar no carro atrás de mim. Eu quase esqueci onde estávamos quando meu polegar enganchou em seu cinto e suas mãos agarraram as curvas dos meus quadris.

—Merda— eu assobieei. —Pode não ser uma boa ideia nos beijar encostados no carro de um estranho.

Ele riu.

—O que é tão engraçado? — Eu perguntei para ele.

—Estou me lembrando daquele encontro que tivemos e como eles nos pegaram no ato.

—Um pouco antes do ato— eu corrigi com um sorriso.

—Sim. Sobre isso...

Agora eu estava curiosa.

—Tem algo em mente? — Eu perguntei para ele.

—Talvez. Estamos atrasados agora, mas o que você diz se tentarmos novamente no futuro? Você e eu no carro, sem ninguém por perto para nos incomodar.

Eu sorri, já animada.

—Eu gosto de onde você está com a cabeça.

Ele me puxou para outro longo beijo, e o mundo ao meu redor derreteu.

—Bem— eu disse quebrando nosso beijo. —Continuamos mais tarde, já estar tarde.

—Isso mesmo— ele confirmou.

Com isso, Roy pegou minha mão e nos afastamos do caminho que tínhamos percorrido antes de nos desviarmos.

—Eu nunca pensei que encontraria uma mulher como você, sabia? E agora que eu a tenho...

—Sim?

—Não consigo pensar em outra coisa senão a minha sorte.

Ele se inclinou e me beijou novamente, desta vez gentilmente, com ternura, amor.

—Eu te amo, July Wolter.

—E eu também te amo, Roy Mills.

Ele sorriu, levantando um dedo e sacudindo-o de um jeito espirituoso.

—Então, você está pronta para rockear comigo?

Eu lhe dei mais um beijo.

—Até a eternidade.